



REVISTA DA ACADEMIA  
NORTE-RIO-GRANDENSE  
DE LETRAS



REVISTA DA ACADEMIA  
NORTE-RIO-GRANDENSE  
DE LETRAS



Nº 45

Natal, Outubro /Dezembro – 2015.

**REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS**

**Publicação trimestral**

Diretor: Manoel Onofre Jr.

Editor: Thiago Gonzaga

Diagramação e capa: Diolene Machado/ CJA Edições

---

Catálogo na Fonte: Ana Cláudia Carvalho de Miranda – CRB15/261

---

R454

Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras / ANL. – V.1, n.1  
(mar. 1951 - ). - Natal: Offset Editora, 1951 - .

Irregular.

Número atual: 45, out./dez.2015.

ISSN: 0567-5995

1. Literatura - Periódico. I. Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

II. Título

CDU: 8(05)(813.2)

# Sumário

## ARTIGOS E ENSAIOS

### Lembranças de Edilson Varela

*Murilo Melo Filho*..... 10

### Convivência crítica - De olho na estante (7)

*Hildeberto Barbosa Filho*..... 14

### O país do carnaval

*Manoel Onofre Jr.*..... 17

### Percurso na poesia de Mário de Andrade

*Marcel Lúcio*..... 21

### Cidade dos Reis, a literatura, o romance e a evolução de uma cidade

*Thiago Gonzaga*..... 29

### Gracinda Freire - Um nome para não esquecer

*Leide Câmara*..... 32

### A estética do sertão

*Vicente Serejo*..... 37

### São Saruê e as estórias de Trancoso

*Iaperi Araújo*..... 39

### Raízes da religiosidade dos romeiros, beatos e penitentes sertanejos

*Benedito Vasconcelos Mendes*..... 41

### Matéria e alma

*Elder Heronildes*..... 43

### Lenda do rabo do elefante

*Lenine Pinto*..... 46

### Leopoldo Néelson - “Uma fita enlaçando uma granada”

*Angela Almeida*..... 48

### O Tenentismo e os ataques da Coluna Prestes no Rio Grande do Norte (1)

*Tomislav R. Femenick*..... 52

## CONTOS E CRÔNICAS

<b>A segunda metamorfose</b>	
<i>Nelson Patriota</i> .....	62
<b>José Vieira</b>	
<i>Demétrio Vieira Diniz</i> .....	69
<b>Pequeninos visitantes alados</b>	
<i>Francisco Sobreira</i> .....	71
<b>Um olhar passante</b>	
<i>Carmen Vasconcelos</i> .....	73
<b>Feliz natal</b>	
<i>Hudson Paulo da Costa</i> .....	76
<b>Rotatórias: parem os quatro!</b>	
<i>Armando Negreiros</i> .....	78
<b>Férias paulistanas</b>	
<i>Jenner Menezes</i> .....	81
<b>Nos porões da memória</b>	
<i>Valério Mesquita</i> .....	83
<b>Atração da farda</b>	
<i>Umberto Peregrino</i> .....	86
<b>O veraneio</b>	
<i>Carlos Roberto de Miranda Gomes</i> .....	88
<b>Mossoró no prato do dia</b>	
<i>Tarcísio Gurjel</i> .....	95

## POEMAS

### Tankas

<i>Diógenes da Cunha Lima</i> .....	106
-------------------------------------	-----

### Banho de sol pós-rebelião

<i>Paulo de Tarso Correia de Melo</i> .....	108
---	-----

**Poema**  
*Sonia Faustino*..... 110

**A duna dura**  
*Lívio Oliveira*..... 111

**Cantarei à chuva**  
*Maria Maria Gomes*..... 112

**Poema**  
*Júnior Dalberto*..... 114

## NOVOS ACADÊMICOS

**Discurso de saudação ao acadêmico Padre João Medeiros Filho**  
*Valério Mesquita*..... 116

**Discurso de posse do Padre João Medeiros Filho na Academia Norte-rio-grandense de Letras**.....122

## HOMENAGENS

**A pátria**  
*Jurandyr Navarro*..... 132

**Mossoró e a saga da liberdade: alguns aspectos**  
*João Batista Pinheiro Cabral*..... 137

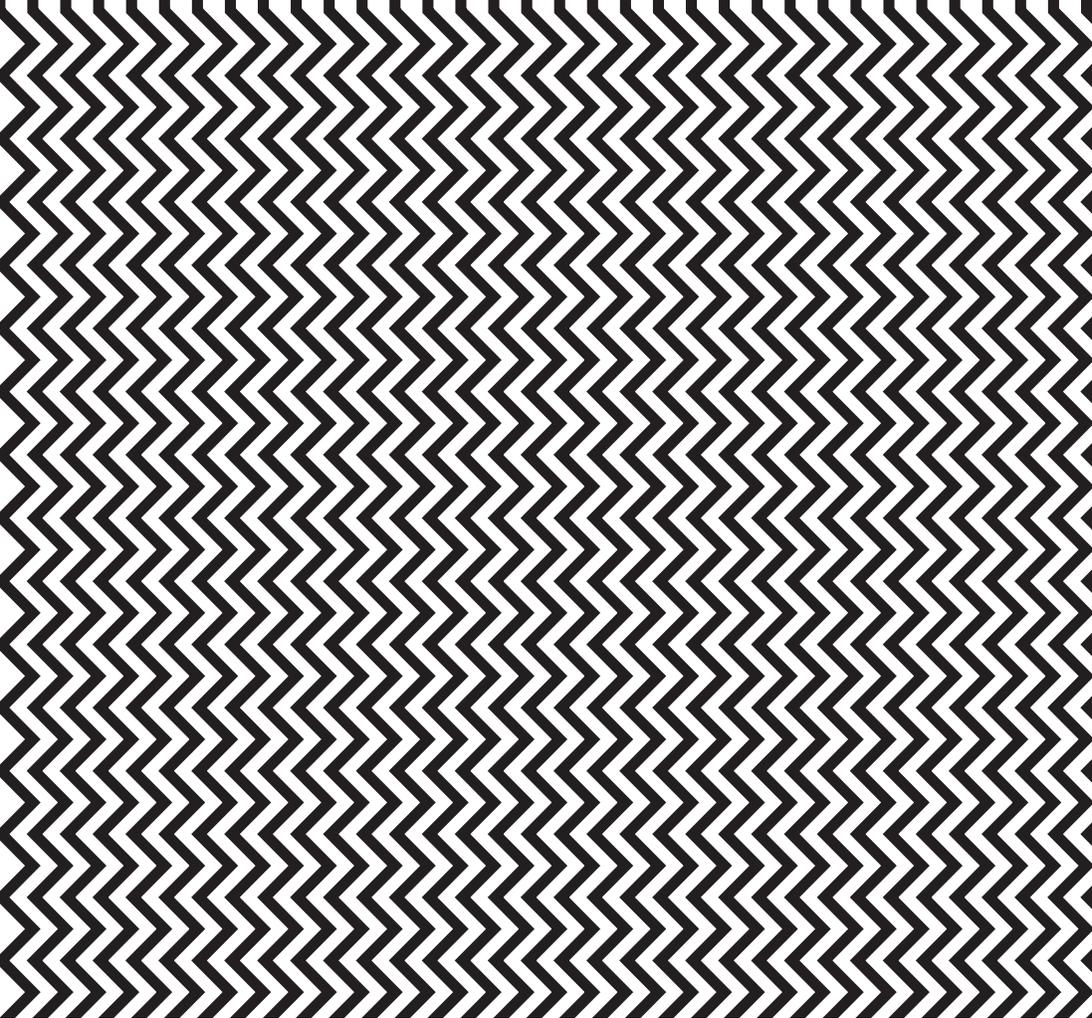
**Homenagem a Agnelo Alves**  
*Carlos Eduardo Alves*..... 144

**Homenagem ao Ministro Marcelo Navarro Ribeiro Dantas**  
*Marco Bruno Miranda Clementino*..... 147

**Homenagem a Agnelo Alves**  
*Tomba Farias*..... 159

**Benedito Vasconcelos Mendes: 70 Anos**..... 164





# ARTIGOS E ENSAIOS

# LEMBRANÇAS DE EDILSON VARELA

*Murilo Melo Filho*

Escrever sobre Edilson é muito fácil para mim, graças aos anos que, juntos vivemos, em Natal, primeiro no Ateneu Norte-Riograndense, com Luís da Câmara Cascudo, e logo depois em “A República”, com Djalma e Luís Maranhão, durante os nossos primeiros e atribulados tempos de uma juventude penosa e sofrida.

No teclado de uma velha máquina de datilografia, ninguém escrevia melhor e mais rápido do que Edilson.

Participávamos então, intensamente, das notícias que publicamos, durante seis anos, de 1939 a 1945, quando acompanhamos a “Ascensão e a Queda” do Terceiro Reich de Adolpho Hitler, na Alemanha, com o seu nazismo, e de Benito Mussolini, na Itália, com o seu fascismo.

Com mapas enormes, espalhados pela redação, eu e Edilson acompanhávamos, com botões e alfinetes, o avanço dos soldados aliados e russos, que se despencavam desde Moscou até Berlim.

Não raro, somente depois da meia-noite, fechávamos aquela edição da “República” e íamos a pé, para as nossas casas, porque naquela hora, em circulação, já não existia mais bonde elétrico.

Tínhamos os sonhos próprios de jovens que depois emigraram de Natal, para, sozinhos, enfrentarem no Sul do País, os perigosos desafios da vida.

Depois, transcorridos vários anos, voltamos o nosso pensamento para as angústias e sofrimentos que enfrentamos na assustadora megalópole do Rio de Janeiro.

Moços tímidos nas peladas do bairro do Tirol, lá em Natal, estávamos, de uma hora para outra, aterrorizados ante os arranha-céus da Cidade Grande, no Rio de Janeiro, tendo diante de nós apenas uma opção e uma alternativa: vencer ou vencer.

Relembrávamos, então, as aulas noturnas na Faculdade de Direito, geralmente dormindo sobre as carteiras, vencidos pelo sonho e pelo cansaço, o escasso dinheiro para a média com pão e manteiga e para a passagem do bonde.

Soubemos, depois, que tudo aquilo valera a pena: os espinhos da juventude, como as flores de François Malherbe, desabrochavam na Maturidade, quando já dávamos um balanço sobre o passado e víamos, felizes que de nada tínhamos para nos arrepender: nem eu, na MANCHETE, com Adolpho Bloch e nem Edilson na Associação Potiguar e no Centro Norte-Riograndense do Rio de Janeiro.

De volta a Natal, Edilson foi dirigir a “Rádio Educadora”, depois “Rádio Poti”, e “O Diário de Natal”, sob a liderança de Assis Chateaubriand e João Calmon.

Ele tinha orgulho de sua querida Cidade de Macaíba, onde nasceu, há 100 anos – que justamente agora se completam e se comemoram – e do seu Rio Grande do Norte, nele vivendo durante muito tempo, ao qual serviu com dedicação, visão e muitos sonhos.

Orgulhava-se bem, da Cidade de Natal, da sua Fortaleza dos Três Reis Magos, de Pedro Velho, de Alberto Maranhão, Câmara Cascudo, Seabra Fagundes, do Presidente Café Filho, dos Senadores José Ferreira de Souza, Kerginaldo Cavalcanti e Dinarte Mariz, dos Deputados Federais Aluizio Alves e Djalma Marinho, até inesquecíveis jornalistas, como Eloy de Souza, Veríssimo de Melo, Valdemar Araújo e tantos outros ilustres intelectuais, que povoaram a nossa comum geração.

Tínhamos orgulho, também, da Base Aérea de Parnamirim, tão importante na guerra para o triunfo dos americanos, do General Eisenhower, e dos Presidentes Franklin Roosevelt e Getúlio Vargas, cujo histórico encontro no Rio Potengi, eu e Edilson testemunhamos pessoalmente.

Reencontrei-me depois, com ele, em Brasília, como candangos e pioneiros, nos primeiros e difíceis anos de sua construção, que acompanhamos desde o seu primeiro tijolo.

Lembro-me perfeitamente bem daquela nossa primeira noite, como hóspedes do Presidente Juscelino Kubitschek,

desembarcados ali, do seu avião, numa pista improvisada, atrás do recém-construído Catetinho.

Os arquitetos e engenheiros, com Niemeyer, estavam bebendo uma dose de uísque quente, porque naquele tempo ainda não havia eletricidade em Brasília e assim também não podia haver gelo. JK disse-lhes:

-Você sabe, Oscar, que eu não gosto de uísque. Mas reconheço que uma pedrinha de gelo aí dentro do seu copo seria muito bem-vinda.

Nem bem JK acabou de pronunciar estas palavras, o céu de Brasília se enfarruscou e desabou sobre ela uma chuva torrencial, com granizo.

Era comovente ver aqueles rudes pioneiros aparando pedras de granizo para beber uísque com gelo.

No dia seguinte, às cinco horas da manhã, JK já estava de paletó esporte, camisa de gola rulê, botinas e chapéu de abas largas, com uma varinha na mão, batendo à porta dos nossos quartos e convidando-nos:

- Acordem. Acordem. Vamos ver as obras de Brasília.

E nos levou, numa Rural Willys, até o local onde hoje é a Praça dos Três Poderes. Apontando, ele assim dizia:

- Aqui será o Senado, aqui será a Câmara, mais adiante a Esplanada dos Ministérios. De um lado, o prédio do Supremo Tribunal e do outro será o Palácio do Planalto, onde eu vou trabalhar.

Fiquei boquiaberto. Via apenas chão, mato e muita poeira.

Ouvindo o Presidente falar daquele jeito, cutuquei Edilson:

- Vamos entrar nessa. Porque esse homem é doido e vai mesmo construir Brasília.

Na noite de 21 de abril, estávamos todos nós, jornalistas, parlamentares, embaixadores e ministros, reunidos no Palácio do Planalto, em trajes de gala – “smoking”, gravata borboleta, fraques e casacas – quanto JK interrompeu a orquestra e saudou ao microfone:

- Aqui estão presentes os jornalistas Edilson Varela e Murilo Melo Filho, aos quais Brasília já muito deve e ainda muito deverá.

Ali mesmo, no Palácio do Planalto, Dona Júlia, mãe de Juscelino, deslumbrava-se, sozinha, numa janela, admirando Brasília, naquela hora feericamente iluminada.

Dona Júlia então nos chamou, a mim e ao Edilson, e apontando o céu de Brasília, comentou:

- Só mesmo J.K. seria capaz de fazer tudo isto.

Graças a Edilson, entrava no ar TV-Brasília, ao lado do “Correio Brasiliense”, em homenagem a Hipólito José da Costa, com o apoio de um bravo grupo de jovens jornalistas, entre outros: Ari Cunha, Rubens Furtado, Maurício Vaitsman, Mário Garófalo, Evaristo de Oliveira, Katucha, Expedito Quintas, Gilberto Amaral, Adirson Vasconcelos, Maurício Dinepi, Roberto Stuckert e Oliveira Bastos.

Para terminar, devo dizer-lhes que me lembro perfeitamente de uma lancha que Adolpho Bloch, o proprietário da MANCHETE, certo dia, mandou para nós dois, para mim e para Edilson, com o seguinte bilhete:

“Aí vai esta lancha para vocês dois fazerem relações públicas no Lago de Brasília. Não façam economia em matéria de relações públicas. Por que nós, os judeus, perdemos o Cristo por falta de relações públicas”

E acrescentava, num “post-scriptum”:

“Fizemos um mau negócio. Porque um homem como aquele não se perde.”

Onde quer que agora esteja, Edilson certamente estará habitando um Universo bem melhor do que este nosso e intercedendo por nós junto ao Deus Pai, Todo Poderoso.

**MURILO MELO FILHO** é jornalista e escritor, autor dos livros “Testemunho Político”, “Tempo Diferente”, e outros. Membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

# CONVIVÊNCIA CRÍTICA

## de olho na estante ☐

*Hildeberto Barbosa Filho*

Segundo Ferreira Gullar, “Nas pontas dos pés” (Mossoró: Sarau das Letras, 2015), de Antonio Fabiano, possui “linguagem fluente, sem ênfase”, alçando-se, portanto, “acima da banalidade da vida”. Antonio Carlos Secchin, por sua vez, em breve texto de apresentação, relewa o tom recatado e delicado de sua dicção lírica, “despojada de toda pompa, e, por isso mesmo, cúmplice das pequenas maravilhas de que se tece o cotidiano”.

Temos, assim, ressaltados pelos poetas/críticos elementos de forma e fundo peculiares à poética desse paraibano de Patos, que cresceu e viveu em Cerro Corá (RN) até 2004, ano em que ingressou na Ordem do Carmelo Descalço.

À sutileza e à limpidez da linguagem corresponde uma temática voltada para as experiências do dia a dia, aquilo que poderíamos denominar de o complexo da “vida simples”, para lembrar uma expressão de Jurandy Moura, transfigurado, no entanto, pelo poder das palavras, em suas possibilidades imagéticas, rítmicas e ideativas.

Frei Antonio Fabiano não teme o apelo silencioso, mas urgente, das coisas comuns e das circunstâncias banais que o circundam no plano existencial, para, com os utensílios idiomáticos, utilizados com parcimônia e sabedoria poéticas, transcender o imediatismo pragmático das vivências que a realidade nos impõe, desvelando seus aspectos essenciais e imperceptíveis.

Em “O bailarino”, diz que “voava/Por sobre a copa das árvores/Enchia de nada a noite”; em “A luz bruxuleante”, acerca-se de sua “nudez/Tangida pelo dedo de um demônio”, assegurando, mais à frente do poema, que “Por entre bicicletas/Moinhos e tímidos sorrisos/Existimos”; em “Grão milagre”, descobre que “não se pode interromper/Com as mãos a dança de um rio.../A gente é e para isso

nasce./O pulso às vezes dói mas é sublime e/ - mesmo que eu não quisesse -/Morava e ainda mora e há de morar/Nas veias como em ostra o grão milagre!...”.

Motivos como a casa, o pai, a infância, o corpo, a poesia, o palhaço, a velhice, entre tantos outros, são contemplados pelo olhar lírico desse poeta que, como poucos, sabe unir a dimensão lúdica do texto (ver, sobretudo, “Poema da nuvem”, à página 31) a seu viés reflexivo, onde, em particular, impõe-se a força do pensamento poético. Um poema como “Estridência” ilustra bem o que quero dizer. Vejamos: “Há dias de sagrado ócio/Em que a vontade é de/ Não fazer mais nada//Só beber a estridência de estar aqui/Como quem bebe o canto/De cigarras e grilos//Brindar sua canção/Às vezes tão incômoda/Como a vida//Esta vidinha/Que não trocamos por nenhuma/Das eternidades”.

O mesmo se pode afirmar de “Isto não é um haicai”, em seu recorte autoirônico: “Um dia não haverá/Lembrança disto que fomos/(Por mais belos que sejamos)”. Além dessa coletânea, o autor publicou, em 2012, “Sazonadas” e “Girassóis noturnos”, e, em 2014, “Cancioneiro da terra”. Sua poesia tem sido reconhecida, em seu valor intrínseco, por professores e poetas, como Maria Lúcia Dal Farra e Paulo de Tarso Correia de Melo.

\*\*\*

Em “Literatura RN: livros selecionados” (Natal: Sebo Vermelho, 2014), de Anchieta Fernandes, temos, em ilustrado recorte, uma pequena radiografia crítica a respeito da literatura produzida no Rio Grande do Norte. O livro resulta de uma coluna assinada pelo ensaísta no “Jornalzinho do Sebo Vermelho”, editado por Abimael Silva, e integra, sob o número 400, a rica Coleção João Nicodemos de Lima.

No âmbito da seleção, Anchieta Fernandes, tarimbado exegeta dos múltiplos processos semióticos, procura contemplar os diversos gêneros literários (a poesia, o conto, o romance, a crônica), assim como o ensaísmo de natureza crítica e historiográfica, a considerarmos, por exemplo, obras como “A biblioteca e seus habitantes”, de “Américo de Oliveira Costa”, “A poesia e o poema do Rio Grande do Norte”,

de Moacyr Cirne, e “O dicionário do folclore brasileiro” e “História da cidade de Natal”, ambos de Luís da Câmara Cascudo.

Espécie de “balanço”, o empreendimento crítico do autor vem no sentido de reconhecer e validar a existência de uma literatura, por mais que certos “sábios” a depreciem, no estado potiguar. Segundo ele, “Criativa, personalística, polêmica, regional ou internacional, séria ou debochada – nossa produção livresca não faz feio em nenhuma estante do mundo”.

Ora, para além desta verdade intrínseca que caracteriza o microsistema literário norte-rio-grandense, permeável pela verificação das virtualidades estéticas de escritores e poetas, como Eulácio Farias de Lacerda, Nei Leandro de Castro, Zila Mamede, José Bezerra Gomes, Jorge Fernandes, Socorro Trindade, Myriam Coeli, Carlos de Souza e Manoel Onofre Júnior, entre outros, a seleção se impõe pelo valor documental, enquanto fonte de pesquisa para a história literária e a memória cultural da região.

Focando sobretudo os ingredientes estéticos da linguagem poética e trazendo à tona os componentes estruturais articulados no plano da narrativa ficcional, Anchieta Fernandes procura dialogar com seus pares, numa espécie de “convivência crítica” que tende a relevar a singularidade da produção local, inserindo-a, em certo sentido, no contexto mais vasto da literatura brasileira.

Por isso mesmo, como que retoma a tradição crítica do Rio Grande do Norte, inaugurada por Câmara Cascudo, com o volume “Alma patricia”, de 1921, e, de alguma maneira, continuada pela pena exegética de personalidades, como Ezequiel Wanderley, Tarcisio Gurgel, Paulo de Tarso Correia de Melo, Nelson Patriota, Manoel Onofre Júnior, Moacyr Cirne, Humberto Hermenegildo e, mais recentemente, Alexandre Alves e Thiago Gonzaga.

**HILDEBERTO BARBOSA FILHO** é escritor, poeta e professor. Membro da Academia Paraibana de Letras. Autor de “Nem Morrer é Remédio”, “O Galo da Torre” e outros livros.

# O PAÍS DO CARNAVAL

*Manoel Onofre Jr.*

Escritores há que estream em livro já no pleno domínio dos instrumentos do seu ofício, produzindo de saída a sua obra-mestra. É o caso de Gilberto Freyre, cujo livro “ Casa Grande & Senzala”, surgido logo no início de sua carreira ( 1933) alcança culminâncias que não mais seriam atingidas em suas obras posteriores. Outros autores, porém, na maioria, aliás, ensaiam os primeiros passos de modo hesitante, e cometem falhas de que mais tarde amargamente se penitenciam. Exemplo eloquente, o romancista Jorge Amado, que, antes de publicar “ O País do Carnaval”, tido e havido como o seu primeiro romance, escreveu em parceria com Edison Carneiro e Dias da Costa, uma novela – “ Lenita”, obra imatura, depois renegada. É o próprio autor quem diz sobre essa, digamos, natimorta:

“Um único subliterato não poderia tê-lo feito tão ruim, foi necessário que se juntassem três “(*Apud* José Castello – “ Romance de Deformação”, posfácio a “ O País do Carnaval” – Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2011,p.152).

“Lenita” saiu inicialmente em folhetim em “ O Jornal de Salvador” (1929) e, no ano seguinte, como parte de um volume editado por Coelho Branco Filho ( Rio de Janeiro). Ao que me consta, não foi reeditada. De modo que a estreia de Jorge Amado nas letras deu-se mesmo com o “País do Carnaval”. Os originais – vale dizer – ficaram, bastante tempo, jogados numa gaveta da editora Schmidt até serem “ descobertos” pelo escritor Tristão da Cunha, que os recomendou à publicação ao editor e poeta Augusto Frederico Schmidt. Lançado em 1931, o livro foi recebido com boas palavras por alguns dos mais importantes críticos literários, então em atividade na capital do país, como João Ribeiro, Agrippino Grieco e Medeiros e Albuquerque. Este último, diga-se de passagem, havia desancado “Lenita”, em artigo de rodapé.

Embora sem maior relevância no conjunto da obra jorgeana, se se levar em conta apenas o seu valor intrínseco, “O País do Carnaval” tem despertado bastante interesse, não só por ser o marco inicial da carreira literária do grande ficcionista baiano, mas também por se tratar de uma obra sem similar dentre as muitas por ele criadas ao longo de várias décadas.

A partir do seu segundo romance, “Cacau” (1933), Jorge Amado tomaria novo rumo, passando a explorar outros veios ficcionais: a saga do cacau no sul da Bahia, sob influxo do Regionalismo de 30, e o mundo urbano, popular, lírico e picaresco da sua amada terra ( Salvador, Ilhéus, etc.). Tal mudança - ressalte-se - deveu-se principalmente à sua opção político-ideológica. Comunista convicto, submeteu-se aos dogmas do Realismo Socialista, doutrina originária da então onipotente União Soviética, presente em toda a primeira fase do romancista. Nenhuma das obras produzidas nesta fase tem qualquer afinidade, temática e formalmente, com o romance de estreia.

Neorrealista *avant la lettre*, “O País do Carnaval”, como já foi dito, é o romance de uma geração. O próprio autor, na introdução, afirma:

“Este livro é um grito. Quase um pedido de socorro. É toda uma geração insatisfeita que procura a sua finalidade”.

Sob certo aspecto, poderia alinhar-se junto a obras como “O Encontro Marcado”, de Fernando Sabino, e filmes como “Os Boas-Vidas”, de Fellini. Mas, isto é discutível.

Paulo Rigger, personagem de primeira plana, regressa a sua terra, a Bahia (leia-se cidade de Salvador), após alguns anos na França, onde, como refinado epicurista, muito usufruiu dos prazeres da carne, da boa mesa, menos daquilo a que se propunha quando para lá se dirigiu : estudar Direito. Certo é que adquiriu o canudo de bacharel, mas este de nada lhe servia.

Privilegiado rebento da aristocracia rural baiana, ele se entrosou com amigos baianos – Pedro Ticiano, Ricardo Braz, Jerônimo Soares e José Lopes - , formando grupo coeso, que termina se metendo no jornalismo , à sombra de um inescrupuloso – o Gomes - , fundando, o “ Estado da Bahia”, empreendimento logo malogrado.

Jovens, quase todos, cada um procura seu rumo na vida. São, como bem se dizem, “mosqueteiros da felicidade”. Exceção é Pedro Ticiano, espécie de guru – bem mais velho que os demais, um personagem interessantíssimo. Cético, niilista mesmo, de todos, o único que busca a felicidade pelo avesso... Nada busca, em verdade. Veja-se o que ele diz a certa altura:

“Aqueles dois homens conversavam muito. Pedro Ticiano, *blagueur*, ria da insatisfação de Paulo Rigger:

- Por que você não chega à religião, rapaz?

-Sei lá! Talvez chegue mesmo...

-Ora, Rigger, deixe disso. Procure viver para a dúvida. Viver para o sofrimento. Para a própria insatisfação. Em vez de combater a dúvida, adorá-la. Eu duvido de tudo.

-Até da dúvida ?

-Principalmente da dúvida...” ( Rio de Janeiro : Companhia das Letras, 2011, p. 99).

O fim do grupo de amigos é melancólico. Paulo Rigger, rico, bem de vida, anseia em vão realizar-se no amor, confessa-se “um fracassado”. Pedro Ticiano, já cego, sem perder todavia a verve, morre. Os demais deixam-se levar pela vidinha burguesa, sem horizontes, conformam-se.

Evidente aí, como em tudo mais, um forte e sugestivo traço de crítica social, que se revela especialmente na fala dos personagens. Aliás, é dos diálogos, numerosos, que se faz, em grande parte, a tessitura da obra.

A propósito, vale citar o crítico e escritor José Castello, que, referindo-se aos personagens, em particular ao grupo de amigos, afirma:

“... falta, por certo, um acabamento clássico, na linha da literatura psicológica. Mais que sujeitos, eles são instrumentos que servem ao jovem Jorge para expressar o conflito de ideias em que naquele momento se afogava (“Romance de Deformação”. Posfácio a “O País do Carnaval”. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2011, p.147).

Reflexos do âmago do autor – um quase adolescente, então -, aqueles jovens desesperançados protagonizam drama que é também, *mutatis mutandis*, do país onde eles vivem – o País do Carnaval.

Na cena final, quando Paulo Rigger, de retorno à Europa, enjoado de tudo que é Brasil, caminha até o cais do porto do Rio, em meio à balbúrdia do carnaval de rua, esbarrando, enraivecido, nos foliões, para embarcar, tem estas palavras enigmáticas:

“- Afinal, talvez este povo esteja com a razão. No Carnaval talvez esteja tudo...”.

**MANOEL ONOFRE JR.** é escritor, autor de “Chão dos Simples”, “Ficcionistas Potigüares” e outros livros, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras

# PERCURSO NA POESIA DE MÁRIO DE ANDRADE

*Marcel Lúcio*

O ano de 2015 marca os 70 anos da morte do escritor paulista Mário de Andrade (1893-1945). Eventos e lançamentos editoriais evidenciaram esse fato: a Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) homenageou o autor de Macunaíma e a Editora Nova Fronteira está republicando toda a sua obra. Além disso, muitas “descobertas” acadêmicas sobre vida e obra do escritor movimentaram os debates nas universidades e espaços literários, como a divulgação de áudios inéditos com a voz de Mário de Andrade recitando e explicando canções da cultura popular e a publicidade de carta com a revelação da homossexualidade do autor. E, para coroar toda a atenção em torno do escritor, a partir do próximo ano sua obra se torna domínio público.

Poeta, romancista, contista, crítico literário, musicólogo, estudioso da cultura popular, ensaísta, mentor intelectual da Semana de Arte Moderna, pioneiro na poesia modernista brasileira com a publicação da obra Paulicéia Desvairada em 1922, agitador e gestor na área da cultura, é difícil classificar e especificar o campo de atuação de Mário de Andrade, dada a diversidade e versatilidade do intelectual. Mário de Andrade pode ser considerado um “talento poliédrico”.

O romance/rapsódia Macunaíma (1928), pela genialidade do conteúdo e pela originalidade da linguagem, e a militância/atuação, teórica e prática, nos debates sobre cultura e identidade nacional em alguns momentos ofuscam a elaboração de Mário de Andrade em outros campos literários, como, por exemplo, na poesia.

Mário foi um exímio poeta! Possui seis livros de poesia publicados: Há uma gota de sangue em cada poema (1917); Paulicéia desvairada (1922); Losango cáqui (1926); Clá do jabuti (1927); Remate de males (1930); Lira paulistana, seguida de O carro da miséria (1946 – póstumo). Apesar de manter algumas constantes temáticas e formais, de modo geral, cada livro representa uma maneira diferente de trabalhar o texto poético.

Há uma gota de sangue em cada poema pode ser considerada uma obra periférica de Mário de Andrade. Pouco estudada na academia, há bibliografias do autor que inclusive a omitem. Quando referida, recebe classificação que atribui valor negativo, como “obra imatura”, “equivoco parnasiano” e “versos insignificantes”. De fato, a obra não apresentava as inovações modernistas das obras posteriores. O jovem poeta, influenciado pela Primeira Grande Guerra Mundial, exercitava o verso e dialogava ainda com a corrente estética que antecedeu a explosão modernista. Sob influência do cristianismo e de poetas franceses, como Victor Hugo, pode ser considerada uma obra pré-modernista. Foi publicada sob o pseudônimo Mário Sobral.

Referência obrigatória para os modernistas, Paulicéia desvairada, livro de poemas publicado em 1922, apresentou-se repleto de inovações na linguagem (sem métrica e sem rima, verso livre e verso branco, utilização de elipses). A cidade de São Paulo, em efervescente processo de urbanização e industrialização, foi o ponto de partida para a temática predominante no livro. Foram utilizados o poema-piada, a poesia cotidiana, de modo que o gênero poesia se aproximava à prosa. A poesia circunstancial, que principia do fato aparentemente banal, foi explorada por outros poetas modernistas como Oswald de Andrade e Carlos Drummond de Andrade. Nessa obra, Mário de Andrade revelou também a sua faceta de teórico: no “Prefácio interessantíssimo”, explicou a teoria poética do “desvairismo”, que consistia na livre associação de ideias e na escrita automática, aspectos que revelam a influência das vanguardas europeias sobre o poeta. Os versos do poema “Ode ao burguês” sintetizam o espírito da obra e do momento histórico:

Eu insulto o burguês! O burguês-níquel,  
O burguês-burguês!  
A digestão bem-feita de São Paulo!  
O homem-curva! o homem-nádegas!  
O homem que sendo francês, brasileiro, italiano,  
É sempre um cauteloso pouco-a-pouco!

[...]

Morte à gordura!  
Morte às adiposidades cerebrais!  
Morte ao burguês-mensal!  
Ao burguês-cinema! ao burguês-tílburi!  
Padaria Suíça! Morte viva ao Adriano!  
“– Ai, filha, que te darei pelos teus anos?  
– Um colar... – Conto e quinhentos!!!  
Mas nós morremos de fome!

[...]

Ódio e insulto! Ódio e raiva! Ódio e mais ódio!  
Morte ao burguês de gíolhos,  
Cheirando religião e que não crê em Deus!  
Ódio vermelho! Ódio fértil! Ódio cíclico!  
Ódio fundamento, sem perdão!

Fora! Fu! Fora o bom burgês!...

Na obra seguinte, *Losango cáqui* (1926), Mário de Andrade manteve as inovações modernistas da *Paulicéia Desvairada*. Um aspecto interessante a ser observado, pois permaneceu na sua produção poética posterior, é a adoção das “notações líricas” e das “meditações”. Notações líricas, composições inspiradas por sensações, ideias e momentos da vida. Meditações, poemas longos nos quais o poeta discutia seu destino ou o destino do país. Os livros *Paulicéia desvairada* e *Losango cáqui* são considerados a face modernista mais radical dentro da poética de Mário de Andrade. Cabe assinalar que, em 1925, antes da publicação de sua segunda obra com a acentuada influência da estética modernista, Mário publicou o ensaio teórico “A escrava que não é Isaura”, no qual aprofundava suas especulações, iniciadas no “Prefácio interessantíssimo”, sobre a poética em construção de modo mais científico.

Em *Clá do jabuti* (1927), Mário de Andrade continuou, com uma linguagem menos agressiva e de maneira mais sutil, com as inovações modernistas ao seu texto literário, porém utilizou predominantemente referências à cultura popular de diferentes regiões do país. De modo que essa obra funciona cronologicamente como uma espécie de prenúncio para a narrativa *Macunaíma*, publicada no ano seguinte. Assim, *Clá do jabuti* assinalou as facetas do Mário estudioso da cultura popular e do intelectual preocupado com a busca de uma identidade nacional. O poema “Coco do major” reflete bem a imersão do poeta no universo das manifestações populares:

O major Venâncio da Silva  
Guarda as filhas com olho e ferrolho,  
Que vidinha mais caningada  
– seu mano –  
Elas levam no engenho do velho!

[...]

Vai um mocetão paroara  
Destorcido porém sem cabeça  
Apostou num coco de praia  
– seu mano –  
Que daria uma espiada nas moças.

Pois a fala do lambaceiro  
Foi parar direitinho no ouvido  
Do major Venâncio da Silva  
– seu mano –  
Que afinal nem se por achado.

Bate alguém na sede do engenho.  
– Seu major, ando morto de sede,  
Por favor me dê um copo de água...  
– seu mano –  
– Pois não, moço! Se apeie de água.

Dois negrões agarram o afoito,  
O major assobia pra dentro.  
Vêm três moças lindas chorando  
– seu mano –  
Com quartinhas de barro cinzento.

– Esta é minha filha mais velha  
Beba, moço, que essa água é de sanga.  
E os negrões obrigam o pobre  
– seu mano –  
A engulir a primeira moringa.

– Esta é minha filha do meio  
Beba, moço, que essa água é de corgo.  
E os negrões obrigam o pobre  
– seu mano –  
A engulir a moringa já vesgo.

– Esta é minha filha mais nova  
Beba, moço, que essa água é de fonte.  
E os negrões afogam o pobre  
– seu mano –  
Que adubou os faxeiros do monte.

O major Venâncio da Silva  
Tem as filhas mais lindas do norte  
Mas ninguém não viu as meninas  
– seu mano –  
Que ele as guarda com água de pote.

Ainda explorando a diversidade cultural do país, mas também se voltando para o seu mundo interior, Mário de Andrade publicou, em 1930, *Remate de males*. Nessa obra, está o famoso poema usado para descrever a personalidade múltipla de Mário de Andrade: “Eu sou trezentos”. O reconhecido poema “Louvação da tarde” expõe a capacidade do poeta desenvolver reflexões a partir da experiência imediata e das paisagens exteriores, assim como acontece no poema “Momento (abril de 1927)”:

O vento corta os seres pelo meio,  
Só um desejo de nitidez ampara o mundo...  
Faz sol. Fez chuva. E a ventania  
Esparrama os trombones das nuvens no azul.

Ninguém chega ser um nesta cidade,  
As pombas se agarram nos arranhacéus, faz chuva.  
Faz frio. E faz angústia... É este vento violento  
Que arreventa dos grotões da terra humana  
Exigindo céu, paz e alguma primavera.

Lira paulistana, seguida de *O carro da miséria* (1946), é considerada a obra madura do poeta. Publicada postumamente, não foi bem recebida pela crítica da época. A cidade de São Paulo foi retomada como tema literário nos poemas desse livro, constituindo-

se uma espécie de fio condutor que permeia toda a obra poética de Mário mesmo em suas diversas fases, principiando na Paulicéia desvairada e finalizando na Lira paulistana. O famoso e complexo poema “A meditação sobre o Tietê” é considerado pelo crítico Antonio Candido como uma síntese das tendências expressas na poesia de Mário de Andrade, pois realiza a fusão entre o coletivo e o pessoal, articulando imagens advindas de sua obra poética anterior, conforme se pode observar nos versos finais do poema:

Na noite. E tudo é noite. Rio, o que eu posso fazer!...  
Rio, meu rio... mas porém há-de haver com certeza  
Outra vida melhor do outro lado de lá  
Da serra! E hei-de guardar silêncio!  
Deste amor mais perfeito do que os homens?...

Estou pequeno, inútil, bicho da terra, derrotado.  
No entanto eu sou maior... Eu sinto uma grandeza infatigável!  
Eu sou maior que os vermes e todos os animais.  
E todos os vegetais. E os vulcões vivos e os oceanos,  
Maior... Maior que a multidão do rio acorrentado,  
Maior que a estrela, maior que os adjetivos,  
Sou homem! vencedor das mortes, bem nascido além dos dias,  
Transfigurado além das profecias!  
Eu recuso a paciência, o boi morreu, eu recuso a esperança.  
Eu me acho tão cansado em meu furor.  
As águas apenas murmuram hostis, água vil mas turrona paulista  
Que sobe e se espraia, levando as auroras represadas  
Para o peito dos sofrimentos dos homens.  
... e tudo é noite. Sob o arco admirável  
Da Ponte das Bandeiras, morta, dissoluta, fraca,  
Uma lágrima apenas, uma lágrima,  
Eu sigo alga escusa nas águas do meu Tietê.

A multiplicidade da produção poética de Mário de Andrade assinala a capacidade de diálogo de sua obra com vários momentos da história brasileira entre os anos 20 e 40 do século passado: principiando com a renovação da linguagem literária mimetizando a modernização e industrialização de São Paulo e, posteriormente, discutindo a identidade e os destinos do país. Lendo os poemas de Mário de Andrade se percebe que o romancista, contista, crítico literário, musicólogo, estudioso da cultura popular, ensaísta, mentor intelectual da Semana de Arte Moderna, agitador e gestor na área da cultura também possui uma poesia de múltiplas faces.

**MARCEL LÚCIO** é escritor e professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do IFRN – Campus Natal Cidade Alta.

# CIDADE DOS REIS, A LITERATURA, O ROMANCE E A EVOLUÇÃO DE UMA CIDADE

*Thiago Gonzaga*

*Atravesso o presente de olhos vendados,  
mal podendo pressentir aquilo que estou vivendo...  
Só mais tarde, quando a venda é retirada,  
percebo o que foi vivido  
e compreendo o sentido do que se passou...*

Milan Kundera

Comentei, certa vez, em um ensaio literário, que, assim como todas as artes, a literatura está vinculada à sociedade em que se origina, e não há escritor completamente alheio a sua realidade, ao seu chão, a sua cidade. Partindo de algumas experiências pessoais, cada escritor recria o real, dando origem a um fato ficcional, e através dele consegue transmitir suas ideias e emoções ao mundo. Desta maneira compreendemos a literatura como um objeto vivo, uma verdadeira relação eficaz do escritor com o seu meio. Explano o assunto após a leitura da obra “Cidade dos Reis”, do escritor Carlos de Souza, um romance pioneiro no Estado, em se tratando de contar a história de uma cidade.

Com desenvoltura, o romancista narra alguns dos principais fatos e personagens da cidade do Natal, ao longo do século XX, utilizando como pano de fundo a história de Jonas Camarão, desde a sua infância e juventude, o encontro com a sua adorada Mara, a dor da perda, as lutas, vitórias e desilusões, até sua velhice, no final do milênio passado.

Um leitor mais atento vai observar muito mais o relato de episódios reais do que propriamente ficção. Na verdade, o principal personagem é a própria cidade de Natal; outros ficam em segundo

plano, tudo, contado por dois narradores, um dos quais, de nome Juca Guiné, uma espécie de Câmara Cascudo local, que conhece muitos fatos e figuras da cidade, inclusive episódios curiosos, como a passagem de Clarice Lispector por Natal, episódio este, que a própria escritora iria descrever detalhando haver detestado a cidade. São alguns dos relatos que misturam muito bem ficção e realidade.

Lendo essa obra me vem à mente a famosa frase de Tolstoi: “Canta tua aldeia e serás universal”. Pode até parece muito clichê, mas é com ela que reafirmo a importância de nos voltarmos para o que é da nossa terra. Já era hora de Natal ter o seu romance; várias outras cidades têm sua biografia romanceada. Cito, de memória, como exemplos: “São Jorge dos Ilhéus”, de Jorge Amado; “Terra de Caruaru”, de José Condé; “A Noite sobre Alcântara”, de Josué Montello...

Trabalhos dessa natureza cumprem uma função além do apenas literário.

Segundo Antonio Candido, uma das funções da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, e ela é uma construção de objetos autônomos com estrutura e significado, e é também uma forma de expressão e de conhecimento. A literatura tem uma função “formadora”, que lhe confere um caráter educativo. Acredito que a afirmação do eminente crítico aplica-se a trabalhos dessa natureza, que além de entreter, educam, instruem.

Para Candido existem na literatura níveis de conhecimento intencionais, ou sejam, planejados pelo escritor e conscientemente assimilados pelo leitor. É nesses níveis que o autor injeta suas intenções, sejam ideológicas, de crença, etc. .( É notória em algumas passagens do romance “Cidade dos Reis” a posição ideológica do autor). Ainda, segundo Candido, a literatura satisfaz à necessidade de conhecer os sentimentos e a sociedade, ajudando o leitor a tomar posição em face deles. Dessa forma destacam-se duas funções da literatura: a cognitiva, ou seja, de passar conhecimento, e a político-social, que é a que interfere no senso crítico do leitor. Outro renomado crítico literário, José Guilherme Merquior, defendeu, certa vez, em um dos seus ensaios, nos anos 60, que o escritor deve colaborar na formação de uma sociedade, de modo cada vez mais crítico. Essa, uma das missões do artista. De acordo com Merquior, devemos compreender

a arte como tendo também uma função cognitiva, e reconhecer o artista como um mediador de informações. De igual modo parece ter sido este o entendimento do escritor Carlos de Souza na construção de seu romance : uma obra que também ensina, forma.

Em consonância com as ideias de Merquior, acredito que seja exatamente essa função da arte, especialmente, da literatura, que pode conferir ao escritor condições para tratar de assuntos sérios, relevantes, tornando-se assim um instrumento de transformação social. No presente caso, Carlos de Souza tratou de escrever o romance de uma cidade de forma séria, e, em linhas gerais, fidedigna, chegando ao ponto, como já disse, de deixar a obra com caráter quase não ficcional, tantos os relatos históricos nela inseridos.

Evidente que alguns deslizes, aos quais não vou me ater, por serem tão pequenos, não comprometem a riqueza e a importância de “Cidade dos Reis”. Importa sobretudo observarmos pontos fortes, como, por exemplo, a qualidade estética. Sabemos que a forma é o que propicia à obra sua natureza literária por excelência e lhe confere também uma feição poética. O livro de Carlos de Souza, está repleto de passagens poéticas, e foi minuciosamente organizado mediante a escolha dos elementos da linguagem, de maneira a constituir uma estrutura plena de significado, porém com facilidade para tocar qualquer leitor. Outro aspecto digno de nota: a universalidade de certos sentimentos, expressa na caracterização dos personagens, como por exemplo, o próprio relacionamento amoroso entre Jonas e Mara, a relação dele com os filhos, etc.

Talvez, algumas lacunas sejam encontradas ao longo da narrativa, mas cabe ao leitor preenchê-las; há fragmentos que irão exigir redobrada atenção à leitura.

Por fim, vale salientar que muitos natalenses não sabem sequer a história do seu bairro, quanto mais a de sua cidade, e – o que é pior- não sabem amá-la. Essas pessoas precisam, urgentemente, ler o livro de Carlos de Souza. Não somente elas, obviamente, mas todos quantos buscam o prazer e o proveito da literatura.

**THIAGO GONZAGA** é pesquisador, especialista em literatura e cultura potiguar pela UFRN. Autor de “Presença do Negro na Literatura Potiguar & Outros Ensaios”, “Literatura Etc.”, “Impressões Digitais” (v. 1, 2, 3) e outros livros.

# GRACINDA FREIRE

## UM NOME PARA NÃO ESQUECER

*Leide Câmara*

Há exatamente 20 anos saiu da cena da vida a grande atriz de cinema, teatro e televisão, a Potiguar Gracinda Freire, que teve uma carreira brilhante, em que atuou ao lado dos maiores nomes da dramaturgia brasileira. No cinema, foram quase 30 filmes e na televisão, 12 novelas, além da atuação em espetáculo teatral.

Ao pesquisar sobre o disco “Reencontro”, lançado pelo Governador Cortez Pereira em 1975, tive a curiosidade de saber sobre os artistas potiguares que vieram para a famosa festa do Reencontro. Assim, fui falando com os músicos, Paulo Tito, Roberto Lima e ao falar com Fernando Luiz, ele confirmou a vinda das atrizes Rejane Medeiros e citou Gracinda Freire, o que me chamou a atenção. A curiosidade foi tanta que iniciei uma pesquisa para conhecer mais sobre a vida de tão importante atriz potiguar. Não consegui encontrar seus familiares aqui em Natal, mas encontrei uma estrela de primeira grandeza, de brilhante carreira e de fantástica trajetória artística nacional.

Gracinda Freire é o nome artístico de Grecina Freire Barreto dos Santos, nasceu em Natal/RN, a 31 de julho de 1923 e faleceu no Rio de Janeiro/RJ, no dia 11 de julho de 1995, aos 69 anos de idade, vítima de um acidente vascular cerebral (AVC). Era filha de Joaquim Augusto Freire e Maria Enedina Freire. Irmãs de Gracinda Freire, Yara Freire da Silva e Lygia Freire.

Gracinda Freire casou, no dia 14 de janeiro de 1941 no Rio de Janeiro/RJ, com o cantor e compositor pernambucano, Fernando Barreto (Fernando Lydio Barretto dos Santos 1919 - 1984), com quem teve um filho, Roberto Jorge Freire dos Santos (nasceu a 30 de outubro de 1956, faleceu no Rio de Janeiro, no dia 9 de junho de 1996). Roberto Jorge era compositor, produtor de televisão e foi

casado com a cantora amazonense, Áurea Catharina Rivera, com quem teve três filhos, João Marcelo, Pedro Ivo e Mariana.

Quase nada se sabe de sua vida artística em Natal, antes de se mudar, provavelmente na década de 1940, com a sua família, definitivamente, para Cidade Maravilhosa.

Gracinda foi casada pela segunda vez com o ator e cineasta Aurélio Teixeira (nascido em Santana do Parnaíba /SP, a 21 de outubro de 1926 e faleceu no Rio de Janeiro/RJ, em 1973). O casamento aconteceu em 1961 e durou até 1973, quando ficou viúva. Não tiveram filhos. Aurélio Teixeira interpretou a personagem Raul no filme *Absolutamente certo*, em 1957. Filmes dirigidos por Aurélio Teixeira: *Três cabras de Lampião* (1962); *Entre o amor e o cangaço* (1965); *Na onda do Iê-Iê-Iê* (1966); *Mineirinho vivo ou morto* (1967) - que tinha no elenco Jece Valadão, Leila Diniz, Fábio Sabag, **Gracinda Freire**, Milton Gonçalves, Wilson Grey, Milton Morais; *Juventude e ternura* (1968), *Os raptos* (1969), *Meu pé de laranja lima* (1970) e *Soninha toda pura* (1971). O último filme de Aurélio Teixeira como ator e diretor em parceria com Braz Chediak e Pedro Carlos Rovai foi *Os mansos* (1973), no elenco Sandra Brea, Paulo Coelho (escritor), entre outros.

No Rio de Janeiro, Gracinda, no início de sua carreira, estreou na peça *A Prima Dona*, de José Maria Monteiro (1951). Participou das montagens *Deus lhe pague*, de Joracy Camargo e do musical *Viva o cordão encarnado*, de Luiz Marinho. No cinema, Gracinda Freire foi dirigida, além de seu marido Aurélio Teixeira, por Roberto Farias, Jece Valadão, Miguel Faria Jr., Eduardo Coutinho, J.B. Tanko, Reginaldo Farias, Luís Sérgio Person, Alberto Salvá, Antônio Calmon, Alex Viany e Carlos Diegues. A primeira novela de Gracinda foi *Um gosto amargo de festa*, de Cláudio Cavalcanti, transmitida pela TV Tupi, em 1969. Nesse mesmo ano, foi contratada pela TV Globo, em que atuou em 12 novelas, sendo duas novelas de Janete Clair, *Véu de noiva* e *Rosa de pedra*. A última foi em 1982, *Sétimo sentido... Quando terminou o contrato com a Globo*, apesar de inúmeros convites da emissora para renovar seu contrato, Gracinda recusou a todos, pois resolveu dedicar-se a sua vida religiosa.

...

Entre seus papéis mais importantes na televisão, destaca-se a sua participação na novela *Dancing Days* como a personagem Alzira e eternamente será lembrada. Gracinda Freire é nome de rua no Rio de Janeiro (Rua Gracinda Freire – Cosmos - Rio de Janeiro - RJ). No Instituto Leide Câmara -Acervo da Música Potiguar-AMP, adquirimos quase toda sua filmografia, graças ao meu grande amigo, o pesquisador potiguar (Acari-RN) Hortêncio Sobrinho.

### ***Gracinda Freire - Um nome para não esquecer.***

#### **Participação da atriz no Cenário Brasileiro**

##### **Prêmio**

Em 1979 recebeu o Troféu APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte) na categoria de Melhor Atriz Coadjuvante por *Chuvas de verão*, e de Melhor Atriz de Televisão por *Dancing' Days*.

##### **Na Televisão**

###### ***TV Tupi.***

1969 - Um gosto amargo de festa (primeira novela)

###### ***TV Globo***

1982 - Sétimo Sentido

1980 – Chega mais (personagem: Valda)

1979 - Feijão maravilha (personagem: Antonieta)

1978 - Dancing Days (personagem: Alzira)

1977 - Sem Lenço, sem documento (personagem: Dirce)

1976 - O Feijão e o sonho (personagem: Mariana)

1975 - Senhora,(personagem: Donana)

1973 - O Semideus (personagem: Joventina)

- 1971 - Bandeira 2 (personagem: Miloca)  
1970 - Assim na terra como no céu  
1969 - Rosa rebelde, de Janete Clair (personagem: Rafaela)  
1969 - Vêu de noiva, de Janete Clair

## **Filmografia**

- 1983 - Estranhas relações, Milton Alencar  
1982 -Dora Doralina, Perry Salles  
1982 - Os vagabundos trapalhões, J.B. Tanko  
1980 - Bububu no Bobobó, Marcos Farias  
1979 - Inquietações de uma mulher casada, Alberto Salvá  
1979 - Terror e êxtase, Antônio Calmon  
1979 - Amor e traição, Pedro Camargo  
1978 - Chuvas de verão, Carlos Diegues  
1978 - A noiva da cidade, Alex Viany  
1978 - Nos embalos de Ipanema, Antônio Calmon  
1977 - A árvore dos sexos, Sílvio de Abreu  
1975 - Ipanema, adeus, Paulo Roberto Martins  
1975 - Ana, a libertina, Alberto Salvá  
1975 - Com um grilo na cama, Gilvan Pereira  
1975 - Os maníacos eróticos, Alberto Salvá  
1974 - O filho do chefão, Victor Lima  
1974 - Um homem célebre, Miguel Faria Jr  
1973 - Aladim e a lâmpada maravilhosa, J.B. Tanko  
1972 - Cassy Jones, o magnífico sedutor, Luís Sérgio Person  
1971 - Pra quem fica tchau!, Reginaldo Farias

- 1971 - Rua descalça, J.B. Tanko
- 1971 - Faustão, o cangaceiro do Rei, Eduardo Coutinho
- 1969 - Pedro Diabo ama Rosa Meia-noite, (ou Rosa Tereza) Miguel Faria Jr
- 1967- Mineirinho vivo ou morto, Aurélio Teixeira
- 1964 - Procura-se uma rosa, Jece Valadão
- 1964 - Gimba, presidente dos valentes, Flávio Rangel
- 1962 - Três cabras de Lampião, de Aurélio Teixeira
- 1962 - Assalto ao trem pagador, Roberto Farias.

### ***Pedro Jorge***

*Um agradecimento especial a você, Pedro Jorge Rivera, (neto da Atriz Gracinda Freire), que prontamente me ajudou com informações sobre a avó.*

**LEIDE CÂMARA** é pesquisadora de música brasileira, autora do “Dicionário da Música do Rio grande do Norte”. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, da Academia Feminina de Letras, sócia efetiva do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Em 1996 fundou o Instituto Acervo da Música Potiguar-AMP. É diretora da Anasps/RN.

# A ESTÉTICA DO SERTÃO

*Vicente Serejo*

Uma noite, nas redes do alpendre de Acauã, depois de jantar a coalhada feita com o leite que vinha de Riacho do Cedro, a fazenda vizinha e do seu sobrinho Octávio, ouvi de Oswaldo Lamartine um dos mais belos relatos sobre o sertão. A fresca da noite já esfriava o mormaço dos lajedos e um enxame de besouros circulava a lâmpada do poste, em frente da casa, anunciando a chuva que ele sabia esperar todas as manhãs olhando de madrugada o orvalho nas folhas das suas craibeiras.

Começou falando sobre o inverno. A epifania do sertão reverdeando, a babugem explodindo, o vento adejando os galhos dos umbuzeiros, soprando vida por toda parte. Reclamou da chuva no mar que chamava de *roçado do cão*, praga que ouviu de um velho morador de Lagoa Nova, a fazenda do pai. Ali bem perto, um mundo sem fim de dez mil hectares. E completou, sem soberba, mas vaidoso: ‘Era tão grande, seu Serejo, que do alto da parede do açude os olhos iam bater lá longe, nas paredes do céu’.

Então descobri, seguindo em silêncio cada palavra, que embora gostasse do sertão de inverno, para usar o título de um livro que Câmara Cascudo anunciou e nunca escreveu, era no mundo cinzento dos vaqueiros que encontrava a beleza heráldica a encantar os olhos. O verde é bonito, dizia, mas universal. E acrescentava: igual a todos os verdes do mundo. Na caatinga esturricada, não. Está a grandeza trágica da paisagem morta, embalada pelo canto triste da rasga-mortalha agourando a vida.

Confessou que não gostava de dizer de público esse seu gosto. Parecia preferir a seca diante do sofrimento dos homens e dos bichos. Expliquei, então, como se quisesse apascentar seus temores que a seca era, por excelência, a estética do sertão. Por isso é estranhamente bela, um território mágico, lugar de mitos e abusões. Uma civilização inóspita e arcaica, renascida a cada dia no instinto de sobrevivência,

desafiadora e trágica, bruta e sublime, no silêncio daquela sua solidão adormecida nas horas mortas.

A memória é assim. De uma hora pra outra vai buscar uma conversa sobre o sertão guardada no mais escondido da alma, lá longe, entre os lajedos da lembrança. E veio a saudade de Oswaldo Lamartine. Como se ele voltasse esquipando, garboso, na sua burra de sela. Tudo porque andei esfregando estes olhos curiosos num artigo de Marcelo Leite, doutor em ciências sociais: acaba de ser feita a maior pesquisa sobre o semiárido e constatou que a estiagem será mais prolongada nos próximos cem anos.

Noutro jornal, anuncia-se o aquecimento das grandes geleiras da Groelândia. Vem aí, dizem, um grande degelo. E a elevação do nível do mar e de sua fúria, mostra um texto, este de Cláudio Angelo. O sertão e o mar castigados pela ambição humana, como temia Oswaldo, ao repetir as velhas profecias sertanejas. Ele que convivera no sertão de nunca mais com o homem cósmico, regido pela natureza, sabia dos perigos do mundo. E por isso carregava nos olhos aquele tristemente belo sentimento do fim.

\*Crônica originalmente publicada no *Jornal de Hoje*, edição de 16 de setembro de 2013.

**VICENTE SEREJO** é jornalista, escritor e professor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autor de “Cena Urbana”, “Cartas da Redinha” e “Canção da Noite Lilás”.

# SÃO SARUÊ E AS ESTÓRIAS DE TRANCOSO

*Vaperi Araújo*

São Saruê é um lugar mítico no universo da cultura popular nordestina. Deve ter sido engendrado na cabeça das contadoras de histórias de trancoso, quando, na boquinha da noite, nos alpendres das casas do sertão, reuniam a meninada das redondezas, inclusive os filhos dos sitiantes, para contarem as maravilhosas histórias de reis, príncipes e princesas dos contos armoriais sertanejos. Muitas vezes, em noite de lua cheia, o clima tornava-se um pouco propício a assombrações e almas penadas. Ai se ouviam as gestas dos valentões, o cancionero dos animais misteriosos, como o boi mandingueiro, os cavalos que cavalgavam nas nuvens e as onças imortais que desafiavam todos os afamados caçadores. Surgiam castelos em pleno semiárido nordestino, reis e rainhas, princesas e cavaleiros. Indivíduos amarelos, pálidos mas sabidos que só eles, decifrando todos os enigmas em busca de fortuna e casamento nobre. Os rapazes simples e honestos eram valorizados pelas contadoras de estórias pois desafiavam os mais sórdidos engenhos e maquinações, idealizados pelos vilões para dificultar a missão que tinham como único objetivo, libertar e conquistar uma princesa.

Nesses contos todos, São Saruê era o mais enigmático dos reinos. Lugar de muita fartura, de rios de leite e mel. Montanhas de pão-de-ló, rapaduras crescendo dos galhos das árvores, cachaça de primeira fazendo marola nos açudes prá quem quisesse.

Manoel Camilo dos Santos (Viagem ao país de São Saruê) transformou esses sonhos todos num folheto de literatura popular, aumentando ainda mais a cota de fantasias a delirar a cabeça do povo todo do sertão.

Todos os meninos da metade do século passado prá trás, quando o rádio ainda era uma pálida presença nos sítios e fazendas e nas pequenas comunidades e vilas do sertão nordestino, viajaram essas viagens. Sem rádio e sem notícias, a mente das crianças voava mesmo nas estórias contadas pelas scherezades desses lugares. Contadoras de estórias que entretinham os meninos para não fazerem danações, enquanto aguardava-

se o sono. Eram atividades ligadas unicamente à luz da lua cheia. Nas outras três fases, a ordem era dormir bem cedo, mal despontava a papa-ceia no horizonte. A papa-ceia era a estrela Dalva, planeta Vênus que primeiro iluminava-se no céu logo que o sol se punha. Noite escura de céu lavrado de estrelas, como um punhado de areia brilhante jogado para cima pelo Criador do universo, não era propícia para jornadas de estórias noite a dentro. As fases mágicas da lua, antecediam aquela de maior tensão, a lua nova que tinha lua mas não se via. Que tinha a mãe-da-coalhada mas não iluminava. Nessas três semanas, as forças ocultas do universo conspiravam contra as pessoas. Tempo de mulas-sem-cabeças, lobisomens, alma penada e reinações do futico. Melhor mesmo era dormir cedo e resguardado. Uma vela benta acesa diante do oratório e as rezas comuns de proteção: Santo anjo do Senhor, meu zeloso guardador, que a ti Deus confiou a piedade divina, sempre me guarde, me rege e ilumina. Ou então essa outra fórmula: Com Deus me deito, com Deus me levanto, com a graça divina e do Espírito Santo.

Essas estórias todas foram fazendo a cabeça dos meninos daquela época inclusive as aventuras em São Saruê, na verdade, uma síntese desses contos todos. Terra de muita fartura e de muitas maravilhas. Plena de paz, justiça e felicidade. Sonho acalentado de muitas gerações de desvalidos da sorte, abandonados pelo poder e criados ao Deus dará. Sonho impossível somente realizado nas estórias fantasiosas de boca-da-noite que não passavam de ilusão fervilhando nas inocentes cabeças das crianças sertanejas.

São Saruê, é o próprio Nordeste, mas um Nordeste real, sem a magia dos rios de leite e mel, nem as árvores que davam pão francês quentinho, nem capulhos de algodão-doce, nem muito menos montanhas de rapadura. Esse era o sonho. O real era a pobreza, o poder discricionário, a injustiça e as perseguições. O real eram as lutas populares encarnadas pelos profetas ensandecidos que saíam pelas caatingas com um livrinho de profecias numa mão e uma pedra lispe na outra. E clamavam pela volta de Dom Sebastião e prometiam o reino do céu na terra.

Esse, o São Saruê verdadeiro, cobrando com o sangue e a vida a materialização desse sonho nessa triste realidade.

**IAPERI ARAÚJO** é médico, escritor e artista plástico, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Presidente do Conselho Estadual de Cultura, já publicou 70 livros entre ensaios, ficção e poesia.

# RAIZES DA RELIGIOSIDADE DOS ROMEIROS, BEATOS E PENITENTES SERTANEJOS

*Benedito Vasconcelos Mendes*

O sertão seco e quente do Nordeste brasileiro possui um povo diferente, com hábitos, costumes, tradições, crenças e religiosidade próprias, inclusive tendo desenvolvido elementos culturais singulares, como o cangaceirismo, a culinária sertaneja, a música regional, a poesia dos repentistas violeiros, a medicina caseira dos vaqueiros e cangaceiros, a arte utilitária dos artesãos, a arquitetura de taipa, a engenharia empírica das máquinas e equipamentos das rústicas agroindústrias de antigamente, e a religiosidade dos romeiros, beatos e penitentes.

A etnia nordestina foi originada do caldeamento étnico do branco colonizador português (Cristão Novo), do negro que veio da África como escravo e do índio que já habitava a região. Os mestiços resultantes desta miscigenação interagiram com a terra quente e seca do sertão, com seu clima semiárido tropical, com suas secas periódicas e catastróficas, com suas chuvas reduzidas e altamente variáveis no tempo e no espaço, com seus rios secos que só apresentam deflúvios durante o curto período chuvoso de 3 a 5 meses, com seus solos pobres, pedregosos ou excessivamente arenosos, com sua vegetação raquítica, seca e espinhenta, dando como resultado o surgimento de uma civilização ímpar, pioneira e intuitiva, que denominamos de civilização da seca.

A religiosidade messiânica, às vezes fanática devido ao endeusamento dos líderes religiosos, que era praticada no sertão deu origem, juntamente com o sincretismo religioso baiano, a este tipo particular de prática religiosa. Isto ocorreu, em parte, por terem vivido na mesma região e na mesma época seis grandes líderes religiosos: Padre Ibiapina, Padre Cícero, Beato Antônio Conselheiro, Beato Zé Lourenço, Frei Damiano e Beato José Senhorinho de Pau

Colher. Padre Cícero foi contemporâneo do Padre Ibiapina durante 39 anos e, coincidentemente, o Beato Antônio Conselheiro foi contemporâneo tanto do padre Cícero como do Padre Ibiapina por longos 53 anos. O Beato Zé Lourenço foi contemporâneo do Padre Cícero por 64 anos.

As tradições culturais do povo da Civilização da Seca, herdadas dos tapuias, como o misticismo, o costume do aconselhamento, o costume do apadrinhamento, o gosto pelo trabalho em mutirão e a prática do nomadismo, foram muito bem aproveitadas pelos líderes religiosos. O aconselhamento era praticado por todos os líderes religiosos, mas foi Antônio Conselheiro que ficou com a alcunha de “Conselheiro”. O apadrinhamento era uma prática exercitada por todos os padres e beatos, mas o “Padim Ciço” foi escolhido para ficar com o título de “Padrinho do Povo”. O trabalho em mutirão foi muito usado por todos eles, mas foi o Padre Ibiapina quem mais construiu prédios usando o mutirão (22 casas de Caridade, 10 igrejas, 9 cemitérios, 4 hospitais e outras obras). A peregrinação foi exercitada principalmente pelo Padre Ibiapina, Beato Antônio Conselheiro e pelo Frei Damião. A maior parte destas características culturais sertanejas foram herdadas dos tapuias, que eram místicos, nômades, gostavam de pedir conselhos ao Pajé, nos assuntos religiosos e de saúde, e ao Cacique sobre guerra e convivência social. Tudo que os índios faziam era em mutirão. Caçavam, pescavam, coletavam frutas e mel de abelha e guerreavam em mutirão.

Os tipos humanos da civilização da seca, à semelhança dos beatos, penitentes, cangaceiros, jagunços, vaqueiros, jangadeiros, raizeiros, curandeiros e repentistas violeiros possuem traços fisionômicos, psicológicos e culturais dos nativos tapuias.

Estes são os motivos que originaram esta prática religiosa tão singular que é praticada no Sertão do Nordeste do Brasil.

**BENEDITO VASCONCELOS MENDES** é escritor e professor sócio das seguintes instituições: Academia Cearense de Letras (sócio correspondente), Academia Norte-rio-grandense de Letras e Academia Mossoroense de Letras.

# MATÉRIA E ALMA

*Elder Heronildes*

Há quem pense poder dissociar a alma do corpo como se elementos autônomos fossem. Há, contudo, os que pensam cada vez mais uni-los, formando uma simbiose tal, que uma poderia, se me permitem a expressão, talvez exagerada, ser a sublimação da outra. Naturalmente, não é uma ligação tão simples, feita ao sabor de qualquer pensador, estabelecida sob medida ou fixada, pura e simplesmente, pelo interesse humano.

Na verdade, é difícil conceber-se, por sua impraticabilidade temporal, um corpo sem alma ou vice versa, quando ambos não hajam chegado à própria consumação. Contudo, o dissociamento da alma do corpo, é pregado e disseminado, hoje mais do que antes, quando se admite a sua existência etérea, por anos indefinidos, sem a correspondente do corpo. E quando falo em alma, entenda-se, para evitar equívocos, refiro-me ao espírito, embora há aqueles, sabe-se, que fazem distinções, específicas e formais, entre os dois elementos, evitando uma simbiose, por mais sutil que seja.

Diz o Pe. Pierre Teilhard de Chardin, entre muitas outras coisas sábias, ao falar de matéria e alma, que “nosso ser espiritual se alimenta continuamente das inumeráveis energias do Mundo tangível”, para acrescentar mais adiante: “Por mais autônoma que seja a nossa alma, ela herda uma existência prodigiosamente trabalhada, antes dela, pelo conjunto de todas as energias terrestres: ela se encontra com a Vida e junta-se a ela num nível determinado”.

Com nuances e diferenças, pensam assim, os que se intitulam espíritas, dando -lhe um contorno ligeiramente diverso, embora se entenda, cheguem ao mesmo lugar, por vias de sucessividade.

Está aí a própria criação do Mundo e do homem, feita por Deus, para atestar a propriedade dessa afirmação. Deus criou o Universo e com o sopro de Vida, fez o homem, à sua imagem e semelhança. E pelo fato de ser o homem feito à imagem e semelhança

de Deus, obriga-se, sucessivamente, através de todo um processo de conversão, a encontrar a sua própria perfeição. O ser humano tem que buscar, sempre, a total sublimação, a sua perfeição integral, já que foi feito “à imagem e semelhança de Deus,” e Deus é perfeito.

Daí a importância, vital até, mais do que essencial da simbiose alma-corpo. Volto a dizer que uma se alimenta da outra. Não há um estímulo, uma alimentação dissociada, distante, pois passaria a não ter sentido e a não corresponder à própria natureza da Criação. O corpo, e lembro aí mais uma vez o Pe. Chardin, não se alimenta independentemente da alma.

“Quer isso dizer, certamente, que a alma sublima todas as transformações da matéria. Esse processo, esse estado, dir-se-ia melhor, pode existir de diferentes maneiras”.

Tem-se que admitir, dentro dessa concepção, que a alma se insere naquele espaço físico, sendo parte integrante dele e, naturalmente, sentindo-lhe os reflexos dali oriundos, já que ela é “inseparável em seu nascimento e em sua maturação, do Universo em que nasceu”.

E é também por isso, pode-se dizer com Pierre Chardin, que: “em cada alma Deus ama e salva parcialmente o Mundo inteiro, que essa alma resume de um modo particular e incomunicável”.

Há, naturalmente, os que afirmam, de maneira taxativa, que “Deus não quer senão as almas”, como se estas pudessem existir sem um sentido maior da própria nascente.

A impressão que se tira, grosso modo, dada até mesmo à nossa insignificância em se tratando desta matéria, é que a alma, ela mesma, vai sofrendo ou sendo motivo ou alvo da própria transformação da matéria. Era como se penetrasse no próprio corpo, atingisse as suas zonas mais inferiorizadas, mais escondidas e mais profundas, com o objetivo de sublimá-la. Tem isso sentido, já que se sabe que Jesus Cristo não fez outra coisa, senão como Verbo Encarnado, como diz ainda Pierre Chardin:

“descer até o fundo mais obscuro das forças inferiores”.

E para que isso, senão para estabelecer o processo da Criação, com a evidente colaboração, por que não dizer, coparticipação de toda criatura? É nesse ponto que Chardin faz a interligação matéria-alma-Cristo, e por conta disso, diz ele ainda: “ façamos o que fizermos, levamos a Deus uma parcela do ser que ele deseja e através das obras, contribuimos um pouco para o acabamento de Cristo”.

**ELDER HERONILDES** é advogado e escritor, autor de “A Rua de Jaime” e outros livros. Presidente da Academia Mossoroense de Letras e membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

# LENDA DO RABO DO ELEFANTE

*Lenine Pinto*

O Rio Grande do Norte é representado nos mapas escolares como um elefante, sem o rabo. Esse “apêndice” era procurado por saber-se dele em Lisboa, através do relato de velhos caravelistas que desciam da Guiné para ingressar na Corrente das Guianas, em alturas do **Cabo de São Roque**, a fim de arrodar os Açores pela volta do Sargaço, evitando dificuldades de ventos, correntes e até da pirataria ao longo das costas de Angola e do Marrocos. Tal manobra, considerada pelo Al<sup>m</sup> Idalino Costa Brochado como “acontecimento decisivo das navegações henriquinas” que descortinaram o Atlântico( **Descobrimento do Atlântico**, p. 41) encurtava em mais de mês o retorno ao Tejo. Pedro Álvarez Cabral *achou* o pé desse rabo em *horas de véspera* (ou entardecer) do dia 22 de abril de 1500, ao avistar a terra que chamou de *Vera Cruz*, e o pico do Cabugi, a que deu o nome de *Monte Pascoal*. Afiança Almeida Reis: “*quem acha o rabo de um elefante, estando o referido apêndice ligado ao corpo do avantajado mamífero, descobre todo o honrado paquiderme*” ( **Histórias do Brasil de Colombo a Kubitschek**, p.11) Então, Cabral descobriu o Brasil, o que exclui desse fato a ingerência tardia de Albericus, o florentino *charlatão* (aquele que diz *ser* o que não é) muito embora trombetei que a terra na qual Cabral *pousou* seja a mesma que “descobriu para o rei de Castela” (Riccardo Fontana, **O Brasil de Américo Vespúcio**, p.74.) Isso em 1499, ano da expedição de Alonso de Ojeda, que desceu das Canárias diretamente à Cayena, não tendo passado por aqui. Indignado com o cinismo de Albericus, Jaime Cortesão desabafa: “ele notifica que a Armada de Cabral havia poisado, evitando a palavra *descoberto* [ que certamente reserva para ele próprio...]” ( **A Carta de Pêro Vaz de Caminha**, p. 60.)

Albericus acrescenta, adiante, que “tomara posse” dessa terra – já agora para o “sereníssimo rei” D. Manuel, de Portugal( *Ibid*, a **3ª Viagem, 1501-1502**, p.173) – porque aqui chegara com os navios de Noronha/Gaspar de Lemos, no dia 17 de agosto de 1501 (*Ibid*,

Ibid.) Embora não o prove, nem sequer cite o nome de nenhum dos capitães dessas conservas, e o pior: nos registros dos empreendimentos marítimos luso-espanhóis, apesar de exaustivamente vasculhados por Juan Bautista Muñoz, Antônio Baião e outros, inclusive Varnhagen, seu panegirista, não foram encontrados vestígios da inclusão do *Munchhausen* florentino nem na frota de Ojeda nem na de Noronha.

Mas há quem acredite nas lorotas do florentino e até lhe teça loas como “verdadeiro *Pater patrie* [pai de pátria]” brasileira, como o senhor Ricardo Fontana( **O Brasil de Américo Vespúcio**, p., p. 41.) Como ficam, então, Duarte Pacheco Pereira, o signatário de Tordesilhas e *fazedor de ciência*, que assombrou os doutos geógrafos espanhóis nas discussões daquele Tratado; Colombo, que o acompanhou em 1498 na viagem ao Brasil para daqui demarcarem os limites das áreas de influência previstas na *Capitulação*; Vasco da Gama, que à caminho da Índia e “ainda antes de Cabral, deve ter aportado *nessa costa*” [ que linhas antes chama *du Brésil* ] ( Geneviève Bouchon, biógrafa de Vasco da Gama, em entrevista ao jornal **Opinião**, Lisboa, 21.5.1998, p. 8 ) e até mesmo Fernão de Magalhães em sua circunavegação, que alertado pelo piloto-mor João de Lisboa sobre os arrecifes da costa, preferiu dar de través e picar direto ao cabo de S<sup>to</sup>. Agostinho? E tantos outros capitães de escol que passaram por aqui: vão rebaixar o *rating* desses azes, como a *Standard & Poors* rebaixa índices econômicos, jogando-os na linha de *trash*?

**LENINE PINTO** é escritor, autor, de “A Reinvenção do Descobrimento”, “Natal USA”, e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

# LEOPOLDO NÉLSON - “UMA FITA ENLAÇANDO UMA GRANADA”

*Angela Almeida*



Tomo aqui a metáfora de André Breton (1896-1966), quando descreve a arte como “uma fita enlaçando uma granada”, para também definir a obra de Leopoldo Néelson. Uma obra que não está disponível para nós apenas como uma fruição prazerosa, nem há a possibilidade de uma crítica ligeira. Ela exige de nós fôlego, coragem e, para encará-la ou contemplá-la, o sentimento de inquietude. Ao observá-la, nos tornamos presos à angústia e a exuberância da pintura. Leopoldo nos atrai com uma mão a rudeza do mundo visível e na outra a leveza do deslumbramento. Talvez ele tenha sonhado com a harmonia total entre os homens, porém na incerteza nos expôs imagens de inquietude trágica.

Muito da obra de Leopoldo lembra ou dialoga com a obra do artista Iberê Camargo (1914-1994). A impressão que se tem é a de que esses dois homens-pintores escolheram essa espécie de pesar comum em suas estéticas e sentaram quase no mesmo lugar para perceber a humanidade que resiste a sua dissolução. No entanto, as

figuras de Iberê deitam na terra e se entregam ao consolo da terra-mãe, enquanto as de Leopoldo gritam para os humanos, esgarçam a própria pele à procura de clemência.

Diante dos quadros de Leopoldo, é também possível lembrar a expressão de André Breton descrita por Carlos Fuentes quando Luis Buñuel foi visitá-lo em seu leito de morte. Buñuel disse: “Já percebeu que hoje ninguém mais se surpreende?”. Podemos dizer que diante de um quadro de Leopoldo é impossível não se surpreender. Assim podemos inverter a frase de Buñuel e argumentar: “Já percebeu que é impossível não se surpreender diante da obra de Leopoldo?”

É uma obra que vai além da metáfora da arte descrita por Breton, é a própria expressão de clamor, de espanto e tormento. É a própria expressão de um grito, de um espanto, de uma dor. Talvez a dor mais profunda do ser humano: a do desespero. E foi com esse fio que ele costurou toda a sua obra.

A imagem da sua Margarida (mulher) foi metamorfoseada, multiplicada em mulher, menina, santa, em estado de dor, angústia ou solidão. Podemos constatar isso nas obras: Menina com os olhos da cor do azul do céu (1987), Noiva (1986), Criança faminta (1985), entre outras. Mulheres que talvez Leopoldo quisesse antropofagicamente incorporá-las, até o momento de sufoco, até um limite de dor, para devolvê-las ao amor, ao carinho, ou à paz.

A sua primeira tela foi o retrato de Margarida, a segunda, a terceira e as muitas outras seguintes. Margarida é a sua obra. Foi a fonte, o início de tudo, a sua eterna musa.

Diante de suas obras alguns têm o direito de perguntar: Há beleza na obra de Leopoldo?

Diria que sim. Há uma estética forte, vibrante e inconfundivelmente leopoldiana. Concebendo aqui o belo como uma verdade específica. Como a beleza citada por Sócrates quando pedia que fechássemos os olhos para ver a beleza interior. A obra de Leopoldo nos cobra a dor para atravessar a beleza.

Somos também obrigados a olhar para dentro de nós mesmos e enxergarmos o humano, a dor da vida e da morte.

Ele também não se esqueceu de citar o amor nos títulos de suas obras: “os gestos incompletos do simplesmente amar” (Leopoldo,2010 p.26) ou “o mundo fantástico dos amantes que ainda sobrevive ao dramático realismo polido da dor original...” ( Leopoldo,2010 p.25). É possível que para Leopoldo o amor representasse um sentimento, ao mesmo tempo, norteador ou incompleto, partido ou cheio, angustiado ou prazeroso, atormentado ou feliz, quem sabe, um amor real.

Em sua obra há também uma força explosiva de cores. A dor persiste na intensidade das cores, na pureza dos tons. Há um fluxo gestual muito claro. E as cores que circundam nossos olhos são possíveis de nos provocar uma ligeira sensação de vertigem. Seus girassóis se debruçam sobre tons de vermelhos-sangue, suas marés revoltas se jogam nos tons de azuis exuberantes, suas terras se estendem nos amarelos quentes, que podem invadir todo o quadro. Um exemplo, o quadro “Rosto em Amarelo”, (1974), no qual ele retrata uma mulher toda nos tons de amarelo, além de sua pele, seus cabelos e o entorno. Uma mulher que nos encara com seus olhos duros e uma boca travada, com expressão de desprezo, como se quisesse dizer:” ... essa é minha dor, não importa se vocês não entendem. Não preciso de clemência”.

Toda a obra de Leopoldo se compõe de uma força que ultrapassa as formas de expressão das palavras. É como se as imagens dissessem tudo, no silêncio, e pouco sobrasse para ser dito em outras expressões. São imagens que se impõem como totalidade. Porém só se mostram com o tempo. É uma obra que exige do observador a volta, ou vários retornos, para começar a compreendê-la.

Por exemplo, suas mulheres parecem nos dizer claramente: “cansei da humanidade, das mentiras, da sordidez, dos desprezos”. Talvez essas expressões não sejam apenas de dor, nem sejam pedidos de socorro aos humanos, nem mesmo aos deuses, sejam, talvez, apenas fissuras da alma.

A obra de Leopoldo é capaz de nos levar para essa zona de limite do humano. Mesmo assim, diante dela, nos passa a impressão que somos apenas outsiders, ficamos à margem, nas bordas, ela não se entrega fácil. Nada é dado com certezas. Talvez apenas os poetas possam competir com essas imagens, rasgar a dor até o inacessível e brindar com Leopoldo o espanto, a vida que um dia ele expressou.

Até mesmo os seus quadros representando os anjos, o da “Verdade”, da “Memória”, da “Ternura” e do “Amor Humilde” não nos trazem paz, nos rogam paz. É o inverso do clamor católico. Uma sensação que somos nós, os humanos que estamos sendo chamados para recorrer aos anjos. São anjos meninas, mulher, o feminino, em dor e clamor. Tudo parece impossível, como o poema de Orides Fontela: “ A poesia é / impossível / o amor é mais / que impossível / a vida, a morte loucamente / impossíveis. / Só a estrela, só a / estrela / existe / - só o impossível “ ( FONTELA,2006,p.223).

Podemos também aproximar a obra de Leopoldo ao expressionismo (movimento surgido na Alemanha no início do século XX, no qual a obra de arte é reflexo direto do mundo interior do artista). Entretanto Leopoldo foi além das estruturas de escolas, ele mesmo declarou quando se referia a sua poética: ” Não me interessam nem escolas nem Modismos em poesia”( Leopoldo-2010). Podemos assim estender suas palavras para dizer sobre sua obra plástica também.

Leopoldo apostou na liberdade, na emoção e encontrou outras fórmulas estéticas para tornar sua obra plástica eficaz, bela, forte. Um autêntico trabalho de um criador.

#### Referências:

NÉLSON, Leopoldo. Prefácio. In: \_\_\_\_\_. Canto pelo terceiro mundo. Organização: Angela Almeida e Helenita Monte. Natal: EDUFRN, 2010.

FONTELA, Orides. Poesia reunida: Orides Fontela. São Paulo: Cosac Naify; Rio de Janeiro:7 Letras, 2006.

KAHLO, Frida: um auto-retrato íntimo.Introdução Carlos Fuentes...Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

ANGELA ALMEIDA é Doutora em Ciências Sociais (UFRN), artista plástica, pesquisadora na área de artes plásticas, fotografia, estética e comunicação.

# O TENENTISMO E OS ATAQUES DA COLUNA PRESTES

NO RIO GRANDE DO NORTE [1]

*Tomislav R. Femenick*

Uma das tarefas mais árduas do historiador ao relatar um acontecimento histórico é manter-se imparcial perante os acontecimentos e para isso há que “separar o joio do trigo”, os fatos das versões e, principalmente, se desviar das ciladas preparadas por fontes cheias de preconceitos, lacunas propositais e interpretações ideológicas. No caso das ocorrências das primeiras décadas do século passado, por exemplo, nem as fontes primárias (depoimentos de pessoas envolvidas, documentos escritos, fotografias etc.) escapam dessa armadilha.

É o que se dá quando se escreve sobre episódios da Coluna Prestes. Muitos dos relatos primários estão impregnados de versões adversas à realidade, de ataques injustificados ou com viés de caráter laudatório. O mesmo também acontece com as fontes secundárias, a historiografia baseada nas fontes primárias. É o caso de uma obra de Jorge Amado, um dos maiores escritores do país que, ao escrever sobre a Coluna Prestes, produziu uma versão edulcorada, doce, mansa, suave. “*Vida de Luis Carlos Prestes: el caballero da Esperanza*”, foi escrita em Buenos Aires em 1942 e publicada em espanhol, pelo Editorial Claridad, depois reeditada no Brasil pelas editoras Martins, Record, Circulo do Livro e mais recentemente pela Cia. das Letras. Segundo Marcelo Bortoloti (Revista Época, dez. 2013), a biografia de Prestes escrita pelo escritor baiano é laudatória, sem equilíbrio e com grande dose de parcialidade.

Estranhamente o próprio autor (ou a Editora Record) banuiu o livro da relação de “Obras de Jorge Amado”, inserida na última página do seu romance “*Tieta do Agreste*”, publicada em 1977. Talvez tenha sido porque o pensamento político de Jorge Amado tenha mudado quando ele deixou o Partido Comunista, em 1958,

e ele já não mais concordava com o que tinha escrito sobre Prestes.

## **O Tenentismo**

As Forças Armadas do Brasil desempenharam importante papel na história política da nação. Sempre houve – até os dias que precederam ao governo de José Sarney – uma tradição de participação ou intervenção militar na política do país. O telefonema dado pelo general Leônidas Pires Gonçalves, às 2 horas da madrugada do dia 3 de março de 1985, comunicando ao vice-presidente eleito a decisão dos militares de apoiarem sua posse na presidência da República, na vagância criada pela morte do presidente eleito, Tancredo Neves, talvez tenha sido o último ato dessa longa história; a história da intervenção dos militares na vida política, nas decisões e no poder estabelecido no país.

Os militares foram a força decisiva durante o Império e os responsáveis pelo seu fim, quando o marechal Manuel Deodoro da Fonseca proclamou a República, e continuaram a interferir nos governos republicanos, intercalando fases de maior ou menor intervenção (CARDOSO, 1977; CARVALHO, 1977; BARROSO, 1935; MAGALHÃES JÚNIOR, 1957). Os dois primeiros presidentes (de 1889 a 1904) foram militares, o próprio Deodoro e Floriano Peixoto. Os primeiros presidentes civis, Prudente de Moraes, Campos Sales e Rodrigues Alves (de 1894 a 1906), tiveram que enfrentar movimentos de insubordinação na escola militar, revoltas de militares opositoristas e a Lei do serviço militar obrigatório. Nos governos de Afonso Pena e Nilo Peçanha (de 1906 a 1909), houve certa moderação na ingerência militar nas coisas de governo.

O governo seguinte teve como presidente o Marechal Hermes da Fonseca (de 1910 a 1914), que enfrentou um período de forte agitação militar, iniciado com a revolta dos marinheiros contra a “lei da chibata” (MARTINS, 1988), lei que dava aos oficiais o direito de castigar fisicamente os marujos que tivessem cometido faltas consideradas graves. Embora revogada legalmente, a prática continuava existindo na Marinha. Mesmo anistiados, os revoltosos foram presos pelos oficiais e a maioria morreu na prisão da ilha das Cobras. Nova revolta dos marinheiros, que foram tratados com rigor,

agora por ordem do presidente da república que acatou a posição dos oficiais. Paralelamente, os militares passaram a ter participação ativa na política de alguns Estados, inclusive se apresentarem como candidatos aos governos de Pernambuco, Alagoas e Ceará. No plano federal, era comum alguns militares se posicionarem na oposição, fazendo severas críticas ao presidente da República, fato que, aliados a outros, resultou na decretação de um *estado de sítio*<sup>1</sup>.

No período de Venceslau Brás (de 1914 a 1918), o Exército se voltou para uma política mais profissional, todavia nos Estados os militares continuavam a intervir na política. No Espírito Santo, a oposição, com o auxílio de tropas federais, tentou um golpe armado. Em Mato Grosso, o governo federal foi obrigado a decretar a intervenção para resolver os conflitos militares entre a situação e a oposição. Outro problema era a forte influência do conceito alemão das profissões militares nas forças armadas brasileiras, desde quando Hermes da Fonseca fora Ministro da Guerra. Essa influência teve início em 1915, com a reorganização dos postos e comandos. Essas mudanças dividiram os militares. Enquanto provocaram fortes reações entre os oficiais mais antigos, eram defendidas pelos oficiais mais jovens, influenciados pela ideologia militar alemã da época.

Entretanto esse desacordo não ultrapassou os quartéis. Os oficiais de alta patente suspenderam os pronunciamentos e sua participação política. Em contrapartida, os escalões inferiores se envolveram em ações políticas no que, mais tarde, viria a ser conhecido como o “tenentismo” – uma série de rebeliões de jovens oficiais de baixa e média patente do Exército Brasileiro, iniciadas no início da década de 1920. O tenentismo foi, a princípio, um fenômeno reivindicatório fermentado no descontentamento militar, pois os soldados exigiam o recebimento de salários atrasados e a concessão de direitos políticos. Depois evoluiu e incorporou um sentimento de insatisfação quanto às condições econômicas, sociais, políticas e institucionais então vigentes no país.

Nos primeiros dias do seu governo, Epitácio Pessoa (de 1919

---

1 É o instrumento através do qual o presidente da República suspende temporariamente os direitos e as garantias dos cidadãos e submete os poderes legislativo e judiciário ao executivo. Atualmente é previsto nos Arts. 137 a 141 da Constituição Federal.

a 1922) surpreendeu as forças armadas nomeando civis para ocupar cargos de ministros militares, o que provocou a reação dos militares contra o governo, cujo centro de irradiação era o Clube Militar. Epitácio mandou fechar o clube e prender seu presidente, o marechal e ex-presidente da República Hermes da Fonseca. O ambiente tornou-se crítico e, em 5 de julho de 1922, houve uma sublevação no Forte de Copacabana, no Rio de Janeiro, contra a candidatura situacionista à sucessão presidencial, quando os revoltosos chegaram a bombardear alguns pontos-chave da cidade. Após a rendição da guarnição, o movimento ficou isolado, porém um grupo de dezoito oficiais (entre eles Siqueira Campos, Newton Prado e Eduardo Gomes) se recusou a capitular e saiu pela avenida à beira-mar, enfrentando as tropas legalistas em situação de franca desvantagem. Esse episódio, conhecido como o dos “Dezoito do Forte”, reforçou a mística do movimento “tenentismo”.

A seguir veio o governo de Artur Bernardes (de 1922 a 1926), que assumiu a presidência em um ambiente de crise, com intervenção nos estados do Rio de Janeiro e da Bahia, fatos que ensejaram nova decretação do *estado de sítio*, renovado constantemente durante todo o seu mandato. No segundo ano de governo, a situação parecia calma, mas no ano seguinte, em 1924, ocorreram novas revoltas militares. Da capital de São Paulo o movimento se disseminou pelos Estados do Rio de Janeiro, Sergipe, Amazonas, Pará, Paraná e Mato Grosso, porém sem grande intensidade. O centro da revolução foi mesmo a capital paulista, que ficou quase um mês em poder dos insurretos, que contaram com a adesão da Força Pública estadual. Os revoltosos, chefiados pelos generais Isidoro Dias Lopes e Miguel Costa e pelos tenentes Joaquim Távora, Juarez Távora e Eduardo Gomes, forçaram a fuga do governador do Estado e ocupam a cidade por 22 dias. Como represália, as forças legalistas bombardearam a sede do governo estadual e alguns pontos estratégicos da cidade (MACAULAY, 1977). A revolução de 1924 tinha por objetivo a derrubada do presidente Artur Bernardes, eleição de uma Assembleia Constituinte e a adoção do voto secreto.

Entretanto foi no Rio Grande do Sul que teve início o principal problema militar do governo. Ali algumas guarnições se sublevaram sob a liderança de Luís Carlos Prestes, Juarez Távora e

João Alberto. Esse movimento resultou na chamada Coluna Prestes, luta travada por jovens oficiais revoltosos contra o governo central. Na impossibilidade de vencê-lo, esses idealistas empreenderam uma marcha de quase trinta mil quilômetros, percorrendo o país no sentido sul-nordeste-sul-doeste e suas variantes, sempre açoitados pelas forças legalistas (SILVA, 1971; MACAULAY, 1997). Seus principais líderes foram Luís Carlos Prestes, Juarez Távora e Miguel Costa. Formada por pelotões, a Coluna percorreu o interior do país, fazendo uma “*guerra de movimentos*” e enfrentando as forças do governo. No final de 1926, com a metade dos homens dizimados pela cólera e sem condições de continuar a luta, os membros da Coluna se refugiaram na Bolívia.

No mandato de Washington Luís (1926-1930) foi mantido o controle da imprensa oposicionista, negada a anistia aos revolucionários tenentistas exilados e mantida a política de apoio recíproco com as oligarquias estaduais. Mesmo assim, se acentuaram as resistências contra a política do “café com leite” – um entendimento tácito entre as lideranças de São Paulo, Estado cuja economia se baseava na cultura e na exportação de café, e Minas Gerais, também grande produtor de café e de laticínios –, para indicação dos candidatos à presidência da República. Por outro lado o presidente Washington Luís (fluminense de nascimento, mas representante dos paulistas) desrespeitou o acordo com os mineiros e indicou outro candidato dos paulistas, Júlio Prestes, à sua sucessão, fato que levou as principais lideranças mineiras para a oposição. Políticos de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba formaram a Aliança Liberal, e lançaram uma chapa encabeçada por Getúlio Vargas (ex-sargento do exército, político, ex-ministro da Fazenda de Washington Luís e então governador do Rio Grande do Sul) e tendo como vice João Pessoa (governador da Paraíba, ex-auditor da Marinha e ex-ministro do Supremo Tribunal Militar).

Analisando o tenentismo desse período da história do Brasil, Nelson Werneck Sodré (1976) diz que:

*O movimento tenentista, realmente, só em sua fase final se compõe com forças partidárias tradicionais, cindidas do grosso daquelas*

*que figuravam no palco político: começa por confluir na campanha sucessória de Epitácio Pessoa, somando-se às forças que marcham com a candidatura de Nilo Peçanha, na Reação Republicana, para, em fase final, confluir novamente, em outras condições, com as forças que, na sucessão de Washington Luís, marcham com a candidatura de Getúlio Vargas, na Aliança Liberal.*

## **A Coluna Prestes no Rio Grande do Norte**

Ao ser narrado, um fato só tem sentido histórico se forem expostos alguns elementos a ele pertinentes, tais como: as causas, circunstâncias e repercussão, por exemplo. Portanto há que se analisar os antecedentes, as personagens e as consequências. A simples narração dos fatos não é historiografia, pode até assumir as feições de folhetim, quando impregnada de tendências e bravatas melosas.

Assim se dá quando se aborda a passagem da Coluna Prestes pelo Rio Grande do Norte. Tem que se dizer das causas e o que foi a própria coluna, a inquietação causada nas localidades envolvidas direta ou indiretamente no evento, o contexto dessas localidades na época do evento, a comoção provocada entre as pessoas e, por ultimo, os ataques, a defesa das cidades e seus reflexos. Isso porque sem repercussão na sociedade um fato não é histórico. É, quando muito, apenas um fato perdido entre tantos outros.

### **Fatos antecedentes**

Tendo percorrido parte do Estado de Pernambuco, em janeiro de 1925, tudo apontava para uma breve entrada da Coluna Prestes no território cearense. A estratégia de defesa armada pelo governo federal foi usar, ao mesmo tempo, os recursos dos governos estadual e federal, a estrutura de mando dos coronéis que dominavam a política nos centros maiores e nos mais longínquos rincões do sertão, bem como o poder de luta dos jagunços. Nessas circunstâncias, a defesa do Ceará foi posta sob o comando do deputado federal Floro Bartolomeu, nome talhado para a situação, pois era homem ligado

aos coronéis, aos jagunços do interior do Estado e ao Padre Cícero Romão Batista, de Juazeiro do Norte. O professor Neill Macaulay (1977), citando dados do historiador Otacílio Anselmo, diz que *“no dia 31 de janeiro de 1925 um trem especial partiu de Fortaleza para a cidade de Juazeiro, no Cariri, carregado de material bélico e transportando Floro Bartolomeu e mil contos de reis em fundos federais. Juazeiro era a Meca do sertão nordestino, a sede de Padre Cícero Romão Batista, chefe espiritual e temporal de milhares de sertanejos, jagunços e partidários políticos”*.

As providências tomadas pelo deputado não foram nada ortodoxas ao convocar um “batalhão patriótico”, integrado por jagunços vinculados aos coronéis. Todavia, sua atitude mais controversa foi incorporar a esse grupo o bando do mais famigerado e temido cangaceiro que atuava nos sertões nordestinos. Escreveu uma carta a Lampião convidando-o a fazer parte da empreitada, carta essa que foi submetida à avaliação e que foi aprovada pelo Padre Cícero, figura respeitada e admirada por Virgulino Ferreira.

Tão logo recebeu a carta, Lampião partiu para Juazeiro com 49 homens. No dia 5 de março foi recebido pelo sacerdote e obteve a patente de capitão do “batalhão patriótico”, outorgada por um amedrontado funcionário do Ministério da Agricultura. Como parte das negociações, recebeu ainda fardas e armamento para a sua “tropa”. Três dias depois desses acontecimentos o deputado Floro Bartolomeu, que já se encontrava enfermo no Rio de Janeiro, veio a falecer.

Entretanto a carreira legalista de Lampião foi curta, embora aparentemente estivesse decidido a cumprir sua parte no acordo. Seu bando deixou e Ceará e voltou para Pernambuco, onde continuou a praticar crimes e, conseqüentemente, foi perseguido pela polícia. Como pensava que o seu posto de capitão do “batalhão patriótico” lhe conferia imunidade ilimitada, voltou a Juazeiro para novamente falar com o Padre Cícero, mas não foi por ele recebido. Certamente queria reclamar da ação da polícia de Pernambuco. Decepcionado, Lampião abandonou o posto, voltou a sua carreira de cangaceiro, mas não abdicou o título de capitão, que adotou daí para sempre.

Indiferente às tratativas dos legalistas, a Coluna Prestes entrou no Ceará atravessando a Serra do Ibiapaba, vinda do Piauí. No dia 15

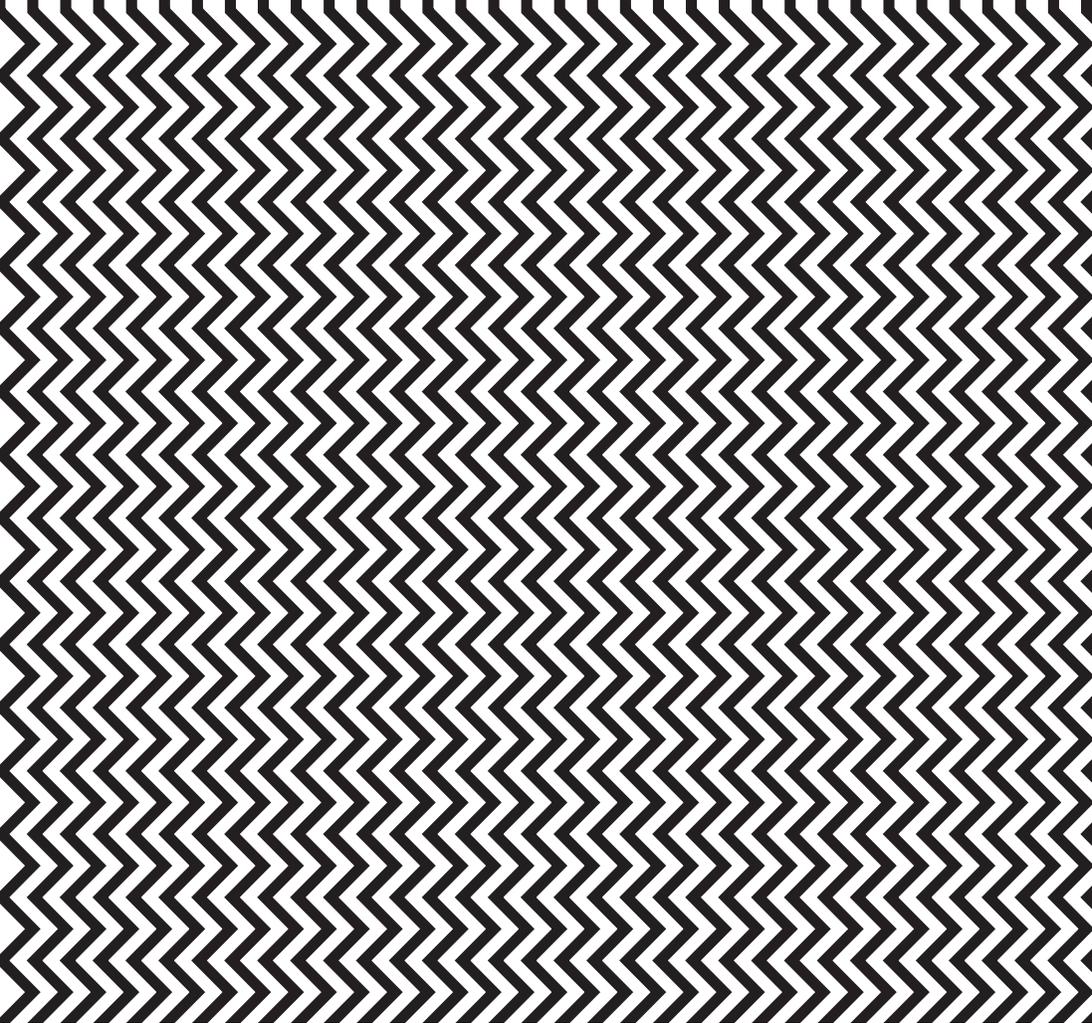
de janeiro atacou a cidade Ipu, depois Crateús e Arneiroz. Visando dividir as tropas legalistas, o tenente João Alberto, que comandava um pelotão avançado dos rebeldes, enviou telegramas para Fortaleza e Sobral dando indícios de que marcharia em direção àquelas cidades, quando sua verdadeira intenção era ir em outro sentido. A trama de João Alberto deu certo. Um significativo contingente da Polícia Militar cearense foi deslocado para a capital do Estado, deixando quase livre o caminho que a Coluna seguiria: *“para evitar as concentrações de jagunços em redor de Juazeiro, os revoltosos marcharam rapidamente em direção ao Rio Grande do Norte”* (MACAULAY, 1977).

O norte-americano Neill Macaulay lutou na guerra da Coréia, foi professor da Universidade da Flórida e historiador. É autor de dois livros sobre o Brasil (*A Coluna Prestes e D. Pedro I*), um sobre a luta dos guerrilheiros nicaraguenses contra a invasão de seu país por tropas ianques em 1912/1933 (*The Sandino Affair*) e outro (*Um rebelde em Cuba*), baseado em sua experiência cubana, quando lutou ao lado dos guerrilheiros de Fidel e chegou ao posto de tenente do exército revolucionário. Uma das suas missões era treinar soldados revolucionários para executar os inimigos capturados; *“Eu fiz o que tinha que fazer. Esses sujeitos mereceram o que tiveram”*, teria afirmado o professor-guerrilheiro. O autor de *A Coluna Prestes* entrevistou Luís Carlos Prestes, quando este estava exilado em Moscou, que leu os originais antes da publicação. No entanto, segundo Elio Gaspari (Folha de S. Paulo, 05 nov. 2007), Neill Macaulay foi um ativo informante da CIA, a central de inteligência dos Estados Unidos.

(Continua no próximo número).

**TOMISLAV R. FEMENICK** é escritor e professor, autor de “Os Escravos” e outros livros.





# CONTOS E CRÔNICAS

# A SEGUNDA METAMORFOSE

*Nelson Patriota*

## I

Quando a família Samás retornou do passeio que fez ao campo, logo depois da morte do filho Gregório, vinha alegre e confiante. O ar do campo parecia ter retemperado as energias da senhora Ana, apesar do chiado no peito que a perseguia como um mau presságio, resultando quase sempre em crises de asma que pareciam às vezes asfixiá-la. O senhor Samás, por sua vez, trazia do passeio saborosas historietas remanescentes das lembranças juvenis. Mesmo a pequena Gorete assobiava trinados de canções recém-aprendidas em contato com garotas camponesas sorridentes e gentis.

Ao cruzar a soleira de casa, porém, o velho Samás recuperou de imediato o ar casmurro que lhe era habitual. As anedotas contadas com tanta verve a curiosos e atentos camponeses pareciam agora tão insossas quanto o surrado capote que o protegera de resfriarse na caminhada ao ar livre, e que, num gesto automático, atirou no cabide triplo, junto à cristaleira da sala de estar. A mudança de humor do chefe de família não passou despercebida à mulher e à filha, provocando de pronto um pesado silêncio no entorno. Gorete e a mãe logo se recolheram aos velhos hábitos silenciosos de folhear velhas revistas que jaziam esparramadas sobre uma cesta de vime reluzente, que a nova empregada tivera o cuidado de retirar do quarto de despejos na véspera e, depois de a polir, colocou-a no centro da mesa da sala.

A atenta senhora Samás constatou que o ambiente doméstico requeria cuidados extremos devido ao modo como o marido literalmente desabou, ao chegar, sobre a poltrona de feltro escuro. Era um móvel antigo, levando-se em consideração que apresentava pequenas áreas esgarçadas deixadas como sinais da passagem do tempo. Perspicaz, a senhora Ana não deixou de notar que, ao

menos dessa vez, o marido parecia exagerar na exibição do tédio que, normalmente, o caracterizava quando no lar, e conjecturou que isso deveria ter algo a ver com a metamorfose que acometera o filho Gregório, em quem o velho comerciante depositava suas mais fundas esperanças de uma velhice livre de cuidados materiais. Ultimamente, porém, o tédio e o aborrecimento do marido ganharam um ingrediente extra, cuja causa ela atribuía ao trabalho de garçom que arranjara num restaurante suburbano. Tratava-se de uma rotina extenuante para alguém da idade dele, como denotava o semblante desfigurado do marido ao chegar em casa, à noite, e que só aos poucos se desanuviava, mas nunca de todo. Mas o que fazer, pensava a velha mulher, se o filho, que era o provedor de tudo na família, fora forçado a abandonar seu emprego de caixeiro viajante, ficando incapacitado para desempenhar qualquer outra atividade produtiva?

Paciência!, disse a velha senhora, são os desígnios de Deus. Assim, resolveu que deixaria a cargo do marido achar o momento adequado para encerrar sua birra, afinal, o passeio tivera sido excelente, divertido mesmo, conforme ela comentava entre sussurros com a pequena Gorete.

Foi aí que, sem mesmo dar-se conta, a senhora Ana se voltou discretamente para o canto em penumbra na qual o marido ressonava e percebeu que não, ele não estava adormecido. Nem mesmo dormitava, como habitualmente o fazia nessa hora da noite. Na verdade, seus olhos estavam dirigidos para a porta do quarto de Gregório – ou do que restara dele.

Não se tratava, todavia, de um comportamento novo que o senhor Samás apresentava, por motivo disso ou daquilo outro. Pelo contrário, desde que perdera o filho para algo estranho e inominável, mantinha a poltrona sempre voltada para o seu quarto, como a perscrutar seu interior na busca de uma explicação para alguma indagação que o perseguia desde então. Sabia que naquele quarto jazia agora o cadáver de um inseto que, durante alguns dias, guardou certa semelhança com o filho, e cujo comportamento era capaz de interpretar como ditado por propósitos humanos. Ao menos nos primeiros dias subsequentes à sua metamorfose, como se sua

humanidade relutasse em dar-se conta do que sucedera ao seu corpo e entrasse em luta aberta pela recuperação de sua antiga condição.

## II

Desde o dia em que tomou ciência da fatalidade, o pai se obstinava em permanecer na sua poltrona, olhos fixos na fechadura da porta à sua frente, como na iminência de assistir a algum fenômeno novo e, certamente, assustador. Era ali também onde fazia as três refeições diárias. Só tarde da noite é que consentia em levantar-se, quando se dava por vencido ante os pedidos cada vez mais insistentes das mulheres para que se recolhesse à cama.

Mas o que jazia presentemente naquele quarto, agora que o inseto estava morto, conforme a filha dissera na véspera do passeio ao campo, depois de uma averiguação que a ocupara durante toda uma manhã? A resposta teria de ser dada pela própria filha, pois ele não se atreveria a tocar na maçaneta da porta do quarto que absorvia tão intensamente sua atenção. Quem poderia prever o que jazia ali? Quem garantiria que o inseto, agora dado como morto, não sofrera uma metamorfose ainda mais medonha do que a primeira? O pai sentia calafrios só em pensar na descrição que lhe fizera a filha do espectro que vira, ainda vivo, portanto, num vislumbre do qual se arrependera amargamente.

É que, embora desse como certo que o irmão-inseto estava morto, devido ao silêncio que passou a reinar em seu quarto durante o dia, ela não conseguia descartar completamente a suspeita de que o inseto que repousava no quarto ao lado do seu produzia silvos noturnos audíveis aos seus ouvidos aperfeiçoados por prolongados exercícios musicais. Desde então, possuir uma audição invejável passou a ser para ela um fardo intolerável; pior, um mal do qual não conseguia se defender – sobretudo quando ela se recolhia ao silêncio do seu quarto à noite. De que lhe valia agora que seu professor de solfejo tivesse classificado seu ouvido de absoluto, perante todos os seus colegas de classe, condição que lhe abriria as portas dos melhores institutos de música, em outras circunstâncias? De que servia ter um ouvido tão apurado se à noite ele era invadido por sons capazes de aterrorizar o mais destemido dos homens?

Não obstante a gravidade desses fatos, a pequena Gorete não ousava comentar esse assunto com os pais. Temia que eles rechaçassem suas suspeitas, creditando-as à sua imaginação juvenil e a sua natural inclinação para fantasiar a realidade. No fundo, ela sabia que eles temiam algo pior. Por exemplo: que suas supostas escutas noturnas fossem sintomas de uma segunda metamorfose do ser que, um dia, fora seu irmão Gregório, e que se mostrasse ainda mais assustador do que o primeiro. Por outro lado, ela começava a ver que associavam cada vez menos o cadáver do inseto ao filho que tiveram um dia, e o comparavam cada vez mais a um monstro de que só conseguiam sentir repulsa.

Apesar disso, *ele* não deixava de exercer uma espécie de fascínio mórbido sobre a pequena Gorete, até porque seu quarto era contíguo ao do desditoso irmão. Mas que fazer? Não podia propor aos pais que trocassem de quarto com ela, sob pena de cometer sacrilégio aos deveres filiais. Por acaso, ousaria ela querer afrontar a venerável velhice de seus genitores, colocando-os sob a influência maligna de um monstro insepulto? O que os vizinhos e os amigos iriam pensar de uma filha tão cruel?

Diante dessas razões, a pequena Gorete procurava evitar no possível qualquer tipo de conflito com os pais enquanto, ao mesmo tempo, avaliava qual a melhor estratégia a seguir diante de um problema que a afetava diretamente, mas que preferia que não afetasse a eles.

Apesar de todas essas ressalvas, a pequena Gorete sabia que não poderia procrastinar indefinidamente uma questão dessa magnitude. O cadáver do inseto, abandonado no quarto contíguo ao seu, exigia algum tipo de ação urgente. Mas ela sabia que não poderia contar, para isso, com a colaboração dos pais, pois da vez que lhes propusera que tentassem retirá-lo do quarto e o levassem até um matagal, situado nas cercanias da cidade, para enterrá-lo numa vala qualquer, a ideia foi repelida de imediato pelo pai, seguido do assentimento da mãe.

A principal razão da recusa que alegaram – mas talvez a menos importante – fosse o esforço descomunal que seria preciso fazer para retirar de casa aquele enorme estorvo. Sem contar que dali

já sentiam um fedor repulsivo e ao menos dois degraus acima dos piores miasmas de que tinham lembrança. E como iriam remover *aquilo* de dentro de casa? Precisariam pedir socorro aos vizinhos, o que lhes parecia uma hipótese intolerável, pois tornaria pública uma espécie de má-sorte ou maldição que havia se abatido sobre a família. – Nem pensar, replicava o velho Samás. – Sim, nem pensar, repetia a senhora Samás, numa adesão mecânica ao marido, como se temesse que a filha, aproveitando alguma hesitação de sua parte, explorasse de algum modo seu ato de fraqueza. A pequena Gorete, porém, sabia que o mal maior já fora consumado, uma vez que nem um único vizinho os visitava desde a fatídica metamorfose.

Mas ela conhecia bem seus pais para pensar que perguntas dessa natureza iriam demovê-los do tom negacionista quando se tratava daquele assunto irresoluto e que, a depender deles, assim permaneceria. A pequena Gorete sabia que quando solicitados a dizer o que achavam da ausência de visitas à casa, de uns tempos para cá, a senhora Samás responderia sempre, embora cada vez com menos certeza na voz, que não havia pensado no assunto. – É até melhor que os vizinhos nos evitem para não termos de falar sobre o que sucedeu com o pobre Gregório, dizia. Em seguida, emitindo um longo suspiro, o velho Samás emendava: – É, acho que você tem razão, querida.

À pequena Gorete, porém, essa cautela dos pais queria dizer justamente o contrário. Ela sabia que a notícia se espalhara pela vizinhança, sem precisar indagar de ninguém. O jeito como era evitada pelas amigas que, antes, costumavam procurá-la para todo tipo de brincadeira e agora a ignoravam abertamente, falava por si. Além do mais, quem podia garantir que a antiga empregada, que pedira as contas de forma tão inesperada à sua patroa, desde a desgraça de Gregório, não espalhara pela pequena cidade a tragédia do lar dos Samás? Sem falar que aqueles três hóspedes que ocuparam, até esses dias, por duas semanas o quarto dos fundos da casa, haviam sido praticamente escorraçados pelo pai, justo no dia em que ela se apresentara especialmente para eles (mas este era um segredo só dela!), na antessala, meio de improviso como concertista, numa récita malograda, ao final. O que não estariam falando aos amigos e conhecidos sobre o lar dos Samás?, se perguntava, desolada, a pequenas Gorete.

### III

Naquela noite, a pequena Gorete teve um sonho: ao passar pelo quarto de Gregório ela notou, ao olhar casualmente para a parte inferior da porta, que podia ver a extremidade de uma chave. De imediato, abaixou-se e a pegou. Em seguida introduziu-a na fechadura e girou-a no sentido horário. A porta cedeu de pronto e recuou, como para lhe dar passagem. Nesse instante, todo o quarto pareceu brilhar sob a luz da manhã que se infiltrava pela janela aberta para a rua, hábito ao qual seu irmão se acostumara desde criança. Procurando com o olhar sua cama, a pequena Gorete percebeu que ele tinha recuperado sua forma humana e parecia dormir silenciosamente sob um lençol de linho branco que lhe deixava apenas a cabeça a descoberto. Mas não de todo, pois uma nesga do lençol cobria parcialmente seus olhos.

Nesse instante, a atenção da pequena Gorete foi desviada por algo que se mexeu entre os chinelos de Gregório, alinhados no assoalho junto à cama. Era uma repulsiva barata que, surpreendida pela entrada da menina, logo se esgueirou e desapareceu na sombra produzida pelo lastro da cama. A visão do inseto fez com que a pequena Gorete desse um grito e, em seguida, acordasse. Como no sonho, a manhã se infiltrava pelas frestas da veneziana do seu quarto. Mas a lembrança ainda fresca do irmão dormindo suavemente no leito, produziu um calafrio que a fez tremer e vibrar numa forte comoção. O pesadelo do asqueroso inseto teria chegado ao fim?, perguntou-se. Após um esforço para reconstituir outras passagens do sonho, lembrou que estava sozinha em casa, porque os pais haviam saído durante sua ausência sem terem deixado sequer um bilhete sobre a mesa da sala de estar, como costumavam fazer, com alguma informação sobre a hora de retorno a casa. Apurando os ouvidos, deu-se conta de que o relógio da copa badalou duas vezes, indicando que já eram duas horas da manhã.

Recostada ao seu leito, a fim de melhor refletir sobre os fragmentos do sonho para reavivá-lo ao máximo, a pequena Gorete ergueu-se de súbito, sentando-se no leito e assim permanecendo, como se seus membros não mais respondessem à sua vontade. Em compensação, uma lembrança ficava cada vez mais clara em sua

mente: desde alguns dias, os ruídos noturnos oriundos do quarto de Gregório vinham perdendo força e, na noite passada, haviam desaparecido de todo.

**NELSON PATRIOTA** é jornalista, escritor e poeta, autor de “Uns Potiguares” e vários outros livros. Membro (eleito) da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

# JOSÉ VIEIRA

*Demétrio Vieira Diniz*

Saulo Diniz pertencia a uma família de gordos. Talvez por isso relevava o fato de ter o motor da pequena camioneta esquentado ao transportar o corpo grande e pesado do tio José Vieira. O motorista — ele fazia ver — encostou o carro três vezes no caminho do cemitério.

Homem rústico, Saulo não guardava notícias do mundo, vivendo da roça para o açougue, onde aparecia aos sábados sujo de sangue e trazendo às costas um porco esquartejado. Do tio não guardava recordações. Lembrava-se apenas do peso excessivo, do caixão grande, que ocupou a sala da frente, e da pequena fábrica de gelo tendo que trabalhar também à noite para preservar o morto, enquanto os filhos chegassem de longe.

Por outro lado se compreende a memória curta de Saulo Diniz: estava longe da ancianidade, quando as lembranças mais antigas se apinham e atacam como um bando de abelhas africanas.

Não lhe vinha à memória o retrato de José Vieira pregado nas paredes do mercado público, o rosto liso e desafiador, quando candidato a prefeito. O tempo então corria tão devagar e quieto, que muitos anos depois uma parte descolada e gasta dos retratos ainda esvoaçava nas mesmas paredes, se um vento rasteiro aparecia prenunciando chuva.

A marchinha de sua campanha era a mais bonita e mais fácil de cantar, mas os favores de um médico novo que apareceu uma tarde, debaixo de discurso e foguetório, e logo se candidatou por outro partido, se pagaram nas urnas.

Na campanha, de nada adiantou a distribuição dos pães. José Vieira convocava os eleitores e do alto da calçada de sua casa abria sacos grandes de pão, despejando-os sobre a pequena multidão. Muitos disputavam agachados os pães na areia, e havia brigas por conta disso. Voltavam apressados para casa, sem barulho, diferente da ida, em que

iam cantando “José Vieira, José Vieira, és a nossa salvação”. Sabia-se que na véspera o misto de Oscar Soares, carregado de sacos de farinha de trigo, encostava escondido atrás da padaria de Bidu.

O tio era rico, tinha a maior loja da cidade. Mas a mulher, viciada em baralho, aos poucos foi esvaziando as prateleiras. E um dia José Vieira precisou de mais dinheiro para pagar as dívidas. Um advogado sabido o convenceu a assinar uma retrovenda. Venderia as propriedades, sob a condição de tê-las de volta tão logo saldasse o débito. José Vieira caiu no laço dos juros. Galinha criava dente e o tio não botaria mais os pés em Castanhal, com suas duas mil tarefas de cana caiana a darem uma rapadura da cor de ouro, doce como se viesse das terras altas da Borborema, e nem um pouco salobra como as dos outros engenhos. Ele e a família por toda vida evitaram o vocábulo jurídico — uma palavra nova que andou sonora de boca em boca em Mombaça —, porque soava como sinônimo de estultice e da pobreza que os marcaria pelo resto da vida.

O imprevisível, a revelar fortunas, traz também desgraças, que podem chegar até mesmo com o sol aconchegante da manhã, algumas piores que uma retrovenda mal sucedida. Acordado aos gritos, José Vieira se deparou no quarto dos fundos com um filho dependurado com a língua de fora. Era o caçula e o mais querido, e até hoje não se sabe por que o menino de catorze anos amarrou uma corda no caibro, enlaçou o pescoço e saltou de um tamborete.

Da última vez em que o vi, já envelhecido, mancava da perna acometida de erisipela e era muito gordo. Um tique no pescoço deslocava repetidamente sua cabeça para a direita e o fazia repuxar o colarinho. Após uma conversa ligeira, despedi-me como das outras vezes, com a mão direita estendida para cima num pedido de bênção. Um jeito de escapular disfarçando a frieza de nossos encontros.

**DEMÉTRIO VIEIRA DINIZ** é escritor e poeta, autor de “Sob o Céu de Natal”, “O Amor Fora de Época de Felipe Flores”, “Ferrovia” e outros livros.

# PEQUENINOS VISITANTES ALADOS

*Francisco Sobreira*

Eu estava na varanda do apartamento de um amigo. Tenho-o visitado com uma frequência maior do que ocorre com mais dois amigos, e não há nisso uma espécie de hierarquia na amizade que tenho com eles; entre mim e cada um dos três mantém-se uma sólida amizade, iniciada em nossa juventude, que jamais sofreu um grande abalo causado por algumas divergências de ideias diversas. Mas há, sim, uma razão para que vá mais vezes ao apartamento desse amigo - a localização. É que o edifício, erguido na esquina das avenidas Jundiá e Rodrigues Alves, fica a poucos metros da igreja Santa Teresinha, em cujo salão paroquial funcionou por alguns anos o Cineclube Tirol. E ao chegar ao edifício, e pisar na calçada que tantas vezes palmilhei junto com os sócios do Cineclube, quando saíamos da reunião semanal e íamos em busca de um bar no centro da cidade, é inevitável me lembrar daquela época e, em sequência, me baixar uma saudade.

O meu amigo foi também cineclubista. Um tema recorrente em nossas conversas são as lembranças daquelas reuniões, das sessões do Cinema de Arte promovidas pela nossa agremiação, de alguns filmes daqueles anos sessenta. Em uma dessas conversas ele disse algo que me deu o que pensar: é possível que, de maneira inconsciente, a escolha de morar ali tenha a ver com a sua proximidade com o Cineclube Tirol; de tantos edifícios visitados, nenhum o satisfizera por completo.

Pois ali estava na varanda do seu apartamento. Momentaneamente só, porque ele fora atender uma chamada do celular, comecei a relembrar as passagens que fizera por aquela esquina, onde existira uma casa espaçosa (o proprietário era colega de profissão do meu amigo e, em mais de uma vez, ao passarmos pela calçada, ele estava na ocasião e os dois se cumprimentaram). De repente, entre aquelas recordações, baixei a vista e avistei um casal de passarinhos sobre uma parte mais baixa de um poste de

energia elétrica. E me entretive a reparar nos movimentos daqueles animaizinhos alados. Minha completa ignorância em ornitologia não me permitiu saber o nome popular da sua espécie, e se digo que era um casal, é porque, num certo momento, uma das avezinhas se encostou na outra e lhe fez uma brevíssima carícia. Mas parece que ela não gostou (teriam brigado?), pois voou para uma árvore próxima. O macho ficou por ali, bicando um orifício do poste, que, talvez, contivesse um pouco de areia. A fêmea, no entanto, logo voltou para onde estava o companheiro, ficando um pouco afastada. Aí foi a vez de ele ir pousar na mesma árvore, assim como se estivesse lhe dando o troco. Ela ficou uns segundos parada, depois deu uns passinhos pelo local, chegou perto do orifício e começou a bicá-lo. O outro também não demorou lá na árvore, mas não voltou de imediato para onde ela estava, preferindo um local um pouco abaixo.

Eu me integrara por inteiro ao que faziam os dois pequeninos pássaros e não me envergonho de confessar que fui tomado por uma inesperada e saudável emoção; e na hora pensei que muitas vezes são em coisas aparentemente simplórias e triviais que encontramos alguns minutos de uma certa felicidade.

Como que hipnotizado por uma magia, continuava a olhar o casalzinho, agora próximos um do outro, não percebi o amigo reaparecer. Foi preciso ele me tocar e me chamar o nome, para que eu “voltasse” à realidade. Brincou comigo, perguntando, machadianamente, se tinha visto passarinho verde. Sorrindo, apontei para os dois passarinhos. Foi então que me disse que os dois marcavam presença diária ali. Eram, acrescentou, os seus pequeninos visitantes alados. Me ofereceu cerveja, aceitei, fomos para dentro. Mas, antes disso, ainda dei uma olhadela para os dois bichinhos, que me fizeram ganhar aquele dia.

**FRANCISCO SOBREIRA** é escritor, autor de “A Noite Mágica”, “Um Dia... Os Mesmos Dias”, “A Venda Retirada” e outros livros.

# UM OLHAR PASSANTE

*Carmen Vasconcelos*

*“Tu que eu teria amado, ó tu que bem o viste!”*

Charles Baudelaire

Passou por mim, na rua, por mero acaso, num daqueles dias de calor e burburinho, um olhar. Digo um olhar, porque não sei se havia alguém por trás do olhar. Não sei a quem pertencia, ou se o olhar pertencia. Quem pertence, a gente aprende, pertence a. Pertencer: verbo transitivo indireto. Carece de preposição. Não se pode pertencer sozinho, bem dizem uns versos lembrados ao meu ouvido: “quero pertencer-te, e não posso”.\*

Quanto ao olhar, não sei se queria pertencer. Não sei se tinha dono, possuidor, ou mesmo se tinha detentor. Não consigo lembrar-me de nada rodeando o olhar. E não é porque não tivesse visto, é porque o olhar ofuscou todo o resto. Não sei se o portava um homem, uma mulher, não sei o sexo do olhar, se tinha sexo. Podia ser um anjo, um anjo súbito portando um olhar súbito. Pode ter sido uma fera, um predador faminto. Um deus disfarçado de cisne. Se eu pensar só no olhar, não dá para dizer de quem era. Era um olhar. Não sei se o olhar tinha olhos, podia não ter. Afinal, existem tantos olhos desprovidos de olhar, o contrário também pode ser verdadeiro, pois uma coisa se afirma pelo seu oposto, ensinam filosofias e religiões: a luz pela escuridão, o bem pelo mal. Eu, mesmo sem entender filosofia, nem religião, já experimentei na carne esse mistério.

Não sei dizer se o olhar tinha cor. Só sei de uma coisa: era um olhar que musicava a alma da gente. Era um olhar sonoro e com guizos dentro dele, mas sem nome, porque não era domável. Nomes domesticam coisas, lixam sentimentos, podam a natureza selvagem das emoções. Palavras tolhem, e o olhar, penso eu, não queria ser tolhido. Era sem peias, sem rédeas, e por certo queria continuar assim.

Também não sei se tinha grandes coisas guardadas dentro. Se as tinha, continuaram com ele. O que disse foram coisas muito pequenas, coisas corriqueiras, dessas bem cotidianas, lambuzadas de rapidez. Da mesma rapidez com a qual ele passava. Aliás, não deve ter dito nada. Devia saber que, de essencial, um olhar não tem nada a dizer. Um olhar é para olhar, quem diz é a boca, quando tem quem a ouça. Ou então diz sozinha, como as bocas errantes dos profetas.

Não sei para onde ia o olhar que passava, ou mesmo se tinha destino certo. Agora me vem a ideia de que olhares têm imunidade ao destino. Qualquer destino. Olhares não são para ter fado. Nem muito menos fardo. Podem até ser fatais, mas não devem se importar com a existência de fatalidades. Devem viver, e pronto.

Foi um piscar de olhos, um mero movimento reflexo, e já não havia mais olhar. Pisquei de novo, e nada. Veio pousar em mim uma perplexidade. Só depois de algum tempo eu percebi que, com minha piscadela, eu desperdiçara os últimos segundos da presença do olhar. Um desperdício do átimo. Eu nunca havia dado importância a isso de instantes desperdiçados. Naquele momento eu também não pensei nisso, o que senti foi apenas uma falta, espremida num calafrio. Uma falta pior, feito picada de marimbondo. Procurei ao redor, nos passantes. Procurei primeiro nas pessoas, porque é onde a gente imagina que se encontram os olhares. Busquei dentro dos ônibus que corriam seu caminho diário carregando destinos. Nada. Depois procurei algum bicho por ali, mas, em pleno centro de uma cidade movimentada, não se veem animais de carga, nem cachorros ou gatos, muito menos, galinhas. Nem ratos havia. Nem baratas. Nem formigas. Pelo menos eu não vi. Quando a gente quer muito uma coisa, aí parece que ela custa mais a acontecer. É a ansiedade, toma-se o hábito da vertigem. Imaginei que podia estar ficando doida, pois até em formigas eu estava procurando um olhar. E não tinha nada. Então comecei a procurar nos automóveis de olhos apagados debaixo do sol. Também não estava nos carros, embora estes, untados de pressa, nisso se assemelhassem ao olhar. Perguntei às pessoas mais próximas, e devo confessar que elas também pareciam achar-me louca. - Se vi um olhar? Claro, vi muitos. - E se postavam a rir. Algumas até se assustavam, e saíam, de posse da sua pressa reproduzida, mas olhando para trás, como quem quer descobrir se existe algo por trás da loucura.

Com certeza, não o tinham visto, como eu vira. Eu também me postei a rir meu riso de segredo. Nem todos veem um olhar, talvez nem todos saibam fazer isso. Busquei no alto, sei lá, podia ter ido para o céu. Nada. Só o galo da igreja, morto de ser metal, nem olho pintado tinha. Quanto mais olhar.

Podem crer, abriu-se o chão. Abriu-se o chão, como diz o povo, desde o dia em que o Deus dos infernos raptou a filha da sementeira e a levou para dentro da terra através de uma fenda. Abriu-se o chão. O olhar sumira mesmo, não adiantava escavar, nem se enfiar em lamentos. Não adiantava dar voltas em torno do coreto da praça e nem pedir aos seus moradores meninos um pouquinho de cola para cheirar. O olhar não voltaria.

Dei uma volta completa em torno de mim mesma e vislumbrei quatro palácios, mas em nenhum o olhar penetrara. Caminhei por um beco estreito, com pequenas mercearias coloridas de frutas, verduras, cereais. Nada, vender-se não é da natureza do olhar. Às vezes até acontece, como acontece com tantas outras coisas invendáveis, mas não é da natureza dele. O que faria ali, ensacado, entre grãos de feijão? Olhares gostam de liberdade, de ficar devaneando. Pairando. Não são coisas de pegar ou de prender.

Pois acreditem, eu nunca mais vi aquele olhar. E também desisti de persegui-lo, porque desde o tempo daquele rei que, querendo ser jovem eternamente, só conseguiu dar imortalidade às cobras, aprendi que se deve lutar sempre, até as últimas forças, mas apenas por coisas possíveis.

Se nunca mais vi o olhar, também nunca mais o esqueci. Nada de concreto, nem uma lágrima. Só uma tatuagem na memória.

\*Verso de Eugenio Montale.

**CARMEN VASCONCELOS** é escritora e poeta, autora de “Chuva Ácida”, “O Caos no Corpo” e outros livros.

# FELIZ NATAL

*Hudson Paulo da Costa*

Os sinos de Natal já começaram a ressoar como caixas registradoras nos corações dos homens. Chegou Natal. Corações enternecidos. A época de alegria embrulhada em papel de presente, carros novos, ceias fartas, sonhos fabricados pela fé de que um menino Deus nasceu para nos salvar. Feliz Natal.

Não sabemos por quanto tempo esta festa permanecerá para a humanidade. Para mim, ela já acabou. Digo isto sabendo que estou mentindo, porque mesmo acreditando que ela tenha acabado, sempre fico a esperar um presente: um presente que me faça recuperar o longo tempo perdido ao acreditar em tantas mentiras; um presente que me deixe saciado da carência ancestral que o homem tem de ser amado; um crédito de confiança para que eu perceba que valho alguma coisa no meio em que vivo.

A festa de Natal plantou em mim uma tal carência afetiva que, às vezes, me dá vontade de dar um soco na cara de um Papai Noel, ao vê-lo nos shoppings segurando uma criancinha nos braços, rindo de cara rosada, com aquela barba e uma barriga de ostensiva protuberância.

As músicas de sinos plangentes, o brilho reluzente das bolinhas, dos pingentes, dos ornamentos angelicais nas árvores de Natal, a neve artificial, o frisson dos carros e transeuntes correndo para as compras e os encontros de confraternização, tudo se constitui num grande símbolo desta festa cristã.

Assim como o carnaval não existe sem o Rei Momo, a festa de Natal não existe sem o Papai Noel. Mas há um ator que exerce função inversa de Papai Noel e que tem um papel de pano de fundo no exercício de sua função em comover os homens: o mendigo. Ele não dá nada. Ele não dá presentes. Apenas recebe esmolas e a piedade constante dos apaniguados da sorte. É um ator discreto, mas sempre presente.

Esse é o período em que os pobres e os mendigos mais recebem esmolas, além do olhar corrosivo da piedade cristã. Sempre me vejo a chorar com pena de mim mesmo quando é Natal.

A decoração da cidade com milhares de luminárias pingando das árvores nas principais avenidas, as grandes árvores de Natal com dezenas de metros de altura, os três Reis Magos e as estrelas brilhando nas rodovias que dão acesso à cidade, nada disto pode brilhar mais que o olhar de uma criança suja e maltrapilha, com a mãe na calçada de uma igreja, pedindo esmola na noite de Natal.

Observo, de longe, os fiéis chegando com os seus carros reluzentes e suas barrigas abastecidas. Muitos fazem de conta que não veem a mendiga com a menina nos braços.

Alguém lhe estenderá uma moeda e os votos sinceros de feliz Natal. Não pense que eu vou chorar. Eu sou o pai da criança. Feliz Natal!

**HUDSON PAULO DA COSTA** é professor e escritor, colaborador de revistas e jornais de Natal.

# Rotatórias: parem os quatro!

*Armando Negreiros*

Hoje pela manhã, no bom-dia RN, foi entrevistado um pessoal do trânsito para prestar esclarecimentos a respeito das “Rotatórias”, ou “Rótulas”. A única coisa que se falou foi que “quem já está no círculo, dentro da rotatória, tem prioridade”. Mas não é tão simples e os motoristas em Natal não entendem bulhufas das tais rótulas.

“PAREM OS QUATRO” (o STOP FOUR, como querem os inglesistas): Quando há o encontro de duas vias de mão dupla, como no caso da Bernardo Vieira com a Xavier da Silveira, faz-se um círculo na interseção e, em cada uma das quatro mãos, há um sinal de “dê a preferência” (aquele triângulo com as bordas vermelhas e o fundo branco, com o vértice apontando para baixo – R2). A rigor, pela interpretação literal da sinalização, os quatro veículos eram para ficar parados, cada qual dando a preferência ao outro e o trânsito ficaria eternamente (!) obstruído. Daí o termo STOP FOUR, que nas ruas de Americana, cidade do interior paulista, pintaram assim mesmo, em inglês, em letras garrafais, o que gerou a maior polêmica. O termo técnico é “interseção em círculo” (é uma placa amarela com setas pretas indicando o giro no sentido anti-horário – A-12).

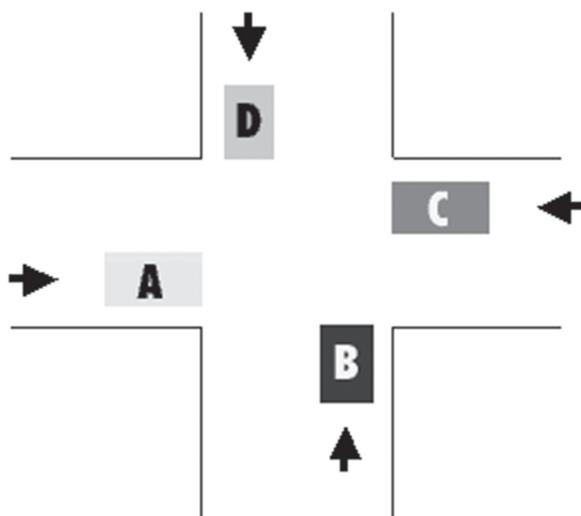
É importante saber que existem regras – que pouca gente conhece – para que o trânsito não fique paralisado, ou, o que é mais comum, avancem uns sobre os outros, de forma desordenada, caótica, provocando acidentes. No caso de rotatórias (Interseções em círculo, stop four), o veículo que estiver na rotatória, terá preferência sobre aqueles que tentam adentrá-la; nas vias que apresentem o mesmo tipo de pavimentação e características geométricas, ou seja, de igual categoria, a preferência de cruzamento será do veículo que vier pela direita do condutor, tal preceito encontra-se exarado no CTB, Art. 29, Item III, alínea C e ainda pela CTV (Convenção do Trânsito Viário) de Viena e que popularmente é conhecido como a **regra da mão direita**.

No cruzamento em discussão, quem trafega pela Xavier da Silveira no sentido norte (centro) se acha com irrefreável preferência e coitado de quem ousar seguir as regras, mesmo a mais elementar – que é o direito do veículo que já se encontra na rotatória – pois será literalmente abatido pelos ônibus com os seus motoristas enfurecidos.

É importante também que as rotatórias sejam grandes, até com um pouco de agressividade arquitetônica, para que o indivíduo não pense que está na “preferencial”.

A saída é que as regras sejam divulgadas nesses locais, verbalmente e através de impressos explicativos, durante um tempo suficiente para o aprendizado dos brutamontes, ou seja, permanentemente.

Segue um exemplo bastante elucidativo:



Analisando o esquema de um cruzamento não sinalizado e aplicando a *regra da mão direita*, percebe-se claramente que **B** tem a preferência sobre **A**, por sua vez **A** tem a preferência sobre **D**, este sobre **C**, que por sua vez tem preferência sobre **B**.

Senhor redator-chefe, por achar de extrema importância, já que o número das rotativas têm aumentado exponencialmente, é importante dar destaque à divulgação dessas normas.

Grato, Armando Negreiros.

**ARMANDO NEGREIROS** é médico e escritor, autor de “Na Companhia dos Imortais”, “A Folga da Dobra” e outros livros. Membro da Academia Norte-riograndense de Letras.

# FÉRIAS PAULISTANAS

*Jenner Menezes*

Rapaz, rapaz, rapaz. Desde que curara a gagueira, Heraclides Montalvão repetia pausadamente as palavras, para melhor temporalizar a execução dos sons. Quando pressentia que poderia claudicar na fala, controlava a respiração, passava a língua suavemente pelo céu da boca, desviava o olhar do interlocutor e retomava a fluência na conversa, a precisão das sílabas.

Rapaz, rapaz, rapaz, dizia irritado para seu lugar-tenente no comércio de peças de automóveis que assumira com a morte do pai, e explicava pela décima vez a importância da correta localização do material de maior giro, aquele que não gosta de ficar em estoque.

Andava impaciente, mais uma vez adiara as férias, vinha numa batida desenfreada, domingo a domingo, descansando apenas em alguns feriados. O infarto que levava o velho de uma hora para outra há uns cinco anos o obrigara a abandonar o mestrado e a assumir o negócio, na família por três gerações, e que dava uma boa grana, embora prescindisse dele o tempo todo. Criado sobre o balcão, Heraclides não teve dificuldade em continuar a boa administração, reformou o velho galpão da Rua Escobar, em São Cristóvão, Rio de Janeiro, as vendas cresceram, implantou controles ágeis e eficientes, reduziu os empregados, não misturava o caixa da empresa com o caixa pessoal. Muito trabalho e muito dinheiro.

Precisava descansar, longe das pastilhas de freio, velas, platinados, do mau hálito dos clientes, dos controles contábeis. E sabia perfeitamente o que iria fazer. Sumiria por um mês inteiro, de trinta e um dias, mas nada de viagens, esperas em aeroportos, faz não faz de malas, idiomas que não entendia. Nem pousadas bucólicas no meio de nada e repletas de mosquitos, tampouco o nordeste com redes preguiçosas ou o sul com as louras bonitas de pernas compridas. Alugaria um pequeno apartamento mobiliado no ponto mais movimentado do centro financeiro de São Paulo,

contrataria uma excelente cozinheira, uma firma encarregada de limpar o imóvel três vezes por semana, não faria por menos. Sem celular, computador, somente discos, livros e o violão. Abarrotaria a despensa com iguarias que não eram do seu dia a dia, selecionaria cardápios e receitas dos melhores restaurantes, vinhos superiores, doces portugueses.

Não sairia nem pra comprar jornal, não iria conversar com ninguém, somente descansar, descansar. Ver de cima o corre-corre da maior cidade do país, gente apressada, apertada nos ternos, nos jeans, esbaforida, pra lá e pra cá.

Estaria descalço, sem camisa, calção bem largo, um blues tocando baixinho. Heraclides imaginava as férias esperadas: passaria o mês inteirinho sem fazer nada, absolutamente nada, de papo para o ar, coçando o dedão do pé, de vez em quando dando um pulo na janela para ver paulista trabalhar.

**JENNER ARAÚJO FAGUNDES DE MENEZES**, pernambucano, criado no Rio de Janeiro. Economista, jornalista. Percussionista e violonista, participa do grupo Tocando a Vida, que divulga o samba tradicional. Filho do poeta e contista potiguar Fagundes de Menezes, que ocupou a cadeira nº 24 da Academia Nortério-grandense de Letras.

# NOS PORÕES DA MEMÓRIA

*Valério Mesquita*

Eu me lembro, eu me lembro das antiguidades como forma de renascer o espírito adormecido em todos nós. Não adianta enfrentar somente e sozinho o mundo novo das descobertas tecnológicas. É preciso, sempre que possível, retroceder ao tempo do Melhoral, da Emulsão de Scott, do sal de frutas Eno e do Calcigenol Irrradiado. Ah, o perfume do sabonete Ross no corpo úmido da namorada antiga. Aquele sorriso emoldurado pelo batom Colgate e o brilho nos dentes da pasta Odol. Como eram mágicos aqueles dias do óleo Glostora, da pasta Colype e da brilhantina Coty. Não precisava de Saridon nem Instantina para dor de cabeça. Viviam-se forte com o Biotônico Fontoura e as pílulas de vida do Dr. Ross.

Eu me lembro que tudo aquilo era um estágio esplêndido de ilusória felicidade. Como era gostoso o Vinho Reconstituente Silva Araújo. E o jingle: “A dor logo passa quando se passa Gelol”. Na cozinha, a Cônsul a querosene, e na sala, o rádio a bateria faziam “reclame” do sabonete Eucalol patrocinador do programa “Balança Mas Não Cai”, da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, e do programa de auditório do César de Alencar. Ah, os anos cinquenta das novelas “O Direito de Nascer” e “O Vento Levou...” e a propaganda da cera Parquetina, a “amiga da Etelvina”. Que alegre retorno aos faroestes de Gene Autry, Roy Rogers, John McBrow, Durango Kid, Buck Jones, Hopalong Cassidy, Tom Mix ou os seriados do Capitão América, Batman e Robin, A Mulher Tigre ou a Deusa de Joba.

Em busca do tempo perdido me envolvo na fumaça da Souza Cruz, dos Cigarros Continental, Astória, Lincoln e os mais baratos Asa, Iolanda, além do charuto Valquíria. Um mundo velho de memória olfativa, vai, cada vez mais, me conduzindo às ternas lembranças do almanaque Capivarol ou o da Saúde da Mulher que recomendava o Regulador Xavier: número 1, excesso e número 2, escassez, para aqueles dias do sexo frágil. Relembro as aguardentes

Dois Tombos e Olho D'água e os não menos famosos Ron Merino e os conhaques São João da Barra e Macieira, que eu misturava no leite cru, ao pé da vaca, para curar tosse, bronquite e resfriado. E o talco Palmolive, o talco Gessy, o sabonete “Vale Quanto Pesa” que era “grande, bom e barato” e não são mais fabricados como antigamente. Sapato era Fox, bico fino.

A farmacologia era abundante e que hoje não se vê mais nas prateleiras: Iodone Robin, Maitenil, Gotas de Carvalho (ainda existe?), Takazima, Bromil, Alcachofra, Chophitol (ainda se vende), Mezarin e tantos outros que só uma pesquisa pode me acudir.

O fato é que esse universo de produtos, imagens, e equipamentos desaparecidos registram uma época, balizam um tempo que foi modificado por novas invenções e tecnologias. São marcas que se foram, substituídas pelas descobertas e mudanças de um mundo que se renova. Vale a pena registrar porque todas essas coisas impregnaram a vida de muitos, hoje maiores de sessenta anos.

Manhã depressiva aquela em que revi o mar de Cotovelo. Fazia tempo que as águas verdes de verões antigos não me agitavam. Revivi o olhar vespertino da enseada e busquei os meus sonhos desfeitos nas ondas que quebravam ali, bem perto de mim, e compreendi que já não podia mais tocá-las. A praia havia se modificado. Novas casas surgiram. Apenas o musgo e o lodo dos muros das antigas casas denunciavam que foi passado e que espalhara ao redor pedaços de profundidade vital. Cotovelo alimenta os meus presságios e me remete ao fundo do oceano, como se fosse o peixe prisioneiro de antigas redes. Levo comigo essas sensações estranhas quando retorno aos lugares que vivi. Sou comprometido com o emocional.

Ano passado, ao divisar ao longe a fazenda Uberaba, em Macaíba, e que pertenceu ao meu pai, não pude reprimir a emoção. Ali passei a minha infância e realmente era feliz e não sabia. A casa branca, alpendrada no alto, me devolvia a visão mágica e mítica dos albores de minha vida e dos primeiros alumbramentos. As lágrimas fáceis de um coração mole deslizaram livres, como se convidassem antigos passarinhos a bebê-las.

A vida tem sido assim comigo. Sou um proustiano? Um saudosista em busca do tempo perdido? Talvez sim, talvez sim. Gosto de apostar nos tempos idos e voltar aos lugares a que já fui.

No colégio Marista, onde estudei por oito anos, retornei às melhores lembranças. A capela, as salas de aula, o pátio do recreio, os campos de futebol e aquela atmosfera impregnada da presença dos antigos irmãos maristas: Nelson, Osvaldo, Mário, Leão, Miguel, Alípio, Adonias, Sebastião, Régis, Celso Trombeta, Estevão, Ilídio, Hipólito, Aniceto, Dalton, Paulo Berckmans, Pedro Caveira, entre outros. Vi-os em cada classe, ora comandando o recital do terço da Virgem Maria, ora ministrando aulas com tanta proficiência que até hoje quem aprendeu não esquece e muito deve aos discípulos do padre Champagnat. Mal sabia que, de saudade, choraria amanhã.

Assim também me fascinam certos recantos de minha terra Macaíba. O antigo cais do porto, hoje depredado e abandonado; o Solar do Ferreiro Torto e os mistérios circundantes; o sobradão onde nasci à rua João Pessoa, hoje Rua Nair Mesquita, que pertenceu ao meu avô paterno, e ainda incólume; o parque Governador José Varela, hoje todo desfigurado; o rio Jundiá dorminhoco e refratário, contaminado de manguezais antipáticos no seu leito urbano e, por fim, as ruas estreitas de minha infância que relembram a cidade velha do tempo dos pioneiros.

Enfim, sou cativo, prisioneiro do sentimento do medo de perder todas essas emoções um dia, quando o progresso e a insensatez destruírem tudo em que vivi.

**VALÉRIO MESQUITA** é escritor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Autor de “Notas de Ofício”, “Poucas e Boas” e outros livros.

# ATRAÇÃO DA FARDA\*

*Umberto Peregrino*

Chamava-se Ateneu o nosso Ginásio e não havia estabelecimento mais graduado na cidade. Estudante do Ateneu era trunfo. Só em fim de ano ficávamos depreciados, com a presença dos acadêmicos em férias. O jornal noticiava a chegada de cada um:

“A bordo do Comandante Riper chegou ontem a esta cidade o Acadêmico Lisbôa Filho, que vem de obter notas distintas no primeiro ano da Faculdade de Direito de Recife”.

Quantas vezes o golpe era mais duro, tratava-se de um bacharelando, de um doutorando!

E havia os que vinham do Rio, com dois ou três anos de ausência, superiores, magníficos, exibindo roupas e modos diferentes.

Vivíamos momentos arrasadores. Apresentava-se, violenta, a consciência do nosso lugar, da nossa insignificância de ginasianos.

A suprema ventura de ser acadêmico!

E quanto a mim, o sofrimento era ainda muito mais mortificador, pois minha admiração maior recaía sobre dois cadetes, únicos da minha terra. Eles passavam tesos nos seus uniformes. Ganhavam sorrisos de todas as moças e inveja de todos os rapazes. Outras vezes, montando os cavalos do Batalhão do Exército, eles me afrontavam tirando fogo no calçamento das ruas, em galopadas ruidosas.

O que eu daria para me aproximar dos cadetes!... Sentia até vontade, uma mística vontade de tocar naquelas peças das suas fardas. E quantas indagações havia de fazer-lhes!...

A Escola Militar cabriolava na minha imaginação de moço provinciano como verdadeiro deslumbramento. Era uma coisa muito distante, quase inatingível. Eu só ouvia história de fracassos. Um não conseguira entrar, outros haviam espirrado da Escola no “carro de fogo”(1), e havia o que deu o prego, não suportou o rojão dos exercícios militares.

Mas os dois cadetes em férias eram inacessíveis. Faziam camaradagem apenas com os alunos do Colégio Militar de Fortaleza, outros inimigos, também fortemente responsáveis pelos meus desgostos nos amaldiçoados períodos de férias.

Por Deus que aquilo passava depressa. Com pouco estava o jornal de novo registrando os mesmos nomes. Ainda feria, mas era um doce ferir, afinal de contas os odiosos acadêmicos desocupavam a cidade... E os estudantes do Ateneu podiam reinstalar-se na sua soberania. Era o tempo que começavam as nossas aulas. Novos professores, novas matérias, nova situação um ano adiante.

A certa altura nossa importância cresceu muito. Foi quando se organizou o Tiro de Guerra do Ateneu. Veio um sargento, pôs-nos em formatura e ensaiou movimentos militares ali mesmo, na mesma hora, na calçada do Ateneu. Depois, em várias ocasiões, erámos levadas a sítios afastados e andávamos correndo e deitando nas avenidas do bairro da Solidão, amplas e lastradas de grama. À margem eram “sítios” cercados de arame farpado, contra cujas goiabeiras empreendíamos os nossos únicos assaltos...

O dia máximo da nossa instrução militar foi, porém, o de um exercício na praia. Furar mato, subir morro, descer morro, eis o que fizemos até que fosse dado por findo o exercício. Então nos reunimos e correu cachaça. Virei o meu gole, provando pela primeira vez a bebida, que achei detestável. Queimou-me a boca, a guela, quase me sufocou. Entretanto, fiz o que convinha: bebi fingindo prazer e naturalidade, no que talvez tenha me exagerado, mas era o que todos faziam...

A valente corporação do Ateneu teria sido, certamente, um celeiro de maravilhosos reservistas, se não houvesse paralisado suas atividades antes de brevetar a primeira turma. Mas continuei envergando a minha farda com um orgulho do tamanho da prodigiosa importância que me atribuía. Ficando-me a farda não senti falta do Tiro.

- (1) – Carro-de-fogo: exame eliminatório que se realizava no meio do ano letivo da Escola Militar do Realengo, muito temido, verdadeira barreira para os cadetes.

\*Crônica inédita.

**UMBERTO PEREGRINO (1911-2003)** General de Brigada, escritor, ex-Presidente do Instituto Nacional do Livro, autor de “Pedro Cobra”, “Literatura de Cordel em Discussão” e outros livros. Ocupou a cadeira nº 15 da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

# O VERANEIO

*Carlos Roberto de Miranda Gomes*

Costume enraizado entre os potiguares é a busca das praias para curar as canseiras do cotidiano e recarregar as baterias do corpo para as novas jornadas.

Minha família participava dessa filosofia de vida desde o nascimento dos primeiros filhos de Zé Gomes e Lúcia – fotografia registra Areia Preta na infância de Moacyr, Fernando e Leda.



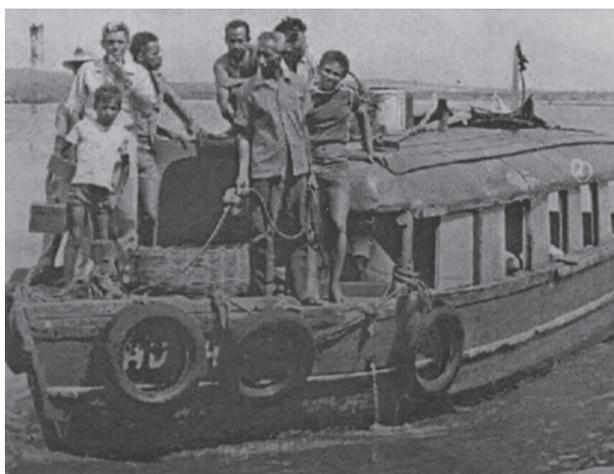
Tenho lembranças vagas do nosso veraneio na Barra do Cunhaú, lá pros últimos tempos dos anos 40 – os batelões ancorados, os aratus dentro de casa, a areia adentrando entre as telhas pela força do vento, causando incômodos.

Desse tempo em diante fincamos pouso regular na praia da Redinha, retornando a esse recanto que já abrigara os irmãos mais velhos no tempo da II Guerra.

A Redinha foi um encantamento para a minha vida entre 1947 e 1963. Semanas antes de iniciar o veraneio eu adiantava para cuidar da limpeza, arrumação, recuperação dos móveis ou até mesmo sua fabricação artesanal pelas minhas mãos para o meu quarto.

Iluminação precária feita por um motor a diesel, que ficava no mercado público, funcionando entre as 18 às 22h, sendo dado o aviso com um sinal de luz até o seu desligamento, minutos depois, tempo suficiente para se acender os candeeiros, lamparinas e lâmpadas “Colleman”.

A semiescuridão era responsável pela atmosfera romântica da praia – os namoros, as serenatas, os jogos caseiros, a contemplação da amplidão do céu e das constelações estelares, inspiradoras dos poetas e boêmios, as reuniões ao redor de um rádio de pilha de onde se sintonizava Oropa, França e Bahia.



O romantismo daquela praia começava com a travessia nas duas lanchas de Luiz Romão, ainda do tempo da II Guerra ou nos botes dos barqueiros, entre os quais Ferrinho, que se prestavam também para fretes especiais, atravessando os veranistas e moradores para um socorro de alguma enfermidade ou simplesmente para festas ou partidas de futebol no Juvenal Lamartine, tendo como partida e chegada o Cais Tavares de Lira.

Nos dias de jogos não era fácil conter os ânimos dos torcedores rivais de ABC e América, como o caso do Senhor Maranhão, nosso vizinho no Maruim, embora tudo fosse na base do papo, sem agressões mais graves, embora fizesse medo.



O ponto mais frequentado na Redinha era o trapiche de embarque e desembarque regular, tantas vezes reformado – ora de madeira, ora de concreto armado. Neste ocorriam os encontros amorosos para ver o rio com mais espaço de reflexo das noites estreladas, os banhos com canga-pé, a pescaria, a espera e a contemplação da natureza. Quando, porém, a maré era alta, se usava a própria areia beira-canal, nas proximidades do Maruim, colocando-se uma prancha na proa.

Festejos eram sempre ansiados pelos moradores e veranistas – a festa do caju, cavalhadas organizadas pelo Dr. Túlio Fernandes, bambelô no pátio do Mercado (brinquei lá com os veranistas e caiçaras, inclusive contando em certa noite com o Prefeito Djalma Maranhão, que era conhecido, também, como festeiro dos melhores).



O ponto culminante do veraneio era a procissão de Nossa Senhora dos Navegantes, saindo da capelinha, vizinha da casa que alugamos ao Dr. Túlio e que tinha uma murada marcando um ponto geodésico. Depois o passeio pelo rio até a Ponte de ferro de Igapó, com os navios e barcos apitando, os foguetões explodindo e o acompanhamento de todo tipo de embarcação, grandes, pequenas, ioles dos Clubes Náutico e Esporte e jangadas.

O Redinha Clube era um ponto aglutinante de moradores e veranistas onde eram realizadas festas inesquecíveis e campeonatos de voleibol (lembro-me de Zé Gosson, dos irmãos Matoso e Medeiros)...

Vale lembrar que foi num veraneio que tive a primeira experiência culinária – fazer café e fritar ovos num certo dia de ausência de papai e mamãe que vieram a Natal apressadamente em virtude da morte de vovô João Gomes, deixando sob a minha guarda Socorro e Zezinho. Fritei os ovos e fiz corretamente, comprei pão, mas o café eu exagerei na quantidade de colheres (cinco), ao colocar o pó no pano e sobre ele colocar a água fervente dentro da panela, constatei que ficou uma verdadeira tinta. Joguei tudo fora e fiz de novo o processo, porém com apenas a metade do pó e deu certo. Que café maravilhoso (a fome faz tudo). Quando mamãe voltou e eu orgulhosamente lhe contei, ela com um sorriso disse, meu filho, no café forte bastava colocar mais água e não jogar tudo fora, pois agora acabou o pó para o café de amanhã. Fiquei desconfiado, mas aprendi a lição e tão bem, que ainda hoje sou eu quem faz o café matinal da minha casa, sem qualquer reclamação (agora uso três colheres de sopa cheias de pó).

A Redinha também pode ser lembrada pelas tardinhas ou manhãs no arrastão das redes de pesca, em ajuda aos pescadores, trazendo muito peixe, além do gostoso ato de colher a rede. Inesquecível e ali mesmo eram comprados os peixes, a escolher.

Outra estrepolia da meninada era passear de bicicleta até o Rio Doce, menos nos dias de domingo, pois para lá acorriam os casais para a prática de libidinagem. Brechei algumas vezes.



**Nossa casinha ainda existe no Maruim**

Durante o Veraneio recebíamos muitas visitas ilustres, dentre as quais a do meu vizinho de Natal, o italiano Rocco Rosso, que trazia Thereza, minha namorada, hoje minha companheira de mais de 60 anos de convívio (52 de casados).



**Último veraneio**

Os nossos veraneios na Redinha se acabaram por dois motivos – primeiro uma aventura louca que fiz com uns garotos do lugar, retirando o barco do raso e o levando mais pra dentro do rio, através do filho do dono da embarcação que garantiu saber manejá-la. Lá às tantas, perdeu o controle e o barco dirigiu-se para a boca da barra, com as águas do rio um tanto agitadas. Tomei então o comando

e gritei que todos se agarrassem no mastro e disse para o rapaz “sabido”, solte a corda da vela para o barco parar. Assim foi feito e ficamos algum tempo à deriva até que o barco foi sugado por uma falha no quebra mar (propositadamente feita pelos pescadores) e o barco passou para o lado da costa e em direção à praia (Costa). Gritei: puxe a corda da vela e o barco tomou o destino da beira d’água, cruzando com dezenas de pescadores que já vinham a nado em nosso socorro, mandados por papai que acompanhava tudo de binóculo. Chegamos assustados mas ilesos. O segundo motivo foi o assassinato do meu cunhado José de Moraes Gondim, que tinha também casa de veraneio na Redinha e a sua lembrança era motivo bastante de saudade insuportável. Papai vendeu a casa em 1963, que incrivelmente ainda existe juntamente com a de Seu Nelson. As demais desapareceram.



Casei-me em 16 de março de 1963 e limitei-me às visitas das praias da cidade, montando barraca ou pousando na casa de irmãs em Pirangi, até que em 1989 resolvi alugar uma casa em Cotovelo de propriedade de José Correia de Azevedo (Zequinha dos meus tempos de Ginásio Natal). Apaixonei-me e comprei um terreno onde construí um pequeno quartinho nos fundos, uma cozinha e um banheiro, passando a veranejar precariamente por uns cinco anos, quando então o mano Moacyr fez uma planta e eu construí a casa da Rua Parnaíba, 258, hoje o local do meu descanso e dos meus devaneios e de lá só sairei quando chamado para outra dimensão da vida.



Agora posso dizer que tenho o “Nirvana” e aproveito, na medida do possível, para escrever as minhas Cartas de Cotovelo (já em quatro veraneios) e tenho inspiração para a leitura e esboços de novos livros, sentado em minha varanda do primeiro andar, ainda que seja precária a visão do mar, mas sentido a brisa calma litorânea, a passagem de pequenos animais e muitos pássaros, entre os quais um beija-flor fiel, a visita dos parentes e amigos, curtindo os churrascos de Ernesto, uma cervejinha a gosto, cumprindo a velha tradição de cura das canseiras e recarregamento das baterias do corpo.

**CARLOS ROBERTO DE MIRANDA GOMES** é advogado, professor e escritor. Presidente da Comissão da Verdade da UFRN. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

# Mossoró no Prato do Dia\*

*Tarcísio Gurgel*

Quando superamos a temerária experiência de mudar para Natal e em menos de um ano retornar ao calor de Mossoró, o meu pai teve de alugar a família outra vez em casa alugada. Não deve ter sido fácil para ele. Sempre tão cioso das vantagens de ser proprietário de um imóvel que servisse de residência, dispor do seu próprio espaço – o homem tem que ter sua casa própria, enfaticamente advertia – sentia-se humilhado pela obrigação de visitar mensalmente o senhorio. É que não podendo quebrar o contrato com a pessoa que havia alugado a que construía, tivemos de residir em duas casas na condição de inquilinos até nos fixarmos naquela da avenida Augusto Severo, em que ele morreria e da qual também saiu minha mãe para finar-se na Casa de Saúde Dix-Sept Rosado. Adquirida numa permuta com a que havia construído, na Alberto Maranhão, foi talvez essa casa o endereço mais marcante da família, espaço de circulação dos nossos fantasmas mais queridos. Ninho de amor de Ninha quando finalmente, veio da Picada residir com a mãe viúva.

Daquelas outras casas em que residimos precariamente, lembro-me de modo vago da que ficava no oitão da igreja do Coração de Jesus, ao lado de um hotel. Sabíamos da existência do rio, ainda despoluído, na rua de trás, e a proximidade da barragem. Logo adiante, a pequena igreja do Coração de Jesus, onde frequentei o catecismo preparando-me para receber a comunhão lá longe: na igreja do Alto de São Manoel, mudança que até hoje não entendi. Restou de tudo – além, é claro da celebração que nos enchia de graves responsabilidades – o desconforto da roupa apertando e um café reforçado que me obrigou a tangenciar o pecado da gula no Instituto padre Dehon. Um pouco adiante de onde passamos a morar ficava a única agência de Correios da cidade, próxima à qual residia uma família extremamente católica, cujo filho seminarista, estimulava nossa latente santidade e uma vocação jamais confirmada. Na mesma rua, só que do outro lado, bem na esquina, ficava a casa de Henrique

Lima e dona Júlia, irritadiça irmã de José Menezes, por sua vez um elegante proprietário de loja de artigos finos cujo estabelecimento ficava numa das esquinas da rua Coronel Saboia.

Nos muitos batentes que levavam à larga soleira da porta de entrada da casa de dona Júlia, espaço que em nossa imaginação semelhava um pequeno palco, aquela reca de crianças descobriria pendores teatrais em apresentações que evoluíram para dramas encenados no interior de casas mais compreensivas. Liderava esse movimento amador se não estou enganado, uma dupla de meninas. Enide, de seu Elzo Rocha e Lilian, irmã de Tota que era especialmente dotado de irreverência e com uma risada capaz de desconcertar qualquer interlocutor. Utilizávamos, como todos os artistas infantis costumam fazer, lençóis de dormir e toalhas que serviam de cortina. E a plateia conduzia cadeiras emprestadas da vizinhança. Mas logo largamos nossa vida artística. Desse período, é também possível lembrar a presença de um time de futebol no hotel ao lado da casa. A intensa movimentação encantou meus olhos de menino ao ver os jogadores a sair, já uniformizados, para o campinho da Liga. Eram gladiadores prestes a entrar numa hipotética arena. A julgar pelas camisas de um rubro barulhento, devia ser algum esquadrão americano. Mas, certamente, não de Natal, pois não registro entre as lembranças qualquer comentário bairrista, ou provocações das pessoas que assistiram sua saída para o estádio. Nem sei tampouco contra quem se bateram nem o resultado da partida.

Passado algum tempo, mudamo-nos para uma casa pequena numa rua pequena, não muito distante dali, que talvez sem saber por que homenageava Machado de Assis. Dali, a não mais que cinquenta passos ficava a Praça da Redenção. Num dos extremos desta, o prédio da Ação Católica, tendo no outro o da antiga União Caixeiral onde mais adiante eu viria a estudar. Ao centro, uma acanhada e feia réplica da estátua da Liberdade lembrando a luta abolicionista de Mossoró e justificando o nome do logradouro. Quando chegava a noite, esta praça revelava grande movimentação com a presença dos futuros contabilistas. Numa das esquinas, a da rua que levava ao largo onde se encontrava a cadeia, estava a tristemente famosa bodega de Saturnino. Tristemente famosa, porque era um modelo de desorganização, primando também pela falta de higiene, tendo, além do mais, a

presença viva de personagens que pareciam saídos de um romance de Gorki: o velho irritadiço, a mulher, dona Maria, esquelética a perscrutar o ambiente e quem chegava, e o filho adotivo, Valdeci, raquítico, pálido, desprovido de beleza, mas especialmente inteligente e que logo se vingaria do destino, tornando-se uma ilustre figura da cidade, por haver passado num concurso do Banco do Brasil.

Foi nessa rua, a Machado de Assis, que, dando sequência àquela emoção de ver o time movimentando-se na calçada do hotel, a admiração pelo futebol tornou-se uma constante em minha vida. Relembro dois episódios que serviram para reforçá-la. Paredes meias com a nossa casa, morava Dona Nicinha, uma vovó de conto da carochinha, eternamente descalça, eternamente vestida do mesmo modo e com um lenço que também parecia eterno a cobrir a cabeleira branquíssima. Vivia na companhia de três filhos homens: Dedé Pretinho, Juarez e Domício, este último um barbeiro que disputava com o narigudo Antonio Tércio a oportunidade de torturar nossos quengos com cortes de cabelo pouco ortodoxos. A filha, Luzia, já casada, trabalhava no Armazém Caxias e visitava a mãe periodicamente com a beleza dos seus olhos verdes.

Uma tarde de domingo, tiruliruli, tirulirulá, acompanhei extasiado Dedé Pretinho – jogador apenas mediano entre os que disputavam o campeonato mossoroense de futebol – paramentar-se para ir a uma disputa no campo da Liga. O nome do time que iria defender não recordo. O que lembro é que fui privilegiado com a chance de presenciar um ritual quase mágico: já de calção, ele calmamente vestiu os meios, colocou as tornozeleiras e depois calçou – e pacientemente amarrou – as chuteiras que faziam crec-crec-crec, à medida que ele pisava o chão cimentado da pobre casa. E depois, colocou a camisa gloriosa hoje esquecida. Dirigindo-se para fora de casa, sob meu olhar fascinado, pegou a bicicleta e foi-se na direção do campo. Quem assistiu aquela cena não foi o caçula de seu Juvenal. Foi um *gitanito* saído de algum poema de Lorca, a quem se concedera o privilégio de ver um toreador paramentar-se para o duelo definitivo.

O coração infantil também pulsou descontrolado, mas logo iria se encher de humilhação e revolta no reinado livre da rua. Veio

o natal e fui presenteado com uma bola. Já na manhã seguinte, conduzindo-a cheio de expectativa tive uma frustração de que não me considero recuperado: na hora suprema de tirar a linha, organizando as equipes (num momento de grande expectativa porque significava selecionar os melhores jogadores para cada time, a começar do ataque), sobrou para mim a humilhante posição de goleiro. Nada de jogar na linha de frente que não revelava qualquer habilidade e, além do mais, era gordo e logo cansava. Tornei-me, assim, colega de Barbosa, o extraordinário goleiro do Vasco da Gama, um negro esguio e extremamente ágil que não conseguindo impedir o gol do Uruguai, que derrotara o Brasil, conquistando a Copa do Mundo, acabou – como ele, tristemente irônico relembra – o único brasileiro condenado pelo resto da vida. Éramos dois com uma pena a cumprir até a eternidade: ele, por não haver defendido o chute de Gighia; eu, por minha absoluta falta de talento para executar um fundamento que fosse, dos que justificam alguém correr atrás de uma bola numa disputa organizada. O arremate dessa triste constatação ocorreria quando um dos afoitos zagueiros do meu time, no afã de impedir que a bola chegasse a nossa área – pois sabia da parca qualidade do seu goleiro – deu um chute tão portentoso que o meu presente foi cair no quintal de uma casa cujo inquilino – um capitão da polícia que não era amigo de ninguém – havia feito o juramento de punir com a morte toda e qualquer bola que viesse a despencar sobre seus domínios.

Mas a casa da Machado de Assis nos facultou ainda a chance de colocar em nossa pauta de conversas domésticas questões de justiça, direito penal, reclusão. Ficamos sabendo, por exemplo, que se encontrava momentaneamente hospedado na cadeia da cidade, ali perto de onde morávamos, o mais famoso ladrão em atividade em Mossoró, quiçá no Estado: o temido Vaca Velha. Dele, dizia-se que era capaz de se metamorfosear em vários pequenos animais ou objetos e assim conseguir penetrar em qualquer prédio cuja inexpugnabilidade o desafiasse. Tão grande era o temor das pessoas, que muitas cuidaram de desenvolver táticas de neutralização daquela ameaça. Lembra-me Marta, filha de seu Ribeiro e dona Maria Júlia, que moravam numa rua paralela à nossa – e ainda mais próxima da cadeia – que advertidos da precariedade daquela hospedagem

compulsória, e da periculosidade de Vaca Velha, a família lhe mandava provisões diárias de comida. Que ele se considerasse dispensado de futuras visitas quando recuperasse a liberdade legalmente ou por fuga. Também da nossa casa saíram sopa e pão, acompanhadas do pedido de também ignorar a nossa humilde presença. Passar bem e passar longe do nosso endereço nas futuras reincidências.

Foi ainda por essa época que tomamos conhecimento da existência de outro presidiário que granjeou forte popularidade em Mossoró. Chamava-se Hiran e era um radio-técnico magríssimo, palidíssimo, o qual, como diria num afetado comentário uma personagem de Francisco Pereira da Silva – o teatrólogo piauiense, não o seu homônimo meu cunhado – tornara-se um uxoricida: assassinara a primeira mulher. Sua compleição frágil parecia desautorizar tamanha violência, revelando Hiram forte timidez, sempre falando apressado quando alguém a ele se dirigia. Devia ser grande a sua condenação, pois já fazia alguns anos que cumpria pena na cadeia de Mossoró. Quando o conhecemos parecia estar em regime semiaberto, pois até arranjava outra mulher com quem casou, teve filhos. O primogênito dessa segunda ligação, agora bem sucedida, era o simpático Eisenhower que com esse nome homenageava o presidente americano que comandara as tropas aliadas na invasão à Europa no chamado Dia D. Os seus irmãos eram Libertad Lamarque, igual à cantora-atriz argentina – que segundo mexericos da década anterior chegara a dar um tapa numa ainda desconhecida Evita – E o fim de rama chamava-se Eugenio Pacelli, numa óbvia homenagem ao sisudo papa Pio XII. Nomes assim, tão criativos, lhe haviam sido sugeridos por um irmão daquela minha amiga, Raimundo Uchoa, boêmio e gozador.

Dotado de grande inteligência e excitado com as notícias cada vez mais frequentes da corrida espacial, o pai daquelas crianças encasquetara na cabeça que devia ele próprio desenvolver um artefato para dar alguma contribuição à pesquisa que visava abrir estradas pelo cosmos, a que dera um forte impulso durante a 2ª. Guerra o nazista Von Braun, admiração dos americanos que o haviam adotado quando terminou o conflito. Tão rápida quanto um foguete, espalhou-se pela cidade a notícia de que Hiram iria fazer um capaz de subir aos céus de Mossoró numa linda tarde de estio.

Não alcanço descrever os detalhes técnicos de tal empreendimento, por minha absoluta incapacidade científica. Sei, contudo, que como tantas outras no mundo todo, a experiência acabou não dando certo. E Hiram viu despencar, numa chocha explosão – mal começara a subir o tal foguete – a forte admiração que os mossoroenses revelavam por sua inteligência.

Naquela rua Machado de Assis tivemos como vizinhos, à esquerda, dona Eufrásia e os filhos Jandira e Jaime. Viúva e católica praticante, vestindo-se com um ascetismo beatífico que fazia ressaltar o corpo miúdo e magérrimo, aquela santa senhora assistiu aos filhos desenvolverem interesses – digamos à falta de melhor adjetivo – profanos.

Jandira passaria adiante a frequentar com previsível regularidade o Clube Ypiranga, o sodalício da Mário Negócio, como diziam os cronistas sociais, e também a nascente ACDP – Associação Cultural e Desportiva Potiguar, um charmoso pavilhão que fora construído à margem esquerda do rio Mossoró. E chegava sempre a um e outro clube na companhia de amigas que não tendo realizado o sonho do casamento, costumávamos chamar balzaquianas, sem saber que relação poderiam ter com pai Balzac. Ela compunha com Yolanda Melo, Joaquina Costa, Heliene Filgueira, Maria Lúcia Escóssia, e mais outras queridas amigas, um grupo filantrópico denominado Luizas de Marillac inspirado nas ações assistenciais da freira que auxiliou Vicente de Paulo nas tarefas de assistir o próximo nas condições mais desafiadoras. Semanalmente, com esfuziante alegria, ela e suas companheiras promoviam no Ypiranga uma festa-baile – a que chamavam *boate* – para estimular a arrecadação do dinheiro que, obtido com a venda de entradas, era destinado a atividades filantrópicas, sendo a principal, segundo penso, ajudar a manter o velho Abrigo Amantino Câmara, ainda hoje cuidando de idosos em Mossoró, sob a inspiração de dona Edy Moura. Vamos à boate das Luizas?, dizíamos. Porque era noite de quarta-feira.

Foi também por esse tempo, que o empresário Cristóvão Frota, que viria a se tornar sogro do meu irmão Kiko, tendo retornado de uma experiência bem sucedida no ramo de bar e restaurante no interior de São Paulo, arrendou o bar do clube, que

estava melancolicamente desativado. A alegria foi geral. Além de reerguer o Ypiranga, garantindo a animação da Boate das Luízas, Cristóvão, sua mulher Amélia e os filhos Mazé, Djalma, os ainda meninos Déo e Tarcísio, Neide e Cleide introduziram novos hábitos alimentares e coreográficos na vida mossoroense. Nós, por exemplo, que costumávamos lanchar no café de Francisquinho, na coronel Saboya, o folclórico cachorro quente, feito com carne moída enfeitada com coentro num pão francês passamos a consumir quibes, frangos à passarinha, e um macarrão que, servido à bolonhesa em pratos de sobremesa, chegava aos clientes em poções denominadas “Meia Macarronada”. E, curiosos, nos esforçávamos para seguir os passos dos filhos, todos especialmente dotados para a dança, que introduziram o hully gully, o twist e até o cha-cha-cha naquele dancing assoalhado com pinho de riga. E a gloriosa Boate das Luízas de Marillac lograva conseguir, na ainda romântica Mossoró, uma convivência rigorosamente sadia entre os *States* e o Caribe. E até com a Europa e o mundo árabe, se considerada a proposta gastronômica. Tudo sob as alegres bênçãos da missionária francesa que Jandira, e as amigas, piedosa e alegremente representavam.

O outro filho de dona Eufrásia, Jaime Hipólito, era um talentosíssimo jornalista/ escritor que exercitava um esquerdismo moderado e que viria mais adiante a se tornar advogado. Era reconhecidamente o principal intelectual mossoroense desse tempo, embora com sua extrema lealdade, fizesse sempre questão de ressaltar o talento e a inteligência do companheiro de jornalismo e conversas irreverentes, Dorian Jorge Freire que não residia então em Mossoró. Atuando na imprensa paulista, este último se destacava no jornal *Última Hora* de Samuel Wainer e, posteriormente, na experiência do jornal católico *Brasil Urgente*, em que, sob outras bênçãos, a do Frei Josafá fustigava a ditadura.

No tempo do radicalismo mais forte da política estadual, quando Aluísio Alves pôs em risco o domínio dos Rosados em nossa cidade, Jaime Hipólito escrevia críticas candentes aos opositores, tocadas por uma ironia e um humor capazes de agradar o seu ídolo, o crítico Agripino Grieco, num programa diário intitulado “O Prato do Dia” na Rádio Tapuio. O locutor que o apresentava, Souza Luz – sem o tom aveludado da voz de Jorge Ivan Cascudo Rodrigues, que

lia marcadamente cada sílaba da crônica noturna denominada “Boa noite para você”, nem o timbre cristalino de Genildo Miranda, que comandava os programas de auditório da Difusora – fazia com sua voz roufenha leituras memoráveis das crônicas que o filho de dona Eufrásia produzia, pontuando com ironia inexcedível as palavras que escandia e as pausas dramáticas. Tremiam as bases oposicionistas de dr. Chico Duarte. Foi no tempo das campanhas do Pisa na Fulô (que Duarte já ganhou) e Pisa no Capim que a vitória é de Toin, (Antônio Rodrigues de Carvalho, filho do velho vereador João Manuel). Os hinos pegando carona, em forma de paródia, do grande sucesso da cantora Marinês. A guerra verbal que então se travava pela cidade tinha o seu lado divertido amplificado pela ironia e deboche de personalidades como Mota Neto (agora correligionário de Chico Duarte) e pelo tabelião Joca Bruno (fiel seguidor das hostes rosadistas).

Devo a Jaime Hipólito a revelação de que à tarefa de escrever bem podia estar associado o charme da vida literária, em forma de encontros, lançamentos de livros, palestras, etc. E cheguei a lhe falar dessa dívida, um dia, levando-o a rir meio sem jeito, e sem esconder o tempero da ironia sempre presente. É que em 1962, como um adolescente curioso e já um pouco metido, recém-retornado de um festival de teatro em Porto Alegre, de que o grupo de teatro de Mossoró participara com destaque, assisti numa manhã de excepcional movimentação ao lançamento de um livro seu. Aconteceu na Casa Octávio, uma loja de livros e papelaria em pleno centro de Mossoró: eram contos que, reunidos, ganharam o título de *O Aprendiz de Camelô*, com direito a capa de Newton Navarro. O proprietário daquela casa, um jornalista e escritor de talento, José Octávio – a quem não cheguei a conhecer – era, soube-o muito tempo depois, o avô do talentosíssimo compositor Danilo Guanais. Na manhã daquele lançamento, a professora Dalvanir Rosado, por quem todos nós éramos apaixonados nos tempos do Grupo Escolar 30 de Setembro, vendo-me um tanto perdido no meio das autoridades e pessoas amigas do escritor, estimulou-me com uma indagação aparentemente despropositada:

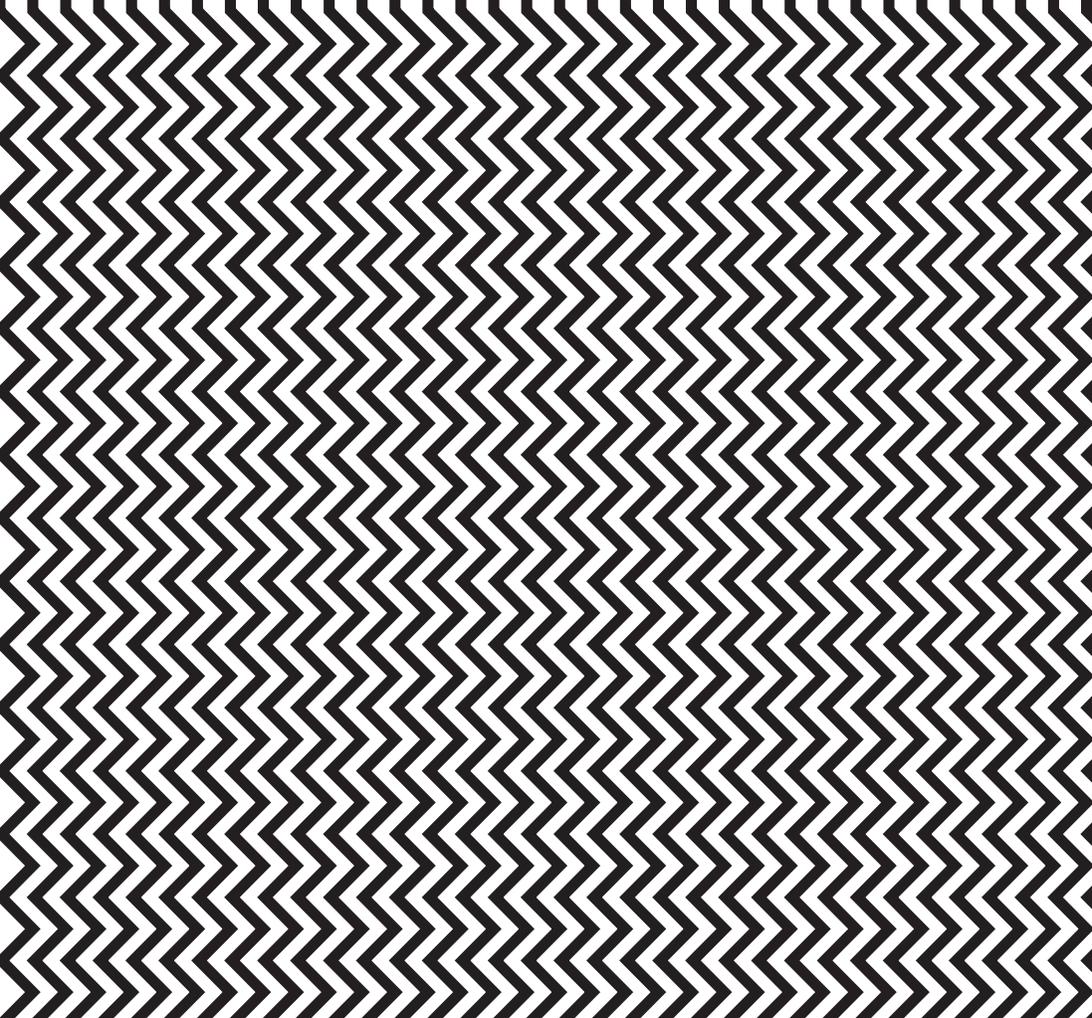
- E quando é que vamos lançar o seu?

A atitude, com o selo mossoroense do rosadismo, sugerindo o que o intelectual militante Vingt-Un faria ao longo de toda a sua vida, era possível de explicar, primeiro pela consabida participação naquela minha experiência recente de haver viajado a Porto Alegre e participado do festival de teatro. Ou então – o que agravava mais o excesso de generosidade – pelo fato de que ela possivelmente escutara a leitura dos versos horrorosos que eu escrevera e que foram lidos na Rádio Tapuyo, num certo dia das mães. Atentado que teria ocorrido possivelmente com a solidária interferência do meu vizinho de rua e autor do livro que estava sendo apresentado à sociedade mossoroense. Se não seria determinante para o desenvolvimento da minha vontade de ser escritor, aquela festa literária de algum modo pode ter ajudado na minha atitude de compor um grupo de que fiz parte e que recebeu coincidentemente o nome de Machado de Assis: Círculo Cultural Machado de Assis. Seguindo a lição do bruxo do Cosme Velho, também criamos nossa academia ainda que pequena e informal. E nos reuníamos na Biblioteca Municipal semanalmente: Anchieta Cardoso, Edilson Guimarães, José Gurgel da Silva Melo, Luiz Alves Neto, os Tarcísio – Cabral e Gurgel – e Turbai Rodrigues. Até em minha cidade havia lugar para que viessem a ser usadas a pena da galhofa e a tinta da melancolia.

\*Capítulo inédito do livro Inventário do Possível II

**TARCÍSIO GURGEL** é escritor, professor e jornalista, autor de “Informação da Literatura Potiguar”, “Os de Macatuba” e outros livros.





# POEMAS

# TANKAS

*Diógenes da Cunha Lima*

Dedicado ao poeta Raimundo Gadelha, inventor do Tanka no Brasil.

A brisa afaga,  
Vela a manhã, o sol.  
Na verde grama  
As borboletas brancas  
Dão sentido à vida.

Luzem estrelas,  
Trópico fecundo,  
Tornam-se luzeiros.  
No país da fábula  
Os homens estão cegos.

Feliz o manso  
De coração humilde.  
Herda a terra  
Santa, a prometida  
Ao mal-aventurado.

Vi o pássaro  
Pousando de leve.  
Folhagem de acolhe,  
Esconde crepúsculo  
É sóbria paisagem.

No canavial  
Bichos estão extintos.  
Mas algo inda pulsa.  
Para dizer da vida  
Brilham os vagalumes.

Vocação voar  
Sem asas, sem pouso,  
Penas ou plumas.  
Fantasias criando  
Os homens são pássaros.

Olhar distante  
Nossa alma afaga  
Desconhecidos.  
Imaginar podemos,  
Horizonte é fonte.

A cruz simboliza  
A extinção de deuses  
Pois somente um  
Divino é nascido  
Para levar sua cruz.

Obras de arte,  
O museu se expande.  
Cresce admiração  
Mas tudo apenas  
São vestígios, passado.

**DIÓGENES DA CUNHA LIMA** é poeta e escritor, autor de “Os Pássaros da Memória”, “Câmara Cascudo – Um Brasileiro Feliz” e outros livros. Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-reitor da UFRN e ex-presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras.

# BANHO DE SOL PÓS-REBELIÃO

*Paulo de Tarso Correia de Melo*

O pátio da prisão  
é plantação florida  
pela aparição  
de cuecas coloridas  
que fazem, de repente,  
em praia concorrida  
ou prado inocente  
sua demarcação  
embora ocasionem  
cenas proibidas,  
juvenil tesão,  
flores escondidas  
que aparecem com  
a espera medida  
e tensão explosiva  
das flores do chão.

O pátio da prisão  
é gleba resumida  
de passos, palavrão,  
braça despossuída,  
questão-de-terra- antiga,  
porra, filho da mãe,  
que é sempre rapariga,  
no pátio da prisão;  
ou praia de enormes ondas

de ânsia e de barulho  
que vão quebrar-se altas  
contra mais altos muros,  
mar de mais turbacão  
que banha estes meninos,  
agrupados que estão  
em ladrões e assassinos:

as pernas já correram  
de caçadas humanas,  
as costas aguentaram  
muita surra sacana,  
as bundas já sentaram  
igreja e escola um dia,  
as bocas já fizeram  
primeira comunhão.

As mãos hoje seguram  
estoques e estiletos.  
Banho de sol e sangue  
no pátio da prisão.

**PAULO DE TARSO CORREIA DE MELO** é poeta e escritor, autor de “Talhe Rupestre” e vários outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

# POEMA

*Sônia Faustino*

Solte ao vento  
os seus bordados  
deixe que a brisa  
misture  
os fios contados  
da vida  
velhos fios  
enovelados.

**SÔNIA MARIA FERNANDES FAUSTINO** é professora e escritora, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autora de “Rosa la Francé” e outros livros.

# A duna dura

*Lívio Oliveira*

*Dedicado a Anchieta Rolim e Carlão de Souza*

Nanquim: detalhamento oriental  
esboça escarpas, falésias, dunas  
tudo misturado num só plano  
aos espaços vazios e alongados  
alimentando alma e respiração  
praças no abismo à beira-mar  
do pensamento fraturado e pó.

As borboletas invadem cidades  
o mar invadindo: cilada abre  
azuis de borboletas arrastam  
cidades geometrizarantes opacas  
jogam suas luzes e antenas e anzóis  
reconstroem e destinam  
as ruínas os acúmulos os portais.

Adensamento de prédios-montanhas  
visíveis e invisíveis: as nuvens  
as esperanças, danças-desdanças tribos  
construções das cidades nas raízes  
dentes cegos do mundo raso, as igrejas e cruzes  
raras árvores de concreto o peso o chumbo  
dos estádios no centro e o entorno carregado.

Os raios escuros que se derramam  
pintam o derradeiro lugar gramado.

**LÍVIO OLIVEIRA** é procurador federal, poeta e escritor, membro do IHGRN e da UBE/RN. Autor de “Resma”, “Teorema da Feira” e outros livros.

# Cantarei à chuva

*Maria Maria Gomes*

Cantarei à chuva  
como quem canta o amor.

Cantarei à chuva  
como pedido de libertação.

Cantarei à chuva  
para que ela chegue até nós  
como quem canta sem dor.

Cantarei à chuva  
porque sedentos  
porque carentes  
porque assolados  
porque nebulosos  
porque inseguros.

Cantarei à chuva  
como quem carrega no braço  
um cântaro.

Cantarei à chuva  
todas as manhãs quando o dia vive.

Cantarei à chuva  
porque cantá-la é pedir perdão!

Cantarei à chuva  
porque sou toda água.

Cantarei à chuva  
porque não há solidão.

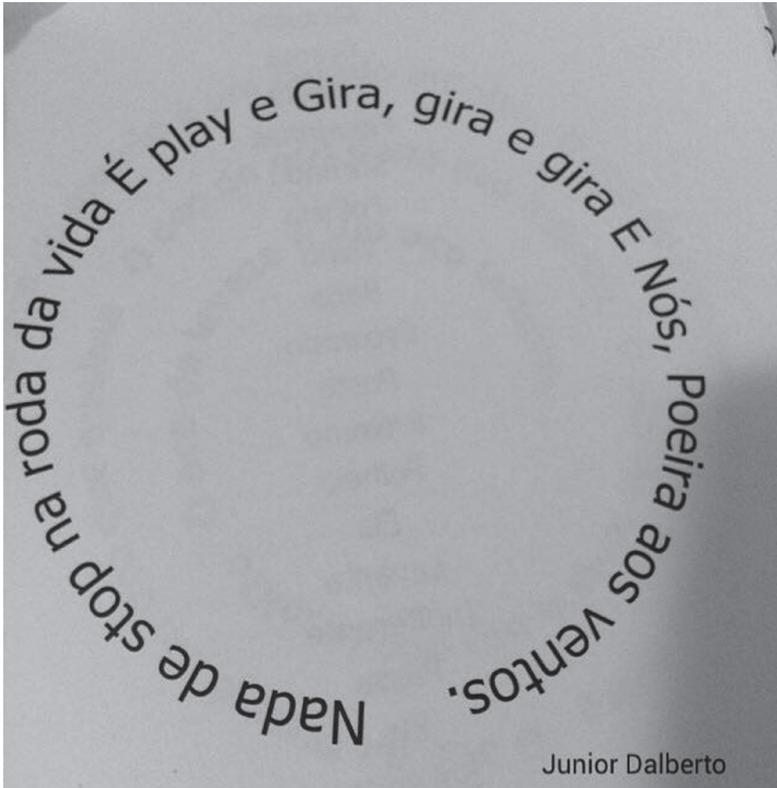
Cantarei à chuva  
todos os dias e a  
cantarei durante o dia.

À noite sonharei com a chuva.  
À noite...  
a chuva será minha companhia inseparável  
fonte inesgotável de poesia.  
Cantarei à chuva.

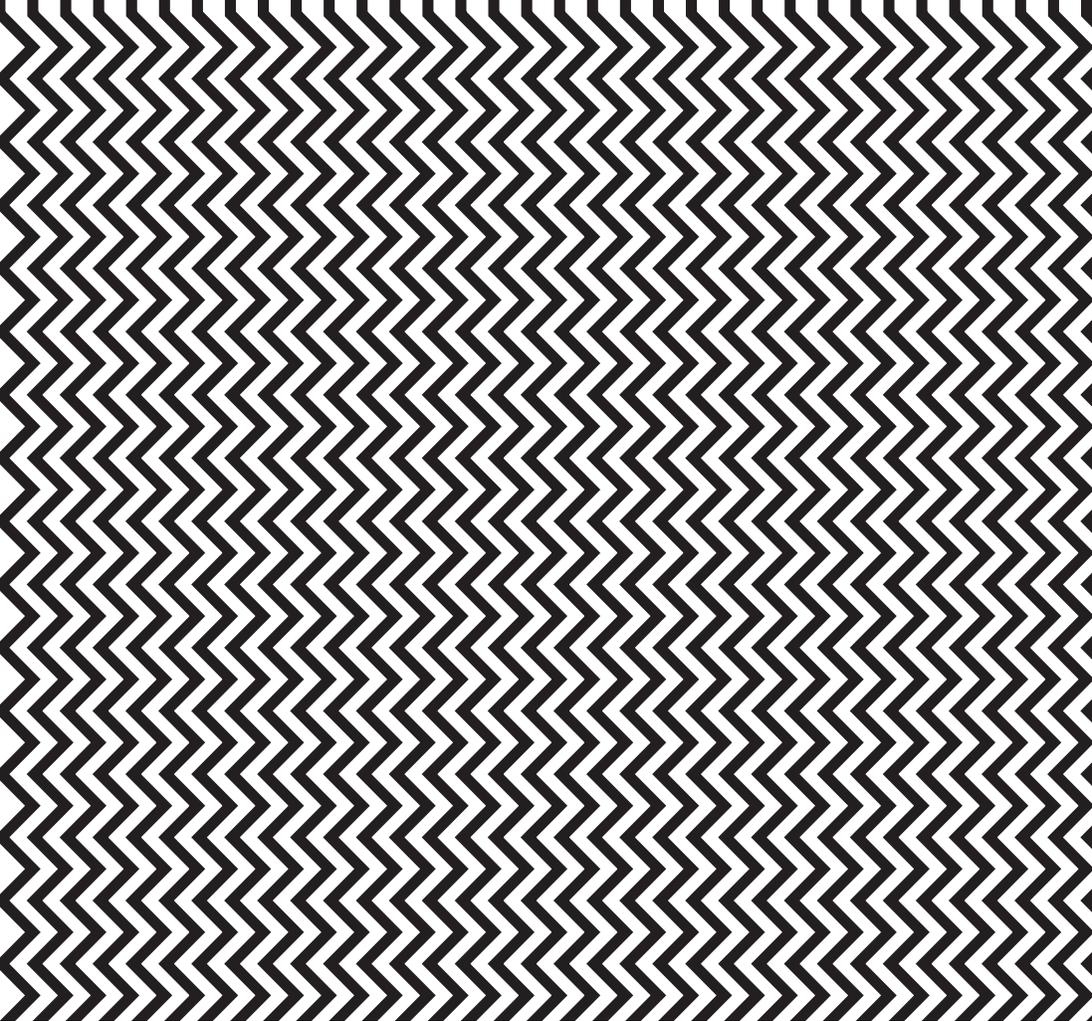
**MARIA MARIA GOMES** é professora, escritora e poeta, autora de “Proposta de Chuva”, “Outônicas”, e outros livros.

# POEMA

*Junior Dalberto*



**JUNIOR DALBERTO** é escritor, poeta, dramaturgo e diretor artístico, autor de “Pipa Voada sobre Brancas Dunas”, “Leveza Infinita”, e outros livros.



NOVOS ACADÊMICOS

# DISCURSO DE SAUDAÇÃO AO ACADÊMICO PADRE JOÃO MEDEIROS FILHO.

*Valério Mesquita*

Amanhã, dezesseis de março o padre João Medeiros Filho celebrará setenta anos rumo à luz. Nivaldo Monte seu irmão em alegria e pureza de sentimentos completaria noventa e três, já na luz. O acadêmico que toma posse esta noite é do sertão, lá de Jucurutu, onde Deus o sustentou na fé desde que nasceu. Sempre, manteve reflexões espirituais diante dos fatores imanentes e iminentes da vida. Fiel aos hábitos e à retórica provinciana do interior, apesar do doutoramento em teologia na Universidade Católica de Louvain em 1965; do mestrado em teologia, em comunicação social, ainda na Bélgica, depois doutorado em comunicação na Universidade Federal do Rio de Janeiro, professor de filosofia, química, religião no Colégio Santo Inácio dos padres Jesuítas no Rio, Diocesano Seridoense de Caicó, de haver sido lente da Faculdade de jornalismo Eloy de Souza, sociologia na UFRN, João Medeiros Filho ainda se apascenta no costume secularizado da cadeira na calçada de um fim de tarde, ouvindo o grito heróico do vendedor de cuscuz e mungunzá na antiga Jucurutu de João Eufrásio de Medeiros e dona Maria Aparecida Jácome de Medeiros, seus pais.

O padre é um simples, não gosta de reuniões onde desfilam egos inflados. Suas crenças básicas estão fincadas na desafetação da vida como perpétuo e inalienável direito de existir, misturado ao povo miúdo, imagem e semelhança do Cristo, seu irmão. Nunca exercitou artificial adesão ao modismo litúrgico, plástico, aeróbico, difuso e mítico. No altar do Senhor ele é o donatário da capitania de Jesus ou capataz dos mistérios circundantes da fé. A sua homilia contém a alma e o sumo das descobertas, interpretando em Mateus, Lucas, Marcos, João e Paulo, tudo que o Espírito Santo falou. O padre apenas persegue pontualmente os significados, a humana

palavra necessária que todos queremos ouvir. No altar, nos repassa a unção e a certeza de que Deus existe.

Senhoras e senhores acadêmicos e convidados:

A sua vasta experiência em vida acadêmica, direção e assessoramento superior em inúmeras instituições de ensino público e privado, oferece-nos uma exata dimensão de sua experiência administrativa e cultural em cargos que ocupou no Ministério da Educação no Rio de Janeiro como assessor de departamento; assessor especial da presidência do Conselho Federal de Cultura e secretário executivo; coordenador de planejamento do Ministério da Educação Delegacia do Rio de Janeiro; assessor do gabinete do ministro da Educação; delegado do MEC; procurador para assuntos culturais da Fundação José Augusto junto aos órgãos de cultura, sediados no Rio de Janeiro e Brasília.

Aqui, de 1980 a 1985, com ele convivi, quando exerci a presidência da Fundação José Augusto. No Rio de Janeiro, o padre Medeiros abriu-nos portas para infundáveis convênios na Fundação Nacional de Arte, no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, no Instituto do Folclore, na Fundação Roberto Marinho, no Instituto Nacional do Livro, entre outras entidades públicas e privadas. Só na restauração de monumentos históricos no Rio Grande do Norte foram doze, sendo oito de parceria com a Fundação Roberto Marinho. E através dele, ainda o dono das Organizações Globo veio a Natal, precisamente a Utinga, povoado de São Gonçalo do Amarante com todo aparato de televisão e jornal.

Merece narrar a sintonia das duas fundações. Era uma tarde carioca, quando, de repente, me vi, guiado por ele, ao jornal “O Globo”, diante da placidez do poderoso empresário Roberto Marinho. Deu-se aí o milagre do padre de Jucurutu que logrou aproximar os objetivos culturais para ajudar a preservação dos monumentos históricos do Rio Grande do Norte. Somente com a Fundação Roberto Marinho, a nossa Fundação José Augusto restaurou oito monumentos no estado.

Sobre o seu assessoramento a FJA, há muito a dizer. O mais importante é que, com ele aprendi que soube sempre viver a alegria de sua pobreza material, território dos seus vãos e desvãos. Aqui e

acolá fantasmas líricos apareceram para testemunhar o seu caminho de retidão. Triunfou sobre tudo, porque a sua angustia factual como sacerdote reside na tristeza de que o ser humano coisificou-se. Muita gente perdeu a densidade, a identidade, a musculatura dos gestos e dos passos que fazem realmente a história da humanidade comum.

As suas atividades eclesíásticas foram muitas, desde Jucurutu, Caicó, Rio de Janeiro (Colégio Santo Inácio e vigário da Matriz de São João Batista da Lagoa), Colégio Santa Rosa de Lima e capelão do Mosteiro Beneditino de Emaús. Nessa longa trajetória, o padre sempre combateu o bom combate e nunca perdeu a lâmina da alma. Na atividade bibliográfica o seu labor foi extenso e genuíno nas origens e nas vertentes. Dos vinte livros publicados, três deles em idioma francês, versaram sobre temas sociais, religiosos, memorialísticos, históricos, publicados por editoras de prestígio nacional e internacional, tais como a Dimanche e a Inbel (Bélgica), Vozes, Saraiva, Letra Capital, Fundação José Augusto, entre outras. Destaco: *Os degredados filhos da seca*, de parceria com o colega e acadêmico Itamar de Souza, *A seca do nordeste: um falso problema, O Seridó, século XIX, fazenda e livros*, este em coautoria com o saudoso Osvaldo Lamartine, são alguns que menciono, de passagem.

Minhas senhoras, meus senhores, vejam nos tópicos que pesquisei de sua vida, toda a revelação de sua personalidade como homem e sacerdote.

1. A virtude da pobreza sempre tocou e impressionou o padre João Medeiros. Sentiu o chamado de Deus para o sacerdócio, aos seis anos de idade, quando em 1947, ouviu um sermão de Dom José de Medeiros Delgado, primeiro bispo de Caicó, comentando a beleza, a profundidade teológica e a poesia das Bem-aventuranças do Evangelho. Soaram forte em seus ouvidos: “*Bem-aventurados os pobres, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados os ternos, os puros, os doces, os pacíficos etc*”. Depois, disse ao bispo num jantar na fazenda do seu padrinho de batismo, Stoessel de Brito: “*Senhor bispo, quero um dia também pregar assim. As palavras do evangelho me encantaram*”. Parecia, ali, que se ouvia o repetir da frase de Pedro, quando respondeu ao

Mestre: “*A quem iremos, Senhor, pois só tu tens palavras de vida eterna (Jo 6, 68)*”.

2. Nunca recebeu, ao longo dos seus quarenta e seis anos de sacerdócio, um só centavo pelos serviços religiosos prestados, apesar das prescrições diocesanas e das espórtulas estipuladas pelas autoridades eclesiásticas. Procurou viver o que diz o Evangelho: “*Recebestes de graça, dai de graça (Mateus, 10, 8)*”. Ou por outra como pregou o apóstolo Paulo: “*Em minhas necessidades, eu nunca fui pesado a ninguém, vivi do meu trabalho e do meu suor (2Cor 11, 9)*”! Todos os seus estudos de humanidade e de filosofia foram custeados pela sua família. O curso superior de teologia foi realizado mediante uma bolsa de estudos do governo belga. A Igreja nunca lhe dispensou um só centavo para a sua formação religiosa e eclesiástica. Para seu sustento fez concurso para a Universidade Federal do Rio Grande do Norte e depois se tornou servidor da Fundação José Augusto. Certa feita, após benzer uma empresa importante deste Estado, deram-lhe um envelope lacrado. Fora celebrar numa comunidade religiosa e entregou às freiras o envelope fechado. Depois a religiosa telefonou, dizendo que havia uma importância de cinco mil reais. O padre simplesmente respondeu: “*Não é meu, isso é do povo de Deus!*” E lá ficou.
3. Quando senador da República, o velho Dinarte Mariz, ofereceu-lhe em 1976, um excelente e irrecusável emprego no Senado Federal com todas as mordomias e vantagens. Com simplicidade e humildade, respondeu: “Padrinho, como o apóstolo Paulo, digo-lhe: *Ai de mim, se eu não evangelizar (1Cor 9, 16)*! E completou: *Minha vocação é o altar!*” Convite recusado.
4. Em 1968, o então bispo de Caicó, Dom Manuel Tavares de Araújo, após a promulgação da encíclica *Humanae Vitae*, que fazia sérias restrições à pílula anticoncepcional, determinou que o padre João Medeiros queimasse sua tese doutoral, que versava sobre a progesterona sintética, ou

seja, os contraceptivos. Humildemente, fez uma fogueira e destruiu os seus dois anos de pesquisa e estudos. Quando alguns padres o indagaram e até o criticaram pelo seu gesto de obediência pronta e quase cega, ele respondeu como Santo Inácio de Antioquia: *“Nihil sine episcopo”* (nada sem o meu bispo). Passados trinta e cinco anos, de joelhos, o bispo lhe pediu perdão no leito de morte, no hospital São Lucas, dizendo-lhe que não acreditava que fosse capaz de obedecer-lhe. Padre João Medeiros lhe respondeu: *O povo de Deus necessitava mais de meu perdão e de minha palavra, do que de minha tese!*

5. Em 14 de dezembro de 1964, quando ainda diácono, estudante na Universidade de Louvain, na Bélgica, teve uma visão, um sonho, um delírio, pouco importa o nome a que se dê ao fato. Viu um velho amigo e compadre de seu pai, que lhe apareceu e pediu que sempre no dia 14 de cada mês se lembrasse dele na missa e lhe afirmou: *“Joãozinho, morri na cama de minha amante, que me arrastou para a calçada de sua casa. Os bens deste mundo, nada valem na outra vida. Seja um padre simples e pobre!”*. No mesmo dia escreveu sobre o assunto aos seus pais e uma semana depois recebeu uma carta de sua mãe, relatando o mesmo ocorrido, na íntegra como lhe transmitiu de véspera a aparição.

Excelentíssimas autoridades, senhores acadêmicos:

No céu estrelado de minha amizade pessoal e litúrgica com o padre João Medeiros Filho, ela passeia pela nostalgia que provém das nossas heranças telúricas de um tempo que a memória ainda não desfez. Juntos abominamos a marginalização dos pobres deste mundo que são hoje os mártires de ontem. Unidos, ainda procuramos nas conversas a terra habitada pelo silêncio e pela distância das coisas, porque o nosso grito é cárcere privado e já não se faz pouco ouvido, nesse mundo de contradições de todo o gênero. Vejo-o e sinto-o ainda, até hoje, moderado e modesto como sempre o conheci. Tão sem vaidades que gosta de ser anônimo, fulano de um mundo diferente, distante, coletivo. Em Emaús, onde Jesus mandou Nivaldo

Monte deixá-lo, ele sonha com as madrugadas de silêncio, como se estivesse numa pracinha do interior, povoada de alegrias simples de viver. Se a saúde deixasse gostaria de viajar de ônibus, da linha do Seridó, só para ouvir a última gargalhada do outro papa, Vivaldo, lá no país de Caicó.

O que o padre João Medeiros gosta é de viver ao lado da gente simples, muito humana, que sabe rir de seus tropeços, não se encanta com triunfos, não se considera eleito antes da hora, e nem foge de sua mortalidade, tal como pensou e escreveu o grande Mário de Andrade. Ele ama a solidão consentida para ouvir e falar melhor com Jesus. Vez em quando, de Emaús em Parnamirim, vem a Natal para rezar missas gratuitamente, rever amigos e saber notícias de Cláudio, Serejo, Ticiano, Sanderson, Ernani, Woden, Laércio, Paulo Balá, visitar Jonas, seu irmão, a Arquidiocese e, agora, a nossa Casa, a Academia. Está consciente que completa mais um périplo em torno do tempo, sem nunca haver desamado os frutos de sua vocação. João Medeiros guarda em si a beleza aflita dos despossuídos. Um salmo invisível resplandece sempre em seus gestos e movimentos cadenciados de humildade cristã. Nada mais me impele prosseguir a saudação, a revelar sua identidade e currículo. Resta-me, apenas, dizer-lhe: pode entrar, padre, assumo o seu lugar, aqui você foi eleito por unanimidade. Não precisa pedir licença. Um dia, que seja longe o apóstolo Simão Pedro e o irmão Nivaldo Monte irão dizer-lhe as mesmas palavras lá no plano superior, rumo à luz que nunca se apaga.

Por último, dedico-lhe o Salmo 1, versículos 1 e 2:

*Bem-aventurado o homem que não anda segundo o conselho dos ímpios, nem se detém no caminho dos pecadores. Antes, tem o seu prazer na lei do Senhor, e na sua lei medita de dia e de noite.*

Tenho dito.

# DISCURSO DE POSSE DO PADRE JOÃO MEDEIROS FILHO NA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS.

Gostaríamos de começar agradecendo:

a) a Deus, o maravilhoso dom da vida, a fé que ilumina nossa caminhada, as incomensuráveis graças recebidas ao longo de nossa existência, inclusive a alegria de ser acolhido hoje nesta Casa; b) aos ilustres acadêmicos, a benevolência e confiança demonstradas; c) às autoridades, a deferência da presença nesta solenidade; d) aos amigos aqui reunidos ou ausentes, a partilha do júbilo e da honra deste momento.

Antes de relembrar e homenagear a memória de nossos antecessores nesta Academia, reverenciamos o *mestre dos mestres potiguares*, o grande imortal Luís da Câmara Cascudo, orgulho e glória de nosso estado e do Brasil, cujo legado cultural, científico e literário ultrapassou as fronteiras de nossa pátria.

Para nós cristãos as coincidências são desígnios da Providência. Ingressamos nesta Casa, neste quinze de março, data do aniversário natalício de nosso saudoso Dom Nivaldo Monte e também do *Príncipe dos Poetas do Rio Grande do Norte*, Henrique Castriciano de Souza, natural de Macaíba. Ocuparemos, com responsabilidade, zelo e respeito, a cadeira 18, cujo patrono é Augusto Severo de Albuquerque Maranhão, também oriundo de Macaíba, sendo recebido por outro macaibense, de igual orgulho para a terra de origem, Valério Alfredo Mesquita, nosso amigo e irmão, há mais de trinta anos, sem rusgas, abalos e arranhões.

Augusto Severo foi o oitavo dos quatorze filhos de Amaro Barreto de Albuquerque Maranhão e Feliciano Maria da Silva de Albuquerque Maranhão. Nasceu aos 11 de janeiro de 1864 e faleceu em Paris, no dia 12 de maio de 1902. Realizou seu curso primário em Macaíba e o secundário em Salvador. Em 1880, viajou para

o Rio de Janeiro e iniciou seus estudos de engenharia na Escola Politécnica. Casou-se, em 1888, com a pernambucana Maria Amélia Teixeira de Araújo, com quem teve cinco filhos. No mesmo ano começou a escrever para o jornal *A República*, de propriedade de seu irmão Pedro Velho. Este sendo eleito, em 1893, para governar o Rio Grande do Norte, Augusto Severo assumiu a sua vaga na Câmara dos Deputados Federais.

Viúvo aos trinta e um anos casou-se com a italiana Natália, que lhe deu um filho, a quem chamou de Augusto Natal Severo, em homenagem à sua amada terra. No cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro, em sua lápide, havia esta frase: *Sidera vincere conatus vincit eum mors, isto é, tendo se esforçado para conquistar os ares, a morte o venceu.*

O primeiro ocupante da cadeira 18 desta Academia foi Waldemar de Almeida. Nasceu em Macau, aos 24 de agosto de 1904, filho de Cussy de Almeida e Coríntia Henriques de Almeida. Desde cedo, despertou a vocação para a música. Aos dez anos de idade, participou de recitais de piano no Teatro Carlos Gomes (hoje Alberto Maranhão). Diante de seu interesse pela arte, os familiares convenceram seus pais a enviá-lo para estudar música no Rio de Janeiro, onde viveu oito anos. Transferiu-se para Berlim, a fim de aperfeiçoar seus conhecimentos de piano. Após quatro anos na Alemanha, decidiu fixar residência em Paris.

Em 1930, voltou a Natal e criou o Instituto de Música. Lecionou canto no Ateneu e no Colégio Marista. Fundou a revista *Som*, da qual editou vários números. Por diversas vezes, integrou comissões de concursos em várias capitais brasileiras e recusou o convite de Villa-Lobos para trabalhar no Rio de Janeiro. No Rio Grande do Norte, compôs uma série de músicas sobre temas folclóricos. Em 1950, fixou-se em Recife, onde abriu uma escola de piano. Entre seus alunos, destaca-se a pianista Eliana Caldas Silveira.

Waldemar de Almeida foi distinguido com vários títulos e sua biografia figura em verbetes de vários dicionários musicais e em compêndios de Histórias da Música no Brasil. Escreveu importantes obras literárias, como: *Normas pianísticas, Do Recife à Vasórvia, O Hino Nacional Brasileiro*, numerosas conferências e artigos.

Empossado como membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, em 1936, foi saudado pelo ex-governador Juvenal Lamartine de Faria. Permaneceu 39 anos nesta Casa, e seu sucessor, Dom Nivaldo Monte ocupou a cadeira 18 por 31 anos, de 1975 a 2006. Fiquem tranquilos, Deus não nos concederá tamanha longevidade acadêmica.

Senhores Acadêmicos, enquanto Augusto Severo lembranos a inspiração das alturas e do infinito, vocação do ser humano e Waldemar de Almeida com sua música a sinfonia da vida, dádiva maior do Criador, Dom Nivaldo representa o aceno do Divino e o sorriso de Deus para os homens.

Vários membros desta Academia procuraram definir Dom Nivaldo, o nosso grande homenageado desta noite. Sublinhamos algumas definições: *Semeador de alegria*, na expressão de Diógenes da Cunha Lima. *Um homem de Deus*, segundo Valério Mesquita. *O Senhor da Mansuetude*, no dizer de Ivan Maciel. *Pastor e amigo*, para Dorian Gray. *Um homem singular, que olha sua cidade na companhia de Deus*, escreveu Vicente Serejo. *O conselheiro*, como a ele se referiu Jurandyr Navarro. *Uma estrela no jardim*, definido poeticamente por Anna Maria Cascudo. *O intelectual*, como afirmou Itamar de Souza. *Um santo entre nós*, consoante Cláudio Emerenciano. *A bondade útil*, nas palavras de Sanderson Negreiros e *Glória de um dom*, como descreveu Iaperi Araújo. Para nós, ele é o bem-aventurado do Evangelho, fonte de paz e de ternura!

Não é fácil falar de um homem sábio e santo. Aos sábios, cabe-nos pedir que nos ensinem a doçura da vida. Aos santos, cumpre-nos suplicar que nos revelem a bondade de Deus. Foi exatamente o que realizara, ao longo dos seus oitenta e oito anos, nosso inesquecível mestre e amigo. A todos mostrou a beleza da vida. Repetia, com entusiasmo: *A vida é tão linda, mas quando descobrimos a sua beleza, ela se acaba aqui na terra, por isso é necessária a eternidade*. Seus gestos simples e de ternura lembram-nos o profeta Isaías: *Deus nos embala em seu colo, como uma mãe carinhosa* (Is 66, 13). Mostrou a todos o rosto materno de Deus. No código do radioamadorismo o número oitenta e oito significa beijos. Para nós, o eterno jardineiro da Granja Emaús – que viveu igual número de anos – foi um ósculo divino, bem estalado e prolongado, dado na face de todos os potiguares.

Oswaldo Lamartine de Faria, de feliz e saudosa memória – que

já teve merecido assento nesta casa – certa feita, em uma de nossas conversas, ao longo de 25 anos de telefonemas quase diários, quando residíamos no Rio de Janeiro, assim se expressou:

*Seu vigário, acredito nessa história de pecado original porque a Igreja me ensinou. Mas se existe mesmo, ele passou de raspão no coração de Dom Nivaldo, como uma bala, quando se erra o alvo.*

Lamartine chega, com sua observação, ao ponto de partida da teologia de Teilhard de Chardin, em *Le Milieu Divin*, quando peremptoriamente afirma: *Acredito no dogma, mas a graça divina supera a fraqueza humana e preserva a muitos dos efeitos nocivos do pecado.*

Senhores acadêmicos, não pretendemos fazer de nossa fala, ao tomar achego nesta Casa, uma análise ou crítica literária dos livros publicados por nosso antecessor, num total de vinte e cinco. Destacamos *Formando para a vida*, na décima edição, *Clima e Formação do caráter* com sete edições, *Toda palavra é uma semente* com quatro e *A dor* com duas. Eles fazem parte do seu legado cultural e literário.

A grandeza do ser humano, do mestre, do sacerdote e do bispo, coroa sua obra de poeta, ensaísta, psicólogo, pedagogo e teólogo. Desejamos reverenciar *o homem de Deus, o homem dos homens*, lembrando a expressão de Dom José Vicente Távora, arcebispo de Aracaju, de quem ele fora bispo auxiliar de 1963-65. Acrescentou ainda aquele ilustre antístite:

*Nivaldo é um Cura d’Ars erudito e culto. É o liturgo da simplicidade e o celebrante da alegria e da paz. Lamento perdê-lo, mas o entrego à Igreja de Natal, que é merecedora do seu afeto e sua dedicação.*

Primeiramente, gostaríamos de ressaltar a pessoa do nosso caríssimo mestre como o homem do silêncio. Em 1956, tínhamos quinze anos, à época, aluno do Seminário de São Pedro, em Natal, quando ouvimos dele: *Quando as coisas são grandes demais, não ousamos falar.* Na verdade, ensinou-nos que o silêncio é o pai da palavra e se constitui na expressão mais perfeita do poema e da prece, pois a oração é também a forma absoluta da poesia. Revelou-nos também que o Pai Eterno é inexprimível. Sobre Ele cala-se nossa razão e silencia nossa boca. Deus é o silêncio de

onde nascem todas as palavras.

Tivemos a felicidade de, aos quinze anos, tomar conhecimento, em suas aulas, da teologia do evangelho de São João, ao falar que o Pai, silêncio eterno e atemporal, enviou seu Filho para proclamar a palavra do perdão e do amor. *E o Verbo de Deus se fez carne e habitou entre nós* (Jo 1,14). É o teólogo da Igreja. A Providência o quis como Padre Conciliar, no Vaticano II, onde contribuiu de forma relevante, mas silenciosa, para o documento *Guadium et Spes*.

Senhores acadêmicos, eis porque decidimos, neste momento, não nos deter na obra literária do Santo de Emaús. Os livros não escritos, tesouro de seus pensamentos, são a verdadeira fonte dos já publicados. Foi mestre da vida interior silenciosa. Seu silêncio testemunha um tipo de santidade e grandeza, que não se manifesta na audibilidade da palavra. Tornou-se modelo de parte da humanidade que passa despercebida e anônima neste mundo e, não raro, é condenada a viver no silêncio iníquo, quando precisaria falar, protestar contra palavras que mentem e ações que oprimem. O seu silêncio mostrou-nos a fecundidade do não falar, mas do fazer, do não se expressar, mas do estar no lugar certo com sua presença e ação. Isto acontecera em muitos momentos de sua vida, máxime, nos anos tristes e negros da repressão, em que com o silêncio traduzido pelo seu sorriso e pela sua presença discreta, solidária, fraterna e amiga, nas prisões e nos quartéis, expressou a palavra do consolo que acalma e vem grávida da paz divina e sobrenatural.

Do silêncio do seu coração, ele tirou palavras de consolo para muitos. Quase no final de sua vida terrena, na cátedra tosca de sua querida Granja, em Emaús, após conversar longo tempo conosco e nos pedir a absolvição sacramental, balbuciou: *Agora preciso ficar a sós para cochichar com o meu Deus*. Ele foi e continua sendo réstia do divino, imagem do Cristo humilde. Em toda a sua vida, encarnou as palavras do Mestre da Galileia: *Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração* (Mt 11, 29). Etimologicamente a palavra humilde provém do latim *humus*, chão, solo. Seu amor à terra o tornou cada vez mais humilde humana e teologicamente. Aprendeu, como bom latinista, nas Odes de Horácio, *que o homem é o único ser com os pés fixos na terra, mas os olhos voltados para o Infinito*. Sua humildade era esse realismo poético e teológico, não a subserviência dos bajuladores nem o oportunismo dos aproveitadores, mas a objetividade dos sábios e a escuta dos santos.

Calou, com passos mansos e humildes, o ruído das botas dos repressores. Silenciou com sua voz terna e suave a arrogância dos sequiosos do poder, em que a hegemonia vem em detrimento do homem e os interesses partidários empobrecem a vida. Com elegância soube dizer não a falsos políticos e com mansidão falar aos prepotentes. Tivemos a oportunidade de acompanhá-lo em uma visita protocolar a certa autoridade recém-chegada à cidade do Natal, que fazia questão de mostrar suas estrelas e seus títulos. Humilde e ternamente, o arcebispo sorriu e desarmou o interlocutor, dizendo: *Amo a beleza e a discricção das estrelas do Cruzeiro do Sul, que sabem a hora de brilhar!*

*Este santo entre nós* deu provas irrefutáveis de sua grandeza de alma, humildade e amor à Igreja, quando, ainda bem lúcido e operoso, renunciou ao governo da arquidiocese de Natal, quando fez 70 anos e foi substituído por um bispo com 72. O que, à época, pareceu insólito para a imprensa, para ele, foi um momento privilegiado em que uma vez mais mostrou sua humildade. Quando um jornalista perguntou-lhe se estava chocado com esse gesto da Igreja, ele respondeu com muita serenidade e com palavras doces e sábias: *Nêgo velho, não se desobedece a uma mãe e um filho não se revolta com as suas atitudes. A Igreja é minha mãe.* Diante de sua sucessão no arcebispado de Natal, compôs o mais belo poema da humildade cristã e a ode mais linda à obediência evangélica de sua vida. Concretizou o que disse João Batista a respeito de Cristo: *É preciso que Ele cresça e eu diminua* (Jo 3, 30)! Com sua renúncia foi viver, como São José, servindo a Cristo no silêncio. Livre do peso da burocracia eclesiástica, continuou pregando a palavra de Deus, levando a muitos seu sorriso, sua bênção, sua presença de pai e pastor. Ao deixar o governo arquidiocesano, registrou em seu Diário: *Agora terei mais tempo para enxugar as lágrimas de meus irmãos, ouvir o gemido dos que sofrem e apaziguar os corações aflitos e oprimidos.*

Senhores acadêmicos, sabemos que as dezenas de livros do *Senhor da Mansuetude* têm um imenso valor, mas não poderíamos calar diante da grandeza de um homem, sacerdote e bispo que marcou nossa vida. *Non possum non loqui* (At 4, 20), disse São Pedro. Não podemos deixar de falar. *Há fatos escritos apenas no Livro da Vida* (Ap 13, 18), como diz o Apóstolo João.

Permitam-nos um testemunho, nesta noite de grande responsabilidade para nós, quando somos convidados ao aprendizado

da humildade, ocupando a cadeira, onde se sentou Dom Nivaldo. O bispo de Caicó queria nos convencer a não tomar posse como professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, após nossa aprovação em concurso público. O prelado seridoense chegou a dizer a Dom Nivaldo: *Como ficará a paróquia e quem vai celebrar as missas?* O Arcebispo Metropolitano respondeu com serenidade e firmeza:

*No dia em que João Medeiros não puder celebrar, me avise que eu irei em seu lugar. A presença de um sacerdote na vida universitária é importante! Deixe João celebrar a liturgia no altar do saber e da ciência. É uma forma de pregar e evangelizar!*

Somos gratos pelo resto de nossa vida por tal gesto de humildade e grandeza, próprio dos santos e sábios.

Em Fortaleza, há uma igreja dedicada ao Pequeno Grande: o Menino Jesus. Fazemos nossa essa imagem. Dom Nivaldo é esse pequeno, mas imenso ser humano. Seguiu Cristo, que sendo Deus se fez criança, para não afastar ou atemorizar. Santa Teresinha disse que *Cristo se fez tão pequeno, do tamanho de uma hóstia, para caber no coração de todo ser humano por menor que ele seja! Só nos tornamos grandes, quando nos mostramos pequenos. O homem cresce, quando sabe se pôr de joelhos. Só se mantém de pé, quem aprende a se ajoelhar*, afirmou Charles Péguy. Dom Nivaldo foi e continua grande, pois foi humilde. Manteve-se sempre erguido, porque aprendeu a ficar de joelhos.

Em 1963, o cônego Nivaldo foi escolhido por João XXIII bispo titular de Eluza e auxiliar de Aracaju. Dom Távora o conhecia muito bem, pois ambos foram assistentes da Ação Católica e ardorosos defensores da renovação da Igreja. A inquietação e a santa rebeldia de João XXIII, o Papa do *Aggiornamento*, ressoaram no jovem prelado, em Aracaju.

Mas, a Providência divina designou o Pequeno Grande para implantar as reformas do Concílio Vaticano II, na Igreja de Natal. Aliás, *per transennam*, é bom frisar que Dom Nivaldo é o autor da expressão *Movimento de Natal*, nome dado às atividades pastorais que marcaram a Igreja do Rio Grande do Norte, nos idos de 1950 e 1960. Padre Lombardi havia lançado na Itália o renomado Movimento por um Mundo Melhor, que chegou até Natal pela palavra carismática do Padre José Marins e da Irmã Lavínia. O Santo de Emaús dissera a esses representantes do Mundo Melhor: *Desejamos um movimento nosso*,

*nordestino e potiguar*. Sonhava com uma igreja simples, despojada, perto do povo. Repetia sempre as palavras de João XXIII, ao encerrar a primeira sessão do Vaticano II: *Rezemos e lutemos por uma Igreja servidora e pobre*. Se o papa citado pretendeu desromanizar a Igreja, Dom Nivaldo procurou, em Natal, dar-lhe uma face mais acolhedora e mais humana, mais simples, viva e presente na alma de nossa gente.

Foi árdua a sua tarefa. Viveu as dificuldades, incompreensões, resistências, numa palavra, a crise pós-conciliar. Ordenou vinte padres nos vinte e um anos de pastoreio no arcebispado natalense. Durante seu episcopado como metropolitano, vários presbíteros desistiram do exercício de sua missão sacerdotal. A nenhum deles condenou, a ninguém pôs dificuldade para permanecer ou deixar o sacerdócio e aos que pediram o rescrito de laicização, jamais os chamou de ex-padres, *mas meus queridos irmãos da diáspora!*

O *arcebispo da mansuetude* viveu a fraternidade sacerdotal e a colegialidade episcopal. Há um jargão eclesiástico, com alguns deslizes gramaticais, que diz o seguinte: *Vigário paroquial ou bispo auxiliar, não sê-lo nem tê-lo. E se sê-lo ou tê-lo, não vê-lo!* Dom Nivaldo contrariou essa afirmação, pois, durante dois anos, soube ser um bispo auxiliar brilhante amigo e fraterno, unido no amor e na graça do ministério episcopal a Dom Távora. E por mais de dezessete anos, mostrou a mesma fraternidade e comunhão com seu auxiliar Dom Antônio Soares Costa. Ensinou-nos o que disse o apóstolo Paulo aos Coríntios: *Há diversidade de dons, pessoas e carismas, mas o espírito é o mesmo* (1Cor 12, 4).

O *arcebispo do afeto* pregou o Evangelho do Cristo de braços abertos, numa postura ecumênica. Em Natal, foi amigo de todos. Em 2004, pesquisa realizada por teólogos da Faculdade Jesuítica de Belo Horizonte o aponta como o padre mais querido do Rio Grande do Norte! Não discriminou nem excluiu, mas incluiu. A quem o procurava, não queria saber qual era a sua religião, sua família, seu partido, sua cor, mas qual era a sua dor ou o seu sofrimento. Tinha consciência e viveu aquilo que escreveu Marguerite Yourcenar, inspirada em Louis Pasteur: *Diante de um padre ou de um médico, somos apenas seres que sofrem no espírito ou na carne!*

O *Semeador de alegria* guardou intacto seu amor pela vida. Parece que ele se inspirava nos versos do canto XXVI de Dante Alighieri, na *Divina Comédia*: *Nada pode abater o meu pendor de ir pelo mundo, em longo aprendizado!*

Em uma de nossas últimas conversas, debaixo de uma latada, em sua Granja, nosso inesquecível antecessor exclamou:

*João, a vida me ensina a cada dia, continua me ensinando – acho mesmo que o triste de morrer é parar de sentir essa vontade de sempre conhecer um pouco mais. Mas, o encanto do Eterno e a beleza do Absoluto compensarão a partida e a despedida.*

Dom Nivaldo foi uma das poucas pessoas que conhecemos que não têm medo da morte. A famosa *Caetana*, como chamava Oswaldo Lamartine, não o assustava e estava preparado para recebê-la. É próprio dos santos. E isto nos faz lembrar um poema do pernambucano Manuel Bandeira, conterrâneo de seus pais:

*Quando a Indesejada das gentes chegar.*

(...)

*Encontrará lavrado o campo,*

*A casa limpa,*

*A mesa posta,*

*Com cada coisa em seu lugar!*

Certa feita, em sua Granja, ele nos disse:

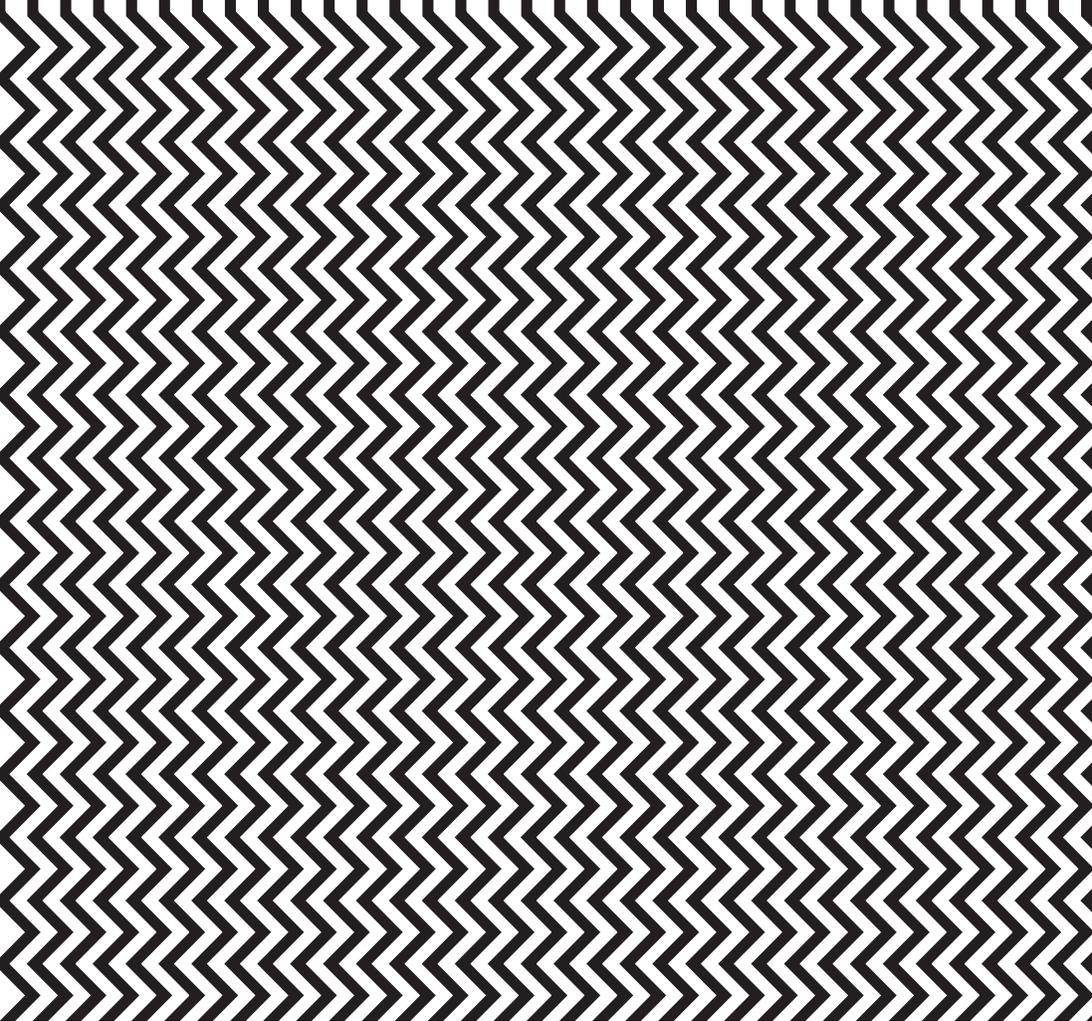
*Feliz o homem que conhece a terra, onde será enterrado.  
O dia em que minha respiração faltar, terei, deixando  
esta terra que amo tanto, um consolo: não vivi em  
vão. Satisfeito fecharei meus olhos e contemplarei o  
verdadeiro dono dessa terra: Deus!*

Nada melhor que terminar com as próprias palavras de nosso grande homenageado, proferidas, após a morte de seu irmão Padre Monte. O mesmo podemos dizer a seu respeito:

*[Dom Nivaldo] Morreu, mas não se aniquilou. Vive nas  
almas por ele buriladas, em cada elemento da verdade por  
ele conhecido, em cada parcela de virtude por ele amada,  
em cada trabalho por ele realizado. Vive na verdade que  
viceja nas inteligências por ele desbravadas. Não, ele não  
se afastou! Está presente, porque a sua morte cristalizou  
dentro de nossa alma a presença de seus ensinamentos na  
intensidade de uma lembrança amiga!*

Sim, ele está vivo, no céu, nesta Academia e no coração de todos aqueles que o amam!

Muito obrigado a todos!



# OUTROS DISCURSOS

# A PÁTRIA

*Jurandyr Navarro*

Exmo. Sr. Valério Mesquita,  
M.D. Presidente deste Instituto Histórico e Geográfico,  
Demais Autoridades, já devidamente mencionadas,

Senhoras, meus Senhores:

Honrado pelo convite a mim feito pelo jurista e intelectual, Carlos Roberto de Miranda Gomes, em nome da Diretoria e sancionado pelo Presidente, desta Casa, para dizer algumas palavras sobre o tema, a mim proposto, “A Pátria”.

Assim, aqui estou para fazê-lo à minha maneira de interpretá-la no momento que passa.

O assunto desta breve Palestra, se assim poderia classifica-lo, tem a sua razão de ser, já que, há quatro dias passados, foi celebrado, em todo o Brasil, o dia da sua Independência política.

O momento atual é dos mais próprios a se falar a respeito da nossa querida Pátria, terra querida dos nossos saudosos antepassados.

O que não se pode esquecer, nem silenciar, é sobre o pesadelo em que está passando a nação brasileira, na hora presente. São fatos constatados em decorrência de governos incompetentes e corruptos, e de legisladores alheios aos interesses públicos.

Sabe-se que outras nações também têm atravessado dias difíceis, na sua trajetória existencial. Têm elas experimentado fases agônicas de crises financeiras, sobretudo, porém, têm dado a chamada “volta por cima”. São países de limitadas riquezas naturais, na sua maioria, inclusive desprovidos de apreciável reserva do precioso líquido e energia, dentre outros.

O nosso Brasil, não! Ele, comparando a sua dimensão geográfica, a segunda do mundo, em terras contínuas, e em riquezas naturais, nenhuma nacionalidade o suplanta, nesse aspecto. Possui, o Brasil, uma costa navegável imensa, banhada pelas vagas quentes do Atlântico. A região amazônica, é considerada o maior pulmão do mundo, pela abundância de oxigênio circulante, ali produzido por sua colossal flora tropical, e o grande rio que a banha.

O Brasil é possuidor de terras fecundas e férteis, em suas cinco regiões geográficas e é possuidor de apreciáveis lençóis d'águas subterrâneos. A diversificada flora alimenta, à saciedade, a diversificada fauna. O subsolo guarda no seu ventre, riqueza incomensurável.

A Região Nordeste, composta de nove Estados federativos, tem, ao longo do tempo, experimentado estiagens periódicas e sofrido o tormento das secas. Em compensação, é possuidora de uma atmosfera especial, para a implantação de usinas naturais da chamada energia eólica.

O Sudeste geográfico e Região Sul, incluindo o Centro Oeste, possuidores das quatro estações, têm terras agricultáveis, vegetais cultiváveis de apreciável colheita, cultivo do mel, produtos alimentadores de numerosos rebanhos bovinos, caprinos e de outras espécies pastoris.

O Brasil natural é rico e saudável para a vida humana, animal e vegetal. O seu povo, pode ser feliz, sob a bênção da Religião!

Qual a razão de, no instante presente, e anos de outrora intercalados, se encontrar tão infelicitado, amargurando tamanha dor, no corpo e na alma?

Urge uma mudança de comportamento da classe política militante. A solução é melhorar o seu quadro representativo. As novas gerações sucedâneas, entram na política partidária, já intoxicadas pelos mesmos vícios deletérios dos seus antecedentes. Daí, a desenfreada corrupção que é vista nos dias presentes, corrupção saqueadora da economia nacional, praticada por réus confessos da política e da administração públicas.

A ignorância intelectual também é responsável pela medíocre atuação da maioria dos nossos políticos.

As nossas Universidades deveriam ter um Curso especializado, destinado aos vocacionados para a Política. E aqui poderia lembrar a advertência do filósofo e pensador grego Sócrates, a Alcebiades, advertência anunciada nas palavras: “a pior espécie de ignorância é cuidar, uma pessoa, saber o que não sabe... Tal, meu caro Alcebiades, o teu caso. Entrastes pela Política, antes de a teres estudado. E não és tu só o que te vejas nessa condição: esta mesma a da maior parte dos que se metem nos negócios da República. Apenas excetuo exíguo número que pode ser unicamente, a Péricles, teu tutor; porque tem cursado os filósofos”.

Exemplo foi o de Confúcio de espírito apolítico, mas cheio de sabedoria, administrou com inteligência e probidade uma província chinesa, alcançando pleno êxito.

Platão, na sua “República”, ensinava que o governo da Pólis deveria ser entregue aos filósofos. O que seria aplicável, nos dias presentes, aos cidadãos devidamente instruídos para os negócios da Política.

Os médicos cuidam da saúde do povo; os sacerdotes, da sua saúde espiritual. Cabe aos políticos a responsabilidade com a sociedade, em geral, e a organização estatal.

Apreciado noutro ângulo, porém, conducente ao assunto em tela, recorde-se o famoso discurso de Péricles, político ateniense que deu o nome ao século mais brilhante da vida da Grécia. Nele, evidencia a sua preocupação com os assuntos públicos e privados da sua Pátria. E salienta não ser considerado cidadão aquele que não se interessar pela Política, cujo desinteresse o torna um indivíduo inútil à sociedade e à República. Adianta, ainda, ser a sua cidade, Atenas, a Escola da Grécia, já que os seus cidadãos, preparados para a Política, reúnem a audácia à reflexão, mais que outros povos.

“Há estudar, e estudar. Há trabalhar, e trabalhar”, enfatizava o nosso “Águia de Haia”.

Primeiramente, os vocacionados para a Política, a chamada “arte de governar”, terão que estudar para, depois, trabalhar.

Os negócios do Estado requerem aprendizado. Como é que qualquer apedeuta, poderá desempenhar, fielmente, um mandato político eletivo?

Daí, o fracasso evidenciado ao longo dos anos, dos nossos representantes, tanto em cargos executivos como em funções legislativas.

Não somente o saber da esfera técnica ou intelectual. Os políticos também deverão estar preparados moralmente. A ética e a moral, ao lado do ensinamento religioso, complementariam essa pedagogia.

O pensador político Alexis de Tocqueville prelecionava: “A religião é muito mais necessária nas repúblicas do que nas monarquias, e muito mais ainda nas repúblicas democráticas, do que em todas demais”.

E concluía: “Que será de um povo, senhor de si mesmo, se não for submisso a Deus?”

Que será de uma pátria, digo eu, destituída do valor moral de sua população, mormente de seus dirigentes políticos, na sua grande maioria? Que futuro se espera de uma Nação, há muito, saqueada, impunemente, por apreciável parcela dos condutores da sua política partidária? De uma Pátria em que campeia a bandidagem, a violência desenfreada, de impulso incontrolável, fomentadora do sentimento do medo, no meio de populações indefesas, com sacrifícios de vítimas, dentre crianças, jovens, adultos e velhos?

Estarei proferindo alguma abstração?

Colhe-se o que se planta. Há longos anos que foi retirada das escolas, principalmente, das escolas públicas, a pedagogia religiosa, as aulas de civilidade e as preleções do civismo pátrio.

Destituída desses requisitos, indispensáveis à educação moral, formadora da consciência do futuro probo e honrado, o estudante termina o curso, visando, tão somente, para a sua vida unicamente o lucro material, em detrimento das excelências espirituais.

Daí, a ganância infrene, pelo chamado vil metal e pelo poder político, garantidores de uma existência fácil, deixando como herança, aos descendentes, um triste e vazio legado.

Passarão ainda anos, para que seja mudada a face desse cenário, tão sombrio, de modelo tão nefasto à coletividade nacional.

Somente uma nova geração política, educada nos propósitos da religião cristã, poderá limpar as impurezas impregnadas na alma brasileira.

Estudo e trabalho, o binômio basilar do triunfo, para qualquer atividade humana, sobretudo, tratando-se do precípua interesse da Pátria. “O patriotismo consiste, acima de tudo, no trabalho”, assim falou o Patrono dos advogados brasileiros.

Complementando: *laboremus*, murmurava, expirando, o imperador romano...

Para se chegar a essa reparação, imprescindível a educação espiritual, operada na alma infantil e da nossa mocidade.

Novamente o imortal Rui Barbosa, em “Palavras à Juventude”: “A frente do sacerdote se verga para o cálice consagrado. A do lavrador para a terra. A do que espalha o grão da verdade, para o sulco só aberto nas consciências novas e todos os três receberam ordens sacras. Todos concorrem para a fecundação divina do Universo. A hóstia, o arado, a palavra correspondem aos três sacerdócios do Senhor. Mas a suprema santificação da linguagem humana, abaixo da prece, está no ensino da mocidade. O lavrador desse chão deve amanhá-lo de joelhos”.

Termino, a presente Palestra, com a palavra do Padre Luís Monte, educador e sábio: “Todos formamos o corpo místico da Pátria, sentindo o que ela sente, querendo o que ela quer, ouvindo as notas do mesmo hino, vendo as cores da mesma bandeira, venerando os mesmos símbolos, cultuando os mesmos heróis e adorando o mesmo Deus! É assim, a Pátria.

Ensinaí a amar a Deus e ao próximo, e tereis encontrado a melhor fórmula de fazer amar a Pátria”.

**JURANDYR NAVARRO** é escritor, autor de vários ensaios, organizou a antologia do Padre Monte, entre outras. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

# MOSSORÓ E A SAGA DA LIBERDADE: ALGUNS ASPECTOS

*João Batista Pinheiro Cabral*

Magnífico Reitor Chimbinho

Dr. Benedito Vasconcelos, Diretor da ESAM

Prof. Raimundo Nonato, historiador multi-talento

Dix-Sept Rosado Maia Sobrinho

Vingt-un Rosado Maia, Diretor da Fundação Guimarães Duque

Minhas senhoras,

Meus senhores.

Venerável Mestre, que com tanta sabedoria, prudência e tolerância, conduzis os edificantes trabalhos da augusta e respeitável Loja Maçônica “Jerônimo Rosado”, demais veneráveis aqui presentes com a força e a honorabilidade de seus respectivos malhetes, luzes desta e das demais oficinas deste e de outros Orientes que aqui se fazem representar. Digníssimas cunhadas, poderosos irmãos, estimados sobrinhos, sobrinhas e lotos que aqui se encontram. Ilustríssimas autoridades que com suas presenças abrilhantam esta festa branca em louvor da liberdade e em honra às mais lídimas tradições mossoroenses, senhoras e senhores aqui presentes que dignificam e enobrecem esta reunião que é, ao mesmo tempo cívica, festiva e simbólica, generoso e altaneiro povo de Mossoró.

Não sei se devo atribuir à ousadia, à audácia ou à temeridade, a minha presença neste recinto tão impregnado de dignidade sapiência, cultura e civismo, para, em presença de um auditório tão distinto e seletivo, falar aos mossoroenses de algumas de suas mais caras, gratas e gloriosas tradições.

Espero, porém, ao final, não ficar em vossas memórias registrado como audacioso, ousado ou temerário quando vos

disser que tenho profundas razões sentimentais, emotivas, cívicas e maçônicas para comparecer a este recinto e aqui tentar exaltar os feitos dos que vos antecederam na glória de serem cidadãos de Mossoró, e procurar contribuir – embora sem brilho – para que não caiam no esquecimento dos contemporâneos e pósteros o magno acontecimento que aqui comemoramos e que ocorreu em 30 de setembro de 1883, passados, portanto, 108 anos de sua consumação.

Como maçom, como professor de História e Educador, como cidadão brasileiro e como filho da cidade do Assu onde vivi a minha infância e aprendi as primeiras letras no benfazejo educandário “Nossa Senhora das Vitórias”, não poderia jamais deixar de atender ao honroso convite que me foi feito pelos organizadores desta solenidade e que me foi transmitido, duas vezes, por um dos mais dignos e autênticos representantes da cultura brasileira em Mossoró, o Dr. Jerônimo Vingt-un Rosado Maia, um homem-símbolo de Mossoró e do Brasil, um cidadão do mundo livre, a quem a história municipal, regional e nacional tanto devem, por seus trabalhos inigualáveis e suas contribuições originais. De um convite dessa ordem e de razões como as que me comovem, não se pode fugir. Assim, com a devida vênia, vos peço seja-me permitido a grande honra de falar a Mossoró de sua saga maior, o amor à liberdade.

Volvendo os olhos para os primórdios desta ditosa terra, logo se percebe que vem de muito longe a intensa afeição que Mossoró, este abençoado torrão, dedica à liberdade. Os livros de História e os registros nos ensinam que o ideal republicano e a paixão abolicionista arrebatadora foram duas das ideias básicas que serviram para emancipar e cimentar a alma, o sentimento coletivo da comunidade mossoroense. Criado o município de Mossoró no ano de 1852, desmembrado do Apodi, por lei de 15 de março daquele ano, Mossoró ansiava pela República e pelo fim do ignominioso sistema de exploração do trabalho escravo. Criada a Comarca em maio de 1861 e alçada à categoria de cidade em novembro de 1870, Mossoró desenvolveu uma economia dinâmica, continuou a fazer sempre novas construções, a aumentar seu movimento comercial e industrial que geravam riquezas, mas preocupou-se também com a instrução pública, com a construção de escolas e com a educação cívica de seu povo. No último quartel do XIX, Mossoró era do ponto

de vista econômico, com toda justiça, a cidade mais importante em nosso estado, a que exibia a mais desenvolvida economia. Foi justamente por contar com uma elite social, econômica e cultural tão desenvolvida e próspera, que Mossoró deixou-se possuir pela paixão da liberdade, dos sentimentos altruísticos, nobres, elevados e desinteressados que se concentravam na campanha pela abolição da escravidão no Brasil.

Não me será possível entrar em detalhes aqui, pois o tempo não me permitiria, mas posso vos assegurar que a pregação de Joaquim Nabuco encontrou profunda ressonância no seio da sociedade mossoroense. Quando o primeiro juiz da recém-criada Comarca de Mossoró aqui chegou, em 1861, vindo de Alagoas, pode verificar que corria entre o povo de Mossoró a certeza de que não há riqueza que seja suficiente para comprar a liberdade, nas veias dos mossoroenses corria a liberdade.

Cumprir registrar aqui, o relacionamento, a ligação das economias de Mossoró e do Ceará, onde florescia a Campanha Abolicionista, ao som das vozes de Nabuco, Patrocínio e tantos outros que reverberavam nos quatro cantos do país.

Na segunda metade do século XIX já existiam inúmeras “Sociedades Libertadoras”, destinadas a arrecadarem dinheiro para a libertação de escravos. Essa prática foi logo trazida para Mossoró, sob as bênçãos do Grande Arquiteto do Universo, por intermédio de nossa sublime Ordem, a Maçonaria. Sim, meus irmãos, nossa gloriosa Ordem marcou na história da libertação dos escravos, em Mossoró, no Ceará, no Brasil e no mundo, o seu mais glorioso dia.

No Ceará a loja maçônica “Fraternidade Cearense”, onde se reuniam elites de Fortaleza, em suas festas e ocasiões especiais conseguia, com recursos próprios, libertar levas inteiras de escravos e ao mesmo tempo, fazia a referida loja “Fraternidade Cearense”, por todos os meios possíveis e imagináveis, campanhas para por fim à instituição odienta que envergonhava o Brasil e a humanidade, a abjeta escravidão.

Em nosso estado foi a gloriosa Mossoró que teve a primazia da ação nas campanhas libertadoras. E nossa sublime Ordem, por ser formada por homens livres e de bons costumes, tomou, naturalmente,

a dianteira dos memoráveis acontecimentos. Os irmãos que se reuniam na loja “24 de Junho” se empolgavam com a esplendorosa beleza da liberdade. Nessa oficina iniciou-se e concluiu-se o processo de alforria de incontáveis escravos. Dessa loja pioneira brotaram as ideias e as iniciativas libertárias que almejavam a abolição da escravatura, na cidade de Mossoró e do seu município, até a libertação do último escravo. Diante do altar sagrado juraram os maçons que não descansariam até conseguirem realizar esse desiderato.

Na memorável noite de 24 de dezembro de 1882, data máxima da cristandade, numa sessão destinada à alforria de escravos foi tomada naquela loja a decisão de lutar pela completa e total redenção da cidade e do município. Para alcançar esse formidável objetivo foi ali fundada a “Libertadora Mossoroense”, sendo eleita a primeira diretoria com Joaquim Bezerra da Costa Mendes na Presidência e Romualdo Lopes Galvão na Vice-Presidência. A História mostra que a “Libertadora” cheia de entusiasmo, entrou em grande atividade, não poupando esforços para completar o trabalho de libertação de todos os escravos em território mossoroense. Isto era para os abnegados defensores dos oprimidos um pacto de honra, e a Maçonaria Mossoroense honrou esse compromisso.

Paulatinamente foi se concretizando o ideal da “Libertadora Mossoroense”. Era uma paixão arrebatadora, um favor incontido, algo fantástico, tarefa de gigantes. Assim, dentro de pouco tempo, quase toda a cidade de Mossoró estava livre da vergonha de ter escravos. O trabalho da “Libertadora” ia, porém, além da cidade. Visava declarar integralmente livres o município e a Comarca de Mossoró, isto até o dia 30 de setembro de 1883! Entretanto, o Governo Imperial, sob a chefia do Conselheiro Lafayette, pressionado pelos senhores de escravos que viam no movimento libertário apenas o prejuízo de suas “propriedades”, os escravos, contra-atacou, e ensaiou uma reação empregando até tropas na tentativa de interromper e destroçar a campanha da “Libertadora Mossoroense”. Foi tudo em vão. Os próprios soldados mandados para perseguir os abolicionistas se confraternizaram com os libertadores de escravos, fingindo que não viam nada do que se passava. O povo de Mossoró, guiado pela Maçonaria, pela “Libertadora Mossoroense” e nosso exército estavam unidos pela causa da liberdade.

É justo registrar aqui que muitos senhores reconhecendo que o tempo da escravidão se esgotara, concediam cartas de alforria aos seus escravos, sem qualquer recompensa pecuniária.

É igualmente justo lembrar que a campanha redentora teve no seio do elemento negro, escravos, ex-escravos, um apoio de inestimável valor. O “Clube dos Spartacus”, nascido com o encorajamento e sob as vistas da “Libertadora Mossoroense”, presidido pelo ex-escravo Rafael, prestou relevantes serviços à causa da liberdade. O secretário da sociedade dos “Spartacus” era Alexandre Soares do Couto, um ex-senhor de escravos, que era agora na luta libertadora, um precioso aliado.

Sob a direção do “Clube Spartacus” eram formados grupos armados que entravam em ação para libertar escravos capturados das garras dos “Capitães do Mato” que eram “justiceiros” armados e sanguinários que naquela época atuavam profissionalmente, com o apoio tácito ou explícito de algumas autoridades, a soldo dos patrões e proprietários de escravos. O “Spartacus” tinha coragem para enfrentar esses assassinos da liberdade e quebrar os grilhões que aprisionavam os pobres pretos que procuravam fugir do cativeiro. A missão dos “Spartacus” era fornecer abrigo e amparo aos ex-escravos ou os escravos fugidos que chegassem ao abençoadamente livre território mossoroense. Com o passar do tempo eram tantos os escravos que procuravam ajuda que os “Spartacus” organizavam verdadeiros comboios, com grupos formados de trinta, cinquenta ou mais escravos, que guiados por pessoas treinadas, armadas e conhecedoras dos caminhos, os conduziam à liberdade. Para libertar os escravos todos os meios eram empregados, até a força das armas quando comboios se deparavam com os violentos “Capitães do Mato”.

Entretanto, os artifícios legais, a legislação escravagista do Império, o emprego de “Capitães do Mato” e o alto custo em dinheiro pago para alforriar os escravos, retardavam o trabalho meritório da “Libertadora Mossoroense”, e atrasavam a conquista e a chegada do glorioso Dia da Abolição da escravatura em Mossoró. Mesmo assim, o entusiasmo no mossoroense se espalhou pelo estado e pelo nordeste inteiro.

A chegada de Almino Álvares Affonso, patriota e intrépido abolicionista de verbo inflamado, a Mossoró em meados de 1883, em muito ajudou a campanha libertária em sua reta final. Com a sua

chegada, a “Libertadora Mossoroense” ultimou os preparativos para a magna data, o glorioso Dia da Abolição em Mossoró. A bravura e a fé inquebrantável dos intemoratos libertadores ultrapassavam e superavam todos os obstáculos. Finalmente chegou a termo a campanha generosa e altruísta contra a escravatura em terras de Mossoró. A data escolhida, 30 de setembro de 1883, era um domingo, o dia santificado da semana, o dia do Senhor. A cidade fervilhava de gente vinda de quase todos os pontos da então província do Rio Grande do Norte. Veio gente de Areia Branca, uma delegação do Assu, gente de Macau, de Augusto Severo (Triunfo), de Apodi, de Fortaleza e de vários municípios cearenses próximos a Mossoró. Todos queriam assistir ao grandioso desfecho da fulgurante campanha. O Dr. Almino Álvares Affonso, possuidor de grandes dotes oratórios, fazia discursos inflamados em cada esquina, conclamando os cidadãos para comparecerem ao faustoso evento. Era o paladino da liberdade, o grande orador da abolição, o porta-voz da liberdade.

Finalmente, chegou o grande e ansiosamente esperado momento mágico. Ao meio dia, há 108 anos passados, domingo, dia 30 de setembro de 1883, realizou-se no Salão Superior da Câmara Municipal, a magnífica sessão que proclamou a libertação integral dos escravos em toda extensão do território mossoroense. A sessão magna foi seguida de festividades que se prolongaram noite a dentro, em justa e merecida comemoração. O júbilo era incontido, e a alegria incontrolável. A ata, o precioso registro para a posteridade, foi redigida e lida pela voz forte e segura do incansável Almino Affonso. Seu texto representa, de forma perfeita, o retrato da alma do povo de Mossoró no seu mais ditoso dia, no dia pelo qual será sempre lembrado. Além de redigir a ata de tão magnífica sessão, Almino Affonso foi também autor do letrado hino que foi entoado entusiasticamente, inúmeras vezes, pelo povo em delírio cívico e patriótico!

A repercussão de tão ousado evento ressoou por todos os lugares. Por toda parte houve manifestações calorosas de regozijo pela vitória da liberdade. No Recife, a colônia Norte-Rio-Grandense mandou publicar um volume, uma polianteia, como se dizia na época, contendo os escritos de discursos e palestras de vários abolicionistas a propósito do grande evento de 30 de setembro de 1883 em Mossoró.

Alcançada a aspiração suprema dos libertários mossoroenses, à frente, a altaneira Maçonaria, o exemplo foi seguido por outros municípios entre os quais se destaca o Assu, minha terra natal, que fundou sua sociedade libertadora em 13 de maio de 1883, e conseguiu proclamar a libertação dos escravos na cidade e no município de Assu em 24 de junho de 1885, data consagrada a São João Batista, padroeiro da cidade. Em pouco tempo muitos outros municípios, vilas e povoados seguiram o corajoso e dignificante exemplo da heróica Mossoró.

Em Natal, capital da então Província, foi fundada em 1º de janeiro de 1888, a “Libertadora Norte-Rio-Grandense”, que publicava um jornal devotado à causa da libertação dos escravos. O exemplo de Mossoró foi tão vigoroso e frutífero que quando a Lei Áurea de 1888 foi assinada pela Princesa Isabel quase todos os municípios do Rio Grande do Norte já haviam libertado seus escravos. Segundo o grande Nestor dos Santos Lima, proto-historiador norte-rio-grandense, figura símbolo do nosso colendo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, somente cerca de quatrocentos escravos aproveitaram os favores da Princesa Isabel, a “Redentora”.

Por tudo que foi dito acima, e pela generosa paciência em ouvir-me por tanto tempo nesta noite, louvo e orgulho-me desta inigualável saga de Mossoró e do seu corajoso povo.

Muito obrigado!

**JOÃO BATISTA PINHEIRO CABRAL** é escritor e professor. Autor de “O Partido Liberal Mexicano e a Greve de Cananeia”, “Relembrando João Medeiros Filho” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

# HOMENAGEM A AGNELO ALVES\*

*Carlos Eduardo Alves*

Falar em agradecimento à homenagem que esta Casa de Letras presta ao jornalista e escritor Agnelo Alves me traz um misto de sentimentos. De um lado, a saudade por lembrar a figura do meu pai, de outro a responsabilidade de, na frente de tantas e tantas pessoas cultas, apreciadoras e cultivadoras das palavras, apresentar de uma forma singela e verdadeira o significado que tem para mim este momento.

Meu pai era antes de tudo um jornalista. Ele mesmo frisou isso inúmeras vezes em sua vida. Ingressou na política, mas sempre se disse um jornalista.

Não era um literato, mas desde muito cedo aprendeu a conviver com as letras e fez delas seu ganho de vida e sua forma de expressão e de luta. Agnelo viveu das palavras e para as palavras.

Autodidata, não pode continuar os estudos devido aos problemas de saúde que enfrentou desde muito cedo. Apesar disso, ou talvez até por isso, se apegou à leitura e fez dos livros seus companheiros fiéis. Era um homem das letras sem ser letrado.

Foi para o Rio de Janeiro, então capital da República e sede dos principais jornais brasileiros, para viver e trabalhar. Foi lá que casou e onde teve seus dois primeiros filhos, meu irmão Agnelo Filho e eu.

E foi lá que aprendeu, na convivência diária com os grandes nomes do jornalismo da década de 50, muito do que trouxe quando voltou a Natal a pedido de Aluizio Alves para tocar com ele a Tribuna do Norte.

Era um tempo em que o jornalismo se elevou como uma das frentes de militância política e foi no jornalismo que estabeleceu sua trincheira e fez das palavras suas armas para enfrentar um momento em que a política era conflagrada. Em que os limites entre o vermelho e o verde eram claros e bem definidos.

Seus artigos, crônicas e comentários tinham o objetivo político, a mira certa, a destinação precisa. Mas também fez crônicas que retratam fatos corriqueiros e abordam personagens de Natal e do Rio Grande do Norte.

Nos escritos políticos, a mudança é visível a retratar os diferentes fatos e momentos que assistiu ou dos quais efetivamente participou ao longo de quatro décadas. Passando da radicalidade que lhe coube assumir no período mais duro da cassação dos direitos políticos e do mandato que exercia até a convivência pacífica e harmoniosa com todos.

Como artesão das palavras, usava recursos retóricos como a ironia e personagens de ficção criados para passar a mensagem que queria, driblando a censura e o arbítrio que a todos queria controlar.

Foi prefeito de Natal, de Parnamirim, senador e deputado estadual, todos cargos exercidos em nome do voto livre e popular. Mas ele mesmo confessava: “Não consigo fazer adormecer em mim o repórter que sou por vocação e destino. Não tenho escolha”.

Publicou três livros com compilações de artigos escritos ao longo dos muitos anos em que ocupou espaço nobre na Tribuna do Norte. E em 2012 teve a honra de ver seu nome aprovado para ocupar a cadeira número 4 desta Casa, que tem como patrono o poeta Lourival Açucena.

Nos últimos anos, fez as pazes com todos e posso dizer que esta homenagem é mais uma prova de que não levou inimigos, pois soube se reconciliar com os que nos tempos da luta mais empedernida estavam do outro lado.

Esta noite será um momento sempre presente na minha memória. Estar aqui na Casa dos confrades de meu pai, na Casa de Luís da Câmara Cascudo, às vésperas de completar seus 80 anos de criação, é motivo de muita emoção.

Olho para essas cadeiras e imagino os muitos e saborosos debates aqui travados. Vejo aqui refletidas nessas paredes as memórias de Ferreira Itajubá, Auta de Souza, Nísia Floresta, Manoel Dantas, Jorge Fernandes, Luis Carlos Wanderley, Segundo Wanderley, apenas para citar alguns dos patronos desta Casa.

Tenho comigo, se me permitem um momento de reflexão pessoal, um gosto pela leitura que talvez tenha herdado do nosso homenageado Agnelo Alves. Na vida pública, o que me motiva é o sentimento da necessidade de prestar serviço à comunidade. E uma das ações de que me orgulho, sem falsa modéstia, foi ter criado ainda no ano de 2006 o Encontro Natalense de Escritores, hoje Festival Literário de Natal.

Daqui a menos de dois meses estaremos realizando mais uma edição do festival e este ano fizemos questão de marcar uma homenagem a esta augusta casa. Estivemos com o presidente Diógenes da Cunha Lima e o acadêmico Vicente Serejo, em visita à Academia Brasileira de Letras, onde convidamos alguns acadêmicos para que a Casa de Machado de Assis se faça presente em Natal nas comemorações pelos 80 anos da casa de Cascudo.

Quero desde já aproveitar a oportunidade para convidar todos aqui presentes a participarem da homenagem que faremos a todos os homens e mulheres que através das letras projetaram a história e mantêm vivas as mais sagradas relíquias da nossa inteligência.

Termino aqui minhas palavras, agradecendo em nome da memória do meu pai esta homenagem proposta pelo também jornalista e acadêmico Ticiano Duarte, que, quis o destino, poucos meses depois também viria a nos deixar.

Uma frase atribuída a Pitágoras sintetiza bem o sentimento que quis expressar nesta oração. “O HOMEM É MORTAL POR SEUS TEMORES E IMORTAL POR SEUS DESEJOS”.

O desejo de pertencer à Academia de Letras e a generosidade de vocês é que fizeram de Agnelo Alves um imortal.

Obrigado.

\*Discurso pronunciado na sessão em homenagem à memória do acadêmico Agnelo Alves, realizada no salão nobre da ANRL, a 21 de setembro de 2015.

**CARLOS EDUARDO ALVES**, ex-Deputado Estadual e atual Prefeito do Município de Natal.

# HOMENAGEM AO MINISTRO MARCELO NAVARRO RIBEIRO DANTAS\*

*Marco Bruno Miranda Clementino*

Senhoras e senhores,

Sejam bem-vindos a Algures!

Eis que um acidente geográfico no fundo do Atlântico, próximo ao litoral da Bahia, provoca inúmeros naufrágios ao longo dos séculos, desde o período das Grandes Navegações. Somente os mais desbravadores aceitam o desafio de navegar até esta porção de terra hoje chamada de Brasil, com receio de sucumbir a esse mistério dos mares de água morna.

São naufrágios devastadores para as embarcações, cujas tralhas curiosamente se acumulam sempre no mesmo lugar, como se atraídas por uma força mística. O acúmulo de tralhas, de várias propriedades, finda por produzir uma incrível reação química, criando paulatinamente uma superfície rochosa muito densa, que cresce progressivamente e aos poucos adquire uma enorme forma de ferradura.

Descobre-se, então, a Tralhamênia, uma ilha imaginária, vizinha à costa brasileira.

Resultado do acúmulo de tralhas dos naufrágios, a Tralhamênia se transforma numa nação independente. Seu descobridor se encarrega de lhe criar as instituições, entre as quais o próprio Estado, e um regime jurídico. É redigida uma constituição, de certo modo semelhante à brasileira, porém com as ressalvas das regras que a experiência do descobridor sempre considerou inadequadas à nossa cultura.

A Tralhamênia tem construída a sua história, estudadas as suas particularidades geográficas. São criadas, naturalmente, uma

moeda própria e toda a estrutura de suas forças armadas. Uma curiosidade: o português é adotado como idioma oficial, porém com a escrita virtuosamente simplificada. Não há acentos no português tralhameno e os fonemas são rigorosamente observados, evitando confusões muito frequentes entre as crianças.

No curso da história, uma revolução se abate sobre a Tralhamênia. Cai o regime político então vigente e se funda um novo país, chamado poeticamente de Algures. A capital se instala numa cidade de nome muito sugestivo: Obrigado Obrigado!

O país se renova, mantendo, todavia, suas tradições a essa altura já seculares.

O que dizer do futuro de Algures?

Para saber a respeito, é preciso entrar na complexa mente de alguém particularmente brilhante: o Ministro Marcelo Navarro Ribeiro Dantas.

Foi-me proporcionado um privilégio típico dos Grandes Navegadores: descobrir a existência de uma terra desconhecida. Compartilhamos, eu e Marcelo, o mesmo apartamento em Recife por quatro anos e, num dia absolutamente ordinário, ao abrir o computador, descobri a simples existência da Tralhamênia, descrita com impressionante riqueza de detalhes quanto a todo e qualquer elemento indispensável numa civilização contemporânea. Os documentos eram ilustrados com desenhos incrivelmente perfeitos e chamava atenção a robustez das narrativas.

A genialidade do meu companheiro de apartamento me impressionou muitas vezes, mas aquele momento me ficou especialmente marcado na memória. Já tínhamos ali uma civilização em plena maturidade, mas findei descobrindo que a Tralhamênia já era uma criação de décadas, desde a tenra infância de nosso ministro.

Só os grandes conseguem construir uma civilização, um deles é Marcelo.

Durante um certo tempo, participei ativamente da vida política e jurídica da Tralhamênia. Ajudei a reformar a constituição e opinei, às vezes de forma intransigente, sobre alguns elementos

que considerava importantes para o aprimoramento daquele país. Fui testemunha da revolução que culminou com a queda do regime político e o fundador da nova capital, Obrigado Obrigado, tendo sido eleito seu primeiro prefeito, enquanto trafegávamos pelo interior da Normandia.

O nome da capital se deve a uma prática muito comum entre nós naquela época: cobrar jocosamente quando um favor era prestado e insinuar a ingratidão do outro, hábito que virou uma espécie de meme familiar daquela época, alastrando-se até mesmo entre os seus sogros José Rocha e Vivi. Como uma dessas provocações ocorria precisamente no instante de fundação da nova capital de Algures, a história foi implacável e a cunhou justamente de Obrigado Obrigado.

Caro Ministro Ribeiro Dantas,

O universo produz poucas figuras especialmente fascinantes. Sou testemunha de que você é certamente uma delas.

Não foi em vão que, nesta parcela de terra fervente em forma de elefante, brilhante como uma esmeralda da cor de sua bandeira e dos lindos olhos de Cleide Navarro Ribeiro Dantas, onde seu povo tem enfrentado a dor da sede causada por aquela que é talvez a maior seca de sua história, água jorrou de forma abundante no dia de sua nomeação ao STJ. Eram lágrimas de muitos, daqueles de quem você talvez não esperasse, vibrantes de emoção pelo orgulho de ver um de seus mais ilustres filhos recompensado pela busca do caminho sempre retilíneo do esforço e do mérito.

Esse foi um dia de verdadeiro alívio para os potiguares. Os pais firmemente dirigiram um olhar sincero aos seus filhos e tranquilamente puderam assegurar que, no labirinto da vida, o caminho às vezes espinhoso do estudo, do trabalho e da retidão também conduz ao sucesso. Observar a vida honrar a sua trajetória trouxe aquela prazerosa sensação de dever cumprido para os idosos e um sopro de esperança para as futuras gerações.

Caro Marcelo,

Peço que localize Ariadna no auditório. Circule um pouco o olhar e tente encontrar seus inúmeros familiares. Depois o dirija aos

juízes federais potiguares. Agora aos procuradores da República. A cada servidor com o qual você trabalhou. Perceba quantas autoridades fizeram questão de comparecer a esta solenidade, algumas das quais sentadas orgulhosamente ao seu lado. Veja a quantidade e qualidade de amigos que o Rio Grande do Norte lhe proporcionou.

Essas pessoas são a verdadeira Tralhamênia. Cada uma representa uma pequena ou grande tralha na sua vida. Uma inexplicável simbiose entre essas tralhas as transformou numa rocha dura como um diamante, que se juntou a outra rocha muito preciosa, rocha até no sobrenome, formando uma joia de inestimável valor.

Há notícia de que, quando criança, o ministro não conseguia controlar o choro. A ordem de Dona Cleide, sua mãe, para que o engolisse não surtia muito efeito. O ministro já era um exímio argumentador e justificava que somente conseguia engolir o choro com remédio. Foi então que sua mãe decidiu comprar umas balinhas e colocá-las num frasco de remédio, ministrando a droga sempre que o filho estivesse chorando. O “Cala Marcelo”, nome que o medicamento recebeu, revelou-se uma droga extremamente eficaz e o seu usuário, sempre que a ingeria, parava imediatamente de chorar.

Eis que, nesse preciso momento da história da Tralhamênia, desaparecia o chorão, porém nascia o hipocondríaco, que sonha com um diploma de medicina para se automedicar e exhibe sacolas de farmácia como se fosse uma nova gravata.

Caro Marcelo,

O Rio Grande do Norte presenteou você ao Brasil para exercer uma função de extrema responsabilidade. Não nos enganemos. Muitos serão os momentos de dúvida, de angústia e de saudade. Saiba, porém, que mesmo nos momentos mais difíceis, mesmo quando você incorrer em seus raros erros, os potiguares estarão ao seu lado, tamanha a confiança que lhe nutrem.

Segundo Mario Prata, um dos autores preferidos de sua filha Helena, “tristeza é uma mão gigante que aperta o seu coração”. Assim, quando esse aperto estiver muito intenso e você tiver dificuldade de engolir o choro, venha ao Rio Grande do Norte. Aqui você será recebido com mãos gigantes sempre cheias de balinhas. Fique um

tempo e não tenha pressa em voltar, porque o mesmo Mario Prata lembra que “felicidade é um agora que não tem pressa nenhuma”.

E, sobretudo, nunca se esqueça da importante lição da escritora americana Zora Neale Hurston: “Viver sem amigos é como tentar tirar leite de um urso para o café da manhã. Dá muito trabalho e não vale a pena”.

Senhoras e senhores,

A Justiça Federal e o Ministério Público Federal no Rio Grande do Norte jamais abririam mão do privilégio de homenagear um ícone do nosso direito cuja identidade foi cunhada a partir dos valores que carregam as duas instituições. Aliás, o longo período de dedicação a cada uma delas talvez o tenha tornado a maior expressão da coesão, do respeito, da admiração mútua e da histórica harmonia entre elas.

Agradeço, pois, em nome dos juízes federais norterriograndenses, aos nossos conterrâneos procuradores da República, pela disponibilidade e pela confiança de prestarmos juntos esta tão relevante homenagem.

“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça porque serão saciados”. Para orgulho dos brasileiros, Marcelo decidiu ouvir as preces de Jesus, imbuído certamente do sofrimento de cada forte sertanejo potiguar que passa fome e sede, e ingressar no Poder Judiciário, mostrando uma curiosa vocação para julgar, cuja excelência é reconhecida e admirada por cada um dos juízes federais que integram esta Seção Judiciária.

Exercerei o atrevimento da imodéstia. Falo em nome daqueles que foram reconhecidos, pelo Conselho Nacional de Justiça, os mais produtivos juízes e servidores do Poder Judiciário brasileiro no ano passado. Falo por uma instituição que orgulha a nossa terra e que consegue a façanha de sempre projetar nomes para as mais relevantes funções do Poder Judiciário.

Caro Marcelo,

Você tem a alma da nossa instituição. Existe genuinamente um juiz federal dentro de você. Segundo Sócrates, “três coisas devem

ser feitas por um juiz: ouvir atentamente, considerar sobriamente e decidir imparcialmente”. Virtudes que esbanjam em seu exercício profissional e que confirmam o que disse há pouco em vídeo a procuradora da República Caroline Maciel: “O povo brasileiro, os jurisdicionados, merecem um julgador como você”.

Marcelo perpetua o legado de um grande homem: seu pai, o professor e procurador Múcio Vilar Ribeiro Dantas, alguém que dedicou a vida ao direito e à agricultura. Ainda na infância, Marcelo foi à fazenda da família com o pai e o único irmão, também chamado Múcio. Tiveram sede, pararam numa casinha e pediram água. A dona da casa os recebeu de forma acolhedora com copos cheios de água barrenta. Marcelo logo disse à senhora que queria mesmo água e não caldo de cana, no que foi repreendido pelo pai, que então o obrigou a beber toda a água que estava no copo.

Aquele episódio era uma revelação para Doutor Múcio: Marcelo seria seu sucessor no direito, não na agricultura.

O ministro sempre foi muito apegado à mãe, que lhe devotava um carinho muito especial. Ainda bebê, recebeu dela o apelido de “manga rosa”. Mesmo na idade universitária, Dona Cleide o esperava para almoçar após as aulas na UFRN e o colocava para dormir. Conta-se que chegava esfomeado e, se ainda fosse cedo, o desespero era tão grande que comia antes do restante da família. Se por acaso Dona Cleide não estivesse em casa, aperreava a irmã mais nova, Mônica, para que o olhasse almoçar, fizesse companhia e o colocasse para dormir. Quem conhece a insistência daquele jovem sabe que Mônica não raras vezes cedia ao apelo e, dependendo do humor, atendia os desejos do irmão.

Mônica, aliás, teve o gosto e o sumo da manga rosa. Na semana passada, ao conversarmos, confessou que ser “uma loucura conviver com Marcelo, uma verdadeira aventura”. Depois de alguns anos de convivência, posso dizer que Marcelo teve pelo menos três cobaias para os seus experimentos mais excêntricos: a irmã Mônica (talvez a maior vítima), a filha Helena e este orador. Certa vez eu lhe disse que ele temia Ariadna, o filho, Marcelo, e a minha esposa, Danielle, e que por isso as vítimas freqüentes éramos Mônica, Helena e eu. Ele não retrucou e esboçou apenas aquele sorriso típico de criança quando sai do castigo.

Darei provas da aventura.

Marcelo sempre desejou o almoço de Mônica, que era absolutamente idêntico ao dele. Dizia que o dela era melhor e implorava para que lho vendesse.

Mônica entrava no banheiro, lá estavam diariamente recados escritos com sabonete.

Na adolescência, Marcelo escondeu por longos quatro anos um coração de cristal que ela ganhara do hoje esposo Carlos Theodorico Bezerra. Tanto tempo se passou que ele até já havia esquecido do fato, até que Chica, amada companheira da família, achou o artefato e o delito foi confessado.

Mas o ponto alto do espetáculo se passava quando os pais saíam. Marcelo se achava o dono da casa e começava a argumentar veementemente, com a mesma verve que o transformou num exímio magistrado, que Mônica era, na verdade, uma filha de criação. O argumento era solidamente fundamentado: Mônica era mais morena de todas as suas irmãs e não poderia ser filha biológica dos mesmos pais. Lembrava que não havia fotografias de Dona Cleide enquanto grávida de Mônica e que, embora sua mãe insistisse em negar, ele era o portador da verdade: ela era filha de Seu José e Dona Mariinha, dois moradores do Timbó, fazenda da família. Como o casal que a havia gerado era muito pobre e não tinha recursos econômicos para mantê-la, Doutor Múcio, compadecido com aquela linda menina, decidiu levá-la para sua casa e criá-la como filha.

Tão logo os pais chegassem em casa, Mônica tirava a prova e, ainda que recebesse uma negativa incisiva de sua mãe, somente muitos anos depois se conformou de que realmente não era filha adotiva. O poder de argumentação era tão forte que a dúvida remanesca.

Marcelo é a prova viva de que atazanar a vida de um ser humano também pode ser um gesto de amor! Mônica afirma que ainda guarda com carinho cada momento que passaram juntos, muito próximos, na infância e na adolescência, e que o maior legado que lhe deixou o irmão foi prepará-la para as adversidades da vida, algo que somente quem ama muito consegue realizar.

Senhoras e senhores,

Sou obrigado a lhes confessar que essas histórias me soam particularmente familiares. Há quase dez anos, quando ainda dividíamos apartamento em Recife, Marcelo chegou com o que dizia ser a história da minha vida, escrita resumidamente em quatro páginas. Minha mãe, uma respeitada professora universitária, viajara à Índia, onde encontrava aquele bebê da casta dalit chorando à beira do Rio Ganges. Compadecida, trouxe aquela criança indiana ao Brasil para que ela, alguns anos depois, se tornasse juiz federal.

Naquela época, passei mais de uma semana sem a minha aliança de casamento, que ele escondera e jurava convictamente, em nome de qualquer divindade que eu desejasse, que não tinha sido responsável pelo sumiço. Diariamente, antes de eu acordar, deixava ao lado da minha cama, no chão, a frase do dia, normalmente algo representativo do que ocorrera na véspera ou de do que aconteceria horas depois.

Certa vez, enquanto o então Corregedor do TRF5 estava reunido em meu gabinete, tentou contato comigo de forma insistente. Durante quarenta e cinco minutos, foram trinta e dois telefonemas e cinco mensagens de texto. Tudo isso porque queria saber onde iríamos jantar. Teimoso como um certo animal típico do Nordeste, insistiu após na normalidade da conduta, sob o vazio argumento de que o Corregedor era o potiguar Luiz Alberto Gurgel de Faria, de quem fiz testemunha, mostrando a quantidade de ligações em tão pouco tempo.

Definitivamente, é mesmo uma aventura conviver com Marcelo. Percebam todos que os métodos são muito parecidos com os momentos que tiveram a irmã Mônica como vítima!

É difícil entregar ao ministro uma tarefa que não consiga desempenhar. Produz caricaturas como poucos, é um talentoso desenhista, já mostrou de público ser um exímio cantor, é um cozinheiro de mão cheia. Conhece sobre todos os assuntos e executa qualquer atividade. É poeta e escritor, acadêmico das letras, e dicionarista. Lembro de um dicionário que produziu sobre as palavras de Guimarães Rosa, no Grande Sertão Veredas. Por incrível que pareça, é especialista até em imitar assinaturas!

Particularmente, se não fosse eu mesmo testemunha, custaria a acreditar que uma mente consiga assimilar tantas capacidades. É literalmente alguém que já foi de tudo na vida, até super-herói.

Para Helena, sua filha, fazia o papel de Caveira, uma espécie de super-herói, que aparecia quando estivesse magro e perdia forças quando ele engordava. Helena então era sua incentivadora nas dietas, na esperança de que, quando o pai emagrecesse, Caveira pudesse voltar para o convívio.

Para Helena e Marcelo, seu filho, era alguém que se empenhava em transformar o mundo em algo fascinante, compartilhando com eles a riqueza de seu conhecimento. Decidiu levar os filhos, com doze e dez anos, para a Escandinávia, uma viagem que todos advertiam não ser adequada para crianças. Helena, porém, conta que até hoje se recorda das narrativas espetaculares dos castelos, de reis e rainhas, dos vikings, do barco que naufragou, das guerras entre os países para conquista de territórios. A imaginação de ambos viajava enquanto o pai contava aquelas riquíssimas histórias.

Foi um insistente incentivador da leitura, forte na afirmação de Monteiro Lobato de que “um país se faz com homens e livros”. Monteiro Lobato, aliás, foi a primeira leitura indicada para os filhos, inicialmente resistentes e hoje apaixonados pela leitura. Não por acaso, o filho Marcelo, absorvendo o gosto pelas letras, foi agraciado na semana passada com o prêmio Geraldo Ataliba, o mais importante concurso nacional envolvendo os jovens autores em direito tributário, com um artigo curiosamente sobre imunidade tributária e cultura.

Os filhos também herdaram o hábito, que adquiriram de seu pai, de fazer anotações nos livros e de relê-los, a fim de comparar as anotações e refletir sobre as mudanças de ponto de vista. Certa vez Helena lhe disse que tinha Mario Prata como um de seus autores preferidos, a ponto de ter lido alguns de seus livros mais de três vezes. Embora fossem onze horas da noite, ele imediatamente telefonou para Mario Prata só para lhe narrar esse fato. Disse-lhe que Helena era admiradora de sua obra e lhe entregou o telefone. Mario Prata então passou o seu endereço pessoal a Helena e lhe pediu que mandasse o livro, cheio de anotações, de tempos diferentes da vida dela. Meses

depois, Helena recebe o livro de volta, com os comentários de Mario Prata sobre suas anotações.

Marcelo é ainda um grande tradutor. Ainda na infância de seus filhos, traduziu todos os livros de Harry Potter para que eles os lessem antes mesmo de chegar ao Brasil a versão em português. Audacioso, anos depois passou a traduzir de forma quase profissional as obras do escritor siciliano Andrea Camilleri, escritas num dialeto próprio da região do autor, com marcantes diferenças em relação ao italiano.

Embora abundantes, aqui os títulos formais do ministro não importam. Importam os títulos chancelados pelo coração: filho exemplar, irmão amoroso, amigo fraterno, pai devotado, esposo apaixonado.

Querida Ariadna,

O silêncio foi proposital. Não a quero como parte da homenagem; quero render uma homenagem diretamente a você. Victor Hugo disse certa vez que “a alegria suprema da vida é a convicção de que somos amados” e isso eu pude constatar quando testemunhei o Ministro Ribeiro Dantas ajoelhado aos seus pés, com lágrimas nos olhos, quando recebeu a notícia de sua nomeação ao STJ.

Rousseau disse certa vez que “as mulheres constituem a metade mais bela do mundo” e é assim que seu esposo a reconhece. Poucas vezes testemunhei um amor tão devotado e verdadeiro. Ao vê-lo aos seus pés, emocionei-me quando percebi a sinceridade de suas palavras ao afirmar que o único objetivo de se tornar ministro era lhe garantir saúde, que você era sua razão de viver.

De mera aparência de fragilidade, Ariadna não é rocha apenas no sobrenome. É a rocha da família, a verdadeira juíza da casa, esbanjadora de uma vitalidade discreta e de uma nítida firmeza de propósitos, que garantem a solidez familiar. É um ser humano muito especial, cujas notáveis virtudes me fizeram lhe entregar um tesouro muito precioso que construí na vida, minha filha Laura, de quem Ariadna se tornou madrinha e fada madrinha.

Ontem pedi à doce Laurinha que fechasse os olhos e dissesse o que aparecia. Ela respondeu que se via abraçada à sua madrinha.

Pediu-me para lhe contar que a ama muito, que está com muita saudade, que ela se parece com uma flor e que não vê a hora de frequentar a piscina da nova casa de Brasília.

Querida comadre,

Os juízes federais do Rio Grande do Norte e todos os que estão aqui neste auditório, choraram e riram com você e por você. Formou-se uma corrente de fé e oração que uniu os potiguares. Hoje, mais do que a nomeação de Marcelo ao STJ, celebramos a sua vida e o privilégio que é tê-la conosco. Sinta-se no coração de cada um de nós, afeto expresso em cada balão que colocamos no teto deste auditório neste especial mês de outubro rosa.

Eis que, como com as almas gêmeas, aparece uma nova manga rosa para compartilhar a vida com o nosso ministro. Um amor tão sincero e puro, quase juvenil, cuja intensidade não consegui descrever e, por isso, recorro à poesia da letra de Tom Jobim:

Se todos fossem  
Iguais a você  
Que maravilha, viver  
Uma canção pelo ar  
Uma mulher a cantar  
Uma cidade a cantar, a sorrir, a cantar, a pedir  
A beleza de amar  
Como o sol, como a flor, como a luz  
Amar sem mentir nem sofrer  
Existiria a verdade  
Verdade que ninguém vê  
Se todos fossem no mundo iguais a você

Aproximando-me do fim, apresento a lição do Apóstolo Paulo como a frase do dia: “Quem ama o próximo, cumpre a lei”. A casa da justiça é também a casa do amor. Quem não ama, não faz justiça. Com esta homenagem, fazemos justiça a um homem de

coração grande, que ama a justiça e ama distribuir justiça. Nesta homenagem, todos os que aqui estão assumem um compromisso: seremos seu exército, caro ministro, para qualquer momento de adversidade, inspirados pela maior arma que nos ensinou sua mãe, Cleide Navarro Ribeiro Dantas, estas balinhas, que lhe oferecemos como sinal de lealdade e afeto.

Engula o choro, ministro. Seremos as tralhas que estarão sempre acompanhando seus caminhos, algures.

Seja muito, muito feliz!

Muito obrigado.

\*Discurso proferido por ocasião da homenagem ao Ministro Marcelo Navarro Ribeiro Dantas por sua ascensão ao Superior Tribunal de Justiça.

**MARCO BRUNO MIRANDA CLEMENTINO** é Juiz Federal e professor.

# HOMENAGEM A AGNELO ALVES\*

*Tomba Farias*

Jornalista por vocação e político por circunstância, Agnelo era **um fazedor de coisas simples**, como ele próprio se definia.

Ele nasceu em Ceará-Mirim, mas foi no sertão de Angicos que viveu a sua primeira infância, com seus irmãos e irmãs - Maristela, Neuza, Aluízio, Garibaldi, Zé Gobat, Expedito, Carmem e Diúda.

Em Natal, veio para estudar interno no colégio Marista. Em pouco tempo, no entanto, uma tuberculose o afastou dos bancos escolares.

Esta foi a sua primeira batalha.

Dela saiu vitorioso.

Com a fundação da Tribuna do Norte, o jovem Agnelo descobre a sua vocação para o jornalismo.

Nascia aí o talentoso jornalista Agnelo Alves, um autodidata, pois a moléstia que o atacou e o tirou dos bancos escolares, não permitiu seu acesso à formação universitária.

Como jornalista, Agnelo transpôs as fronteiras da provinciana Natal dos anos 50.

No Rio de Janeiro, onde fixou moradia naquela época, ele trabalhou na Tribuna da Imprensa, ao lado de grandes nomes do jornalismo, como Carlos Lacerda, Aluízio Alves, José Sarney, Murilo Melo filho, entre outros.

Na imprensa carioca trabalhou ainda no Diário Carioca, Jornal do Brasil, foi correspondente do Estado de São Paulo e do Diário de Pernambuco, onde assinava uma coluna na primeira página daquele periódico.

Em 1960, Agnelo retornou ao estado para coordenar a campanha do seu irmão Aluízio Alves ao Governo do Estado.

Jornalista sagaz e habilidoso, ele escreveu até horóscopo no jornal, como estratégia para influenciar na movimentação do candidato adversário.

Com a vitória de Aluízio ao governo do estado, Agnelo foi convidado por seus amigos **José Aparecido de Oliveira e Carlos Castelo Branco** para assumir uma vaga na equipe de comunicação do presidente Jânio Quadros.

A sua ida para a capital do país não se concretizou.

Embora com a mudança já em cima do caminhão, Agnelo não chegou a sair de Natal, por conta de um problema que havia surgido com relação a indicação do nome que iria ocupar o gabinete civil do governo Aluízio Alves – cargo que estava sendo disputado pelos **Deputados Aluízio Bezerra e Grimaldi Ribeiro**.

Com o impasse, o amigo **Manoel de Brito** entra em cena e sugere ao governador o nome de Agnelo para o cargo.

Agnelo, aliás, atuou como um coringa no Governo Aluízio Alves, assumindo diversas secretarias, inclusive a antiga FUNDHAP, órgão habitacional que surgiu antes mesmo da fundação do extinto BNH e que foi o responsável pela construção da Cidade da Esperança.

Em 1965, circunstâncias políticas surgidas em torno da formação da chapa governista para a prefeitura do Natal levaram Agnelo a assumir o executivo natalense.

Naquele tempo, o candidato natural a prefeitura seria **Erivan França**, nome considerado imbatível, mas que não obteve o aval do **Monsenhor Walfredo Gurgel**, que era o candidato ao governo do estado.

O impasse estava criado!

Coube, no entanto, ao próprio Erivan França surpreender Aluízio Alves, ao indicar Agnelo Alves para assumir o seu lugar como candidato a prefeito.

Naquela memorável campanha saíram vencedores monsenhor Walfredo Gurgel e Clovis Motta na chapa majoritária para o governo do estado e Agnelo e Ernani Silveira na chapa da prefeitura.

Eram tempos duros, moldados sob os coturnos da ditadura.

Até para assumir o cargo foi difícil.

Não demorou muito para ocorrerem as primeiras cassações.

Em 1968, Aluízio e Garibaldi Alves.

Em 1969, Agnelo Alves, prefeito de Natal.

No ostracismo, Agnelo volta ao jornalismo, na Tribuna do Norte, que se tornou sua trincheira de guerra contra o arbítrio.

Cassado, Agnelo já não era cidadão.

Sequer tinha direito a identidade.

Usava pseudônimos para escrever.

Nascia, então, o personagem “**Neco**”, que recebia as “**Carta ao Humano**”, escritas pelo próprio Agnelo, todas recheadas de assuntos cotidianos, misturados com recados altamente inteligentes, mas sempre com uma conotação política.

Paralelamente às atividades jornalísticas, Agnelo assumiu o conselho deliberativo do ABC Futebol Clube, função que lhe permitia falar no rádio e dar entrevistas.

Estava ele ao lado da maior torcida do Estado, vivendo grandes momentos ao longo de dez anos, com seis campeonatos conquistados.

**Senhor presidente, senhores deputados, meus senhores e minhas senhoras...**

Agnelo, no entanto, não era tão somente o político, o jornalista, o articulista, repórter, cronista das coisas da cidade e do esporte, protagonista de fatos da política local e nacional...

Sob a capa de um Agnelo que era admirado pelos amigos e respeitado pelos adversários, havia o Agnelo humanista, que trazia consigo a doçura dos verdes canaviais de Ceará-Mirim.

Agnelo era dotado de uma irreverência impar, que servia de ingrediente para temperar seus momentos de descontração.

Em Natal ou nos veraneios de Pirangi, Agnelo criava estórias bem humoradas, geralmente envolvendo os seus colegas jornalistas.

Ele gostava de contar que certa vez o jornalista Osni Damásio estava em Jucurutu e foi visitar dona Teresinha, mãe do deputado Nelter Queiroz.

Querendo mostrar prestígio para o colega Vicente Neto, que o acompanhava, Osni teria dito para a mãe de Nelter:

“Bom dia dona Teresinha, está me conhecendo?”

De imediato, dona Teresinha teria respondido:

“Quem não conhece esse bicho feio? Como é mesmo o seu nome coisa malassombrada?”.

Sobre Osni, Agnelo costumava dizer que Deus conseguiu botar no mundo alguém mais feio do que ele próprio.

Era assim Agnelo.

Dono de um humor altamente irreverente.

Há alguns anos atrás, o jornalista Flávio Marinho também foi alvo das tiradas de Agnelo.

Era verão em Pirangi.

No meio de uma brincadeira, o jornalista achou de pedir a Agnelo para lhe doar um terreno bem localizado para fazer uma fundação no litoral.

Agnelo de imediato concordou com o pedido, na condição de que Marinho usasse o terreno até o fim de sua gestão como prefeito.

Dias depois, ele convidou o jornalista para conhecer o terreno doado:

Era nada mais, nada menos, do que uma cova no cemitério de Pirangi.

A estória, é claro, virou folclore naquele litoral.

Nem mesmo o rígido “**Padrão Global**” resistia a impetuosidade do humor de Agnelo.

Nos primórdios da Tv Cabugi, Agnelo apresentava o **Bom dia Rio Grande do Norte** ao lado da bela jornalista **Eliane Pereira**.

O contraste fisionômico entre ele e a formosa profissional rendeu uma matéria na **Revista Veja Nordeste**, que publicou um texto com foto e o seguinte título: **A bela e a fera**.

No dia seguinte, sem preocupar-se com a rigidez global, **Agnelo abriu o Bom dia RN comentando que ele era o belo e Eliane a fera.**

Não se poderia esperar outra coisa dele.

Agnelo Alves tinha pavor a solidão.

Queria sempre que o maior número de pessoas participasse do que ele via, sentia, apreciava e ouvia.

Segundo ele, não precisaria da **Pena Capital** para destruí-lo. Bastaria ficar isolado do mundo.

Ele tinha absoluta necessidade de conviver e amava a vida.

Foi na aridez de Angicos que deixou aflorar em si a sua **“Santa Rebeldia”**, atributo que utilizou ao longo de toda a sua existência para **lutar, resistir e vencer os obstáculos e infortúnios da vida.**

Agnelo gostava de ser tratado como jornalista e sempre dizia em suas entrevistas:

“Pode perguntar qualquer coisa, não existem perguntas inconsequentes que não possam ser respondidas com irreverência”.

Há 34 anos, o jornalista Agnelo Alves em sua “Carta ao Humano”, se dirigindo ao personagem Neco, finalizou um dos seus artigos escrevendo:

**“Sou grato a Deus por ter me feito assim de quem me concebeu e capaz de conceber a quem concebi, no amor que nos une a todos, e na alegria com que fecundamos as nossas vidas”.**

**“Sou assim”.**

**“Vivi assim”.**

\*Discurso pronunciado na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte em 16.7.2015.

**TOMBA FARIAS** é Deputado Estadual.

## BENEDITO VASCONCELOS MENDES: 70 ANOS \*

Hoje é dia de recordação e de agradecimentos. Recordar a caminhada que empreendi em solo mossoroense desde o dia 14 de janeiro de 1970 até hoje. Passei muito mais tempo em Mossoró do que na Sobral onde nasci. Saí de Sobral com 24 anos de idade e moro há 46 anos em Mossoró. Vim de Sobral carregado de sonhos e projetos e com a bagagem moral, religiosa e de convivência social ensinada pelos meus pais.

Aprendi a ser cidadão ainda menino, de modo que cheguei à Mossoró já cultivando as virtudes do bem. Mossoró me possibilitou o aperfeiçoamento profissional. Aqui, estimulado pelo meu maior amigo Vingt-un Rosado, fiz mestrado, doutorado e escrevi cerca de cem trabalhos técnico-científicos e quinze livros. Ocupei importantes cargos de direção em várias instituições de ensino e pesquisa: diretor da antiga Esam – Escola Superior de Agricultura de Mossoró, presidente da Emparn – Empresa de Pesquisa Agropecuária do Rio Grande do Norte, chefe geral da Embrapa meio-norte, em Teresina, diretor do Cemad da UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e superintendente do Ministério da Agricultura em Natal. Fui presidente de importantes Sociedades Científicas: Sociedade Brasileira de Fitopatologia, Sociedade Brasileira de Nematologia, Sociedade Brasileira de Algaroba, Vice-Presidente da Sociedade Botânica do Brasil e outras. Sinto-me totalmente realizado na área profissional.

Na minha vida familiar Deus e a mãe dele me ajudaram a educar meus filhos, de modo que todos eles são pessoas de bem e profissionais vitoriosos. Na parte social, passei minha vida cultivando amizades e a prova do meu sucesso nesta área é a presença de vocês nesta solenidade e o livro organizado pelas professoras Taniamá Vieira e Susana Goretti Lima Leite e escrito por treze queridos amigos:

- José de Arimatea de Matos
- Pedro Fernandes Ribeiro Neto
- Francisco Carlos Carvalho de Melo
- Joana d’Arc Fernandes Coelho
- Antonio Jorge Soares
- Antonio Gilberto de Oliveira Jales
- Vânia Gomes Brito Diógenes

- José Romero Araújo Cardoso
- Marcela Ferreira Lopes
- Maria do Socorro Cavalcanti
- Anna Maria Cascudo Barreto
- Francisco Marcos de Araújo
- José Joab Aragão

Agradeço com grande contentamento a Deus pelo dom da vida e rogo a ele que continue me dando vigor e entusiasmo para continuar engrandecendo a cultura da minha terra.

Agradeço sensibilizado à Camara Municipal de Mossoró, na pessoa do seu presidente Jório Nogueira, pela realização desta sessão solene em homenagem aos meus 70 anos de vida, proposta pelos vereadores Francisco Carlos Carvalho e Vingt-un Rosado Neto e aprovada por unanimidade. Igualmente agradeço ao corpo de sócios do Icop – Instituto Cultural do Oeste Potiguar pela sessão solene em homenagem ao transcurso do meu septuagésimo aniversário.

Agradeço a todos os estimados amigos que escreveram, com a linguagem do coração, estas impressões sobre minha pessoa, encerradas neste livro “Benedito Vasconcelos Mendes – Um Projeto... Vários Desafios”, especialmente à querida amiga Taniamá Vieira e à minha esposa Susana Goretti, que sentindo a frustração do meu esforço para comemorar dignamente o meu aniversário, através da 13ª jornada cultural do Museu do Sertão, a qual foi inviabilizada por uma inesperada enfermidade que me acometeu, tiveram a ideia de substituir aquela festividade pelo lançamento deste livro escrito por intelectuais amigos do aniversariante.

Muito obrigado aos meus filhos e genros, Tely, Milton Neto, Liana, Camila, Beto Saboya e Rodrigo, às minhas irmãs Glória e Graça, aos amigos de outros estados, alguns que vieram de cidades tão distantes, como Fernando Bemerguy e mais quatro familiares, que se deslocaram de Belém do Pará.

Deus me mantenha com saúde e preserve minhas amizades. Muito obrigado!

\*Discurso proferido pelo professor Benedito Vasconcelos Mendes, por ocasião da sessão solene da Câmara Municipal de Mossoró em homenagem aos seus 70 anos.

## Situação em dezembro de 2015

<b>Cadeira</b>	<b>Patrono</b>	<b>Primeiro Ocupante</b>	<b>Sucessores</b>
1	Padre Miguelinho	Adauro da Câmara	Raimundo Nonato da Silva, Sylvio Pedroza, Claudio Emerenciano.
2	Nísia Floresta	Henrique Castriciano	Hélio Galvão, Grácio Barbalho, Ernani Rosado.
3	Cons. Brito Guerra	Otto Guerra	José de Anchieta Ferreira.
4	Lourival Açucena	Virgílio Trindade	Enélio Lima Petrovich, Agnelo Alves. (vaga).
5	Moreira Brandão	Edgar Barbosa	Ascendino de Almeida, Manoel Onofre Jr.
6	Luís Carlos Wanderley	Carolina Wanderley	Gumercindo Saraiva, João Batista Pinheiro Cabral.
7	Ferreira Nobre	Antônio Soares	Mariano Coelho, Nestor dos Santos Lima
8	Isabel Gondim	Matias Maciel	Walter Wanderley, Nilson Patriota, Nelson Patriota (eleito)
9	Almino Afonso	Nestor Lima	Cristóvão Dantas, Humberto Dantas, Peregrino Junior, Dorian Gray Caldas.
10	Elias Souto	Bruno Pereira	Paulo Macêdo
11	Padre João Maria	Januário Cicco	Onofre Lopes da Silva, Miguel Seabra Fagundes, Fagundes de Menezes, Paulo de Tarso Correia de Melo
12	Amaro Cavalcante	Juvenal Lamartine	Veríssimo de Melo, Oswaldo Lamartine de Faria, Paulo Bezerra.
13	Luís Fernandes	Luís da Câmara Cascudo	Oriano de Almeida, Anna Maria Cascudo Barreto Eulália Duarte Barros (eleita).
14	Joaquim Fagundes	Antônio Fagundes	Raul Fernandes, Armando Negreiros.
15	Pedro Velho	Sebastião Fernandes	Antonio Pinto de Medeiros, Eloy de Souza, Umberto Peregrino, Francisco Fausto.
16	Segundo Wanderley	Francisco Palma	Rômulo Wanderley, Maria Eugênia Montenegro, Eider Furtado de Mendonça e Menezes.
17	Ribeiro Dantas	Dioclécio Duarte	Aluizio Alves, Ivan Maciel de Andrade.

18	Augusto Severo	Waldemar de Almeida	D. Nivaldo Monte, Pe João Medeiros Filho.
19	Ferreira Itajubá	Clementino Câmara	Nilo Pereira, Murilo Melo Filho.
20	Auta de Souza	Palmira Wanderley	Mario Moacir Porto, Dorian Jorge Freire, José Hermógenes de Andrade Filho. (vaga).
21	Antônio Marinho	Floriano Cavalcanti	Luiz Rabelo, Valério Mesquita.
22	Côn. Leão Fernandes	Côn, Luís Monte	D. José Adelino Dantas, Côn. Jorge Ó Grady de Paiva, Côn. José Mário Medeiros.
23	Antônio Glicério	Bezerra Júnior	Othoniel Menezes, Jaime dos G. Wanderley, Iaperi Araújo
24	Gothardo Neto	Francisco Ivo Cavalcante	Antídio Azevedo, Antônio Soares Filho, Tarcísio Medeiros, Sônia Fernandes Faustino.
25	Ponciano Barbosa	Aderbal de França	Inácio Meira Pires, João Wilson Mendes Melo.
26	Manoel Dantas	José Augusto Bezerra de Medeiros	Diógenes da Cunha Lima
27	Aurélio Pinheiro	Américo de Oliveira Costa	Vicente Serejo
28	Padre João Manoel	Paulo Viveiros	Jurandyr Navarro
29	Armando Seabra	Esmeraldo Siqueira	Itamar de Souza
30	Mons. Augusto Franklin	Manoel Rodrigues de Melo	Aluísio Azevedo, Diva Cunha.
31	Padre Brito Guerra	José Melquíades	Pedro Vicente Costa Sobrinho, Leide Câmara.
32	Francisco Fausto	Tércio Rosado	João Batista Cascudo Rodrigues, João Batista Machado.
33	Tonheca Dantas	Oswaldo de Souza	Hypérides (Peri) Lamartine, Carlos de Miranda Gomes.
34	José da Penha	Alvamar Furtado	Lenine Pinto.
35	Juvenal Antunes	Edinor Avelino	Gilberto Avelino, Ticiano Duarte (vaga).
36	Benício Filho	João Medeiros Filho	Olavo de Medeiros Filho, José Augusto Delgado.
37	Jorge Fernandes	Newton Navarro	Luís Carlos Guimarães, Elder Heronildes.
38	Luís Antônio	José Tavares	Vingt-un Rosado, América Rosado, Benedito Vasconcelos Mendes.
39	Damasceno Bezerra	Raimundo Nonato Fernandes	Marcelo Navarro Ribeiro Dantas (eleito).
40	Afonso Bezerra	Sanderson Negreiros	

**Offset**  
Editora

Este livro foi impresso em cartão Duo Design 250g. (capa) e  
Pólen Bold 90g. (miolo) pela Offset Editora, Natal/RN, em dezembro/2015.

**[www.offsetgrafica.com.br](http://www.offsetgrafica.com.br)**